



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ROSANE LOPES E SILVA

**CAMINHOS PERCORRIDOS PELAS MULHERES PROFESSORAS NO PROCESSO
DE PLENIFICAÇÃO DAS LICENCIATURAS DO CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE CAXIAS-MA**

**BELÉM
2023**

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ROSANE LOPES E SILVA

**CAMINHOS PERCORRIDOS PELAS MULHERES PROFESSORAS NO
PROCESSO DE PLENIFICAÇÃO DAS LICENCIATURAS DO CENTRO DE
ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS-MA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Damião Bezerra Oliveira

**BELÉM
2023**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586 Silva, Rosane Lopes.
Os caminhos percorridos pelas mulheres professoras na
plenificação das licenciaturas do Centro de Estudos Superiores de
Caxias - MA / Rosane Lopes Silva. — 2023.
126 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Damião Bezerra Oliveira
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Belém, 2023.

1. CESC- UEMA. Mulheres Professoras. Plenificação.. I.
Título.

CDD 370

ROSANE LOPES E SILVA

**CAMINHOS PERCORRIDOS PELAS MULHERES PROFESSORAS
NA PLENIFICAÇÃO DAS LICENCIATURAS DO CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE CAXIAS-MA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal do Pará,
como exigência parcial para a obtenção do título
de Doutora em Educação.

Conceito:

Aprovada em: 24/08/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Damião Bezerra Oliveira – UFPA
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento – UEMA
(Examinadora Externa)

Prof. Dr. Alder Dias – UNIFAP
(Examinador Externo)

Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão – UFPA
(Examinador Interno)

Prof. Dr. Waldir Ferreira de Abreu – UFPA
(Examinador Interno)

Prof. Dr. Cezar Luis Seibt – UFPA
(Suplente)

Aos meus pais, Damião Costa e Silva e Regina Lopes e Silva (*in memoriam*), por me ensinarem que o saber sistematizado é uma via possível de ascensão socioeconômica e o quanto é importante apropriar-se dele para viver dignamente.

Aos filhos amados, Roce, Jô e Gustavo Lucas, rebentos que me incentivam a viver.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Todo Poderoso, sem Ele não teria chegado até aqui. Glória, pois, a Ele eternamente! A minha doce e amável mãe, Regina Lopes e Silva e ao meu pai, Damião Costa e Silva (*in memoriam*).

Aos familiares, pelo incentivo.

Ao Prof. Dr. Damião Bezerra Oliveira, pela disponibilidade, ao destinar parte do seu precioso tempo na orientação desta tese; pela paciência, serenidade e “onipresença”: sempre de prontidão para orientar. Suas contribuições foram fundamentais ao meu aprendizado e escrita da tese.

À Prof^a. Dr^a. Franc Lane Carvalho Sousa do Nascimento, pelas valiosas contribuições para construção desta tese.

Aos professores: Dr. Cezar Luis Seibt, Dr. Carlos Jorge Paixão e Dr. Waldir Abreu, pelas contribuições pertinentes.

Às professoras e professores do Doutorado em Educação da Universidade Federal do Pará, pela socialização de conhecimentos fundamentais para realização deste estudo.

Aos colegas do doutorado, pela agradável convivência no decorrer do curso.

Às/aos colegas do grupo de Pesquisa PAIDEA, pelas contribuições e cumplicidade na socialização de conhecimento, sobretudo os filosóficos. Aprendi muito com vocês

À Universidade Estadual do Maranhão e Universidade Federal do Pará, pelo convênio firmado, o qual me possibilitou cursar esse doutorado.

Ao presidente da Academia Caxiense de Letras, por disponibilizar jornais e livros para este estudo.

À presidente e aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias, pela presteza.

Às mulheres professoras aguerridas, sujeitos deste estudo: Carmelita Freitas, Edmée da Costa Leite, Izaura Silva e Joseane Maia, pela colaboração, ao compartilhar parte de suas histórias pessoais e relatar momentos ímpares vivenciados no processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA. Sem a participação de vocês, não seria possível esperar e concretizar essa investigação.

Às amigas “do café”: Cleia Azevedo, Dalva Almeida (*in memoriam*), Elizete Santos, Lélia Cruz e Lucenir Cruz, gratidão pelas “boas conversas” e memórias sobre Caxias e o CESC-UEMA partilhadas, que tanto ajudaram nessa caminhada.

À Paty, pelas contribuições históricas.

“Somos personagens de uma história que nós mesmos criamos, fazendo-nos autores e personagens ao mesmo tempo”.

(Ciampa)

RESUMO

As mulheres professoras que exerceram a docência no Centro de Estudos Superiores de Caxias contribuíram, significativamente, para a História da Educação caxiense, em razão da participação efetiva para além do ofício de professoras. A Faculdade de Formação de Professores de Caxias-MA foi fundada na década de 1960, quando o governo do estado do Maranhão, em convênio com a Universidade de São Paulo (USP) concretizou o projeto histórico, político e educacional. A intenção era qualificar recursos humanos para atender a demanda de professoras(es) que necessitavam de formação em nível superior – licenciatura com duração de dois anos e meio, denominada licenciatura de curta duração – para ministrar aulas nos Ginásios Bandeirantes, recém-criados em Caxias e cidades vizinhas. Assim, evidenciamos, nesta tese, o protagonismo feminino na história dessa instituição de ensino superior na década de 1980, período em que os cursos de curta duração foram plenificados. Partiu-se, pois, do problema que se apresenta por meio de duas indagações: quais os caminhos percorridos pelas mulheres professoras no processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA? Quais as suas contribuições para o êxito do ensino superior em Caxias? A pesquisa bibliográfica, documental e história oral constituíram a metodologia que propiciou a construção desta tese, a qual tem como objetivo geral analisar a trajetória e atuação das mulheres professoras no processo de plenificação das licenciaturas da UEMA – *Campus Caxias* e as suas contribuições para o ensino superior em Caxias. Concluiu-se que a conjuntura sócio-histórica e política contribuiu para a gênese do CESC-UEMA e o quão importante foi o protagonismo das mulheres professoras para a plenificação das licenciaturas ofertadas por essa instituição.

Palavras-chave: Mulheres professoras. CESC-UEMA. Plenificação.

ABSTRACT

The female professors who taught at UEMA – Campus Caxias made significant contributions to the history of education in Caxias due to their participation beyond the role of a professor, starting from the foundation of the Faculty of Teacher Education (FFPEM) in Caxias, Maranhão, since its establishment in the 1960s, when the government of the State of Maranhão, in partnership with the University of São Paulo (USP), implemented a historical, political, and educational project aimed at qualifying human resources to meet the demand for teachers requiring higher education - a two-and-a-half-year short-term degree program, known as a short-term teaching degree - to teach at the newly established Ginásios Bandeirantes in Caxias and neighboring cities. This thesis highlights the leading role of women in the history of this Higher Education Institution during the 1980s when the short-term degree programs were fully implemented. The research is driven by two questions: Which paths did female professors take in the process of implementing the long-term degree programs at CESC-UEMA? What were their contributions to the success of higher education in Caxias? The methodology employed in this thesis includes bibliographic research, document analysis, and oral history, with the main objective of analyzing the trajectory and role of female professors in the implementation of UEMA's teaching degree programs at Campus Caxias, as well as their contributions to higher education in Caxias. The conclusion highlights how the socio-historical and political context contributed to the establishment of Campus Caxias and emphasizes the crucial role played by female professors in the implementation of the teaching degree programs offered by the institution.

Keywords: Women Professors. CESC-UEMA Implementation.

RESUMEN

Las mujeres profesoras que ejercieron la docencia en UEMA - *Campus* Caxias contribuyeron significativamente a la historia de la educación en Caxias debido a su participación efectiva más allá de su rol como profesoras, desde la fundación de la Facultad de Formación de Profesores (FFPEM) de Caxias/MA, desde su establecimiento en la década de 1960, cuando el gobierno del Estado de Maranhão, en colaboración con la Universidad de São Paulo (USP), concretaron un proyecto histórico, político y educativo cuya intención fue calificar recursos humanos para satisfacer la demanda de profesoras/es que necesitaban formación de nivel superior, una licenciatura de corta duración de dos años y medio, para enseñar en los recién creados Gimnasios Bandeirantes en Caxias y ciudades vecinas. Por lo tanto, en esta tesis se destaca el protagonismo femenino en la historia de esta Institución de Educación Superior (IES) en la década de 1980, período en el que los programas de corta duración fueron implementados plenamente. Se partió, entonces, del problema que se plantea a través de dos preguntas: ¿Cuáles fueron los caminos recorridos por las mujeres profesoras en el proceso de implementación de los grados de enseñanza en el CESC-UEMA? ¿Cuáles fueron sus contribuciones al éxito de la educación superior en Caxias? La investigación bibliográfica, documental e historia oral constituyeron la metodología que permitió la construcción de esta tesis, que tiene como objetivo general analizar la trayectoria y actuación de las mujeres profesoras en el proceso de implementación de los grados de enseñanza en UEMA *Campus* Caxias y sus contribuciones a la educación superior en Caxias. Se concluye que la coyuntura sociohistórica y política contribuyó a la génesis del *Campus* Caxias y la importancia del protagonismo de las mujeres profesoras en la implementación de los grados de enseñanza ofrecidos por esta IES.

Palabras clave: Mujeres Profesoras. CESC-UEMA. Caxias.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa regional do Maranhão.....	51
Imagem 2 – Igreja de São Benedito, construída no século XIX (fotografia do século XX)	54
Imagem 3 – Igreja de São Benedito, construída no século XIX.....	54
Imagem 4 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição e São José (Igreja da Matriz), séc. XX ..	55
Imagem 5 – Foto aérea do complexo turístico da Balaiada.....	58
Imagem 6 – Memorial da Balaiada e líderes balaios.....	58
Imagem 7 – Memorial da Balaiada e ruínas do quartel.....	59
Imagem 8 – Memorial da Balaiada e busto de Luís Alves de Lima e Silva.....	59
Imagem 9 – Lenda da Serpente da Igreja do Rosário.....	61
Imagem 10 – Lenda da Veneza, Caxias-MA.....	62
Imagem 11 – Pés de Garrafas	63
Imagem 12 – Poeta Gonçalves Dias	65
Imagem 13 – Poeta Carvalho Júnior.....	66
Imagem 14 – Poeta Íris Mendes	67
Imagem 15 – Poeta Salgado Maranhão	69
Imagem 16 – Companhia da União Têxtil Caxiense, atualmente, Centro de Cultura.....	74
Imagem 17 – Notícia sobre o curso de formação de professores	76
Imagem 18 – Resolução nº 52/74 – autorização para o funcionamento da FEC.....	77
Imagem 19 – Convite da 1ª colação de grau da FEC em 1978 (frente e verso).....	82
Imagem 20 – Placa referente à formatura da 1ª turma da faculdade de Formação de Professores.....	83
Imagem 21 – Colégio Caxiense.....	84
Imagem 22 – Prédio do Ginásio Bandeirante cedido pelo governo do Maranhão	85
Imagem 23 – Professora Joseane Maia Santos Silva.....	88
Imagem 24 – Professora Edmée da Costa Leite	89
Imagem 25 – Professora Izaura Silva	91
Imagem 26 – Professora Carmelita Freitas	93
Imagem 27 – Comissão do MEC prestigiando noite folclórica na FEC, em 1976	98
Imagem 28 – Diretoria APEMA e palestrante.....	100

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACL	– Academia Caxiense de letras
AI	– Faculdade do Vale do Itapecuru
APEMA	– Associação dos Professores do Estado de Maranhão
ASLEAMA	– Academia Sertaneja de Letras Educação e Artes do Maranhão
BDTD	– Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCE	– Conselho Estadual de Educação
CEFET	– Centro Federal de Educação Tecnológica
CESC	– Centro de Estudos Superiores de Caxias
CTI	– Centro Treinamento em Inhumas – Goiás
DINTER	– Doutorado Interinstitucional
ECVC	– Encontro cristão de convivência de casais
ENEL	– Encontro Nacional de LETRAS
FACEMA	– Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão
FEC	– Faculdade de Educação de Caxias
FESTMACPO	– Festival maranhense de conto e poesia
FFLCH	– Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas Letras
FFPEM	– Faculdade de Formação de Professores do Ensino Médio
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	– Instituição de Ensino Superior
IFMA	– Instituto Federal do Maranhão
IHCC	– Instituto Histórico e Geográfico de Caxias
IPLAC	– Instituto Pedagógico Latinoamericano y Caribeño
MEC	– Ministério da Educação e Cultura
OMS	– Organização Mundial de Saúde
PPGED	– Programa de Pós-Graduação em Educação

PUC/MG	– Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
SCIELO	– Scientific Eletronic Libray Online
SIMPROESEMMA	– Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica das Redes Públicas Estadual e Municipais do Estado do Maranhão
SINTRAP	– Sindicato dos Trabalhadores Públicos Municipais de Caxias
UEMA	– Universidade Estadual do Maranhão
UFMA	– Universidade Federal do Maranhão
UFMG	– Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	– Universidade Federal do Pará
UFPB	– Universidade Federal da Paraíba
UFPI	– Universidade Federal do Piauí
UNISINOS	– Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Problematização e tese	22
1.2 Construção do objeto de pesquisa e problematização	23
1.3 Objetivos da pesquisa	25
1.4 Estrutura da tese	26
2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	28
2.1 Caracterização da pesquisa	28
2.2 Procedimentos metodológicos	34
2.3 Sujeitos da pesquisa	37
2.4 Estado do conhecimento	42
3 CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS: LÓCUS DA PESQUISA	50
3.1 A cidade de Caxias	50
3.2 Reconstrução da história do CESC	71
4 AS MULHERES PROFESSORAS E A PLENIFICAÇÃO	86
4.1 Identidade profissional	94
4.2 A contribuição das professoras no processo de plenificação das licenciaturas	96
4.2.1 Caminhos percorridos pelas mulheres professoras no processo de plenificação	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
APÊNDICES	112
ANEXOS	115

1 INTRODUÇÃO

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar;
 Porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.
 E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera
 Esperançar é se levantar,
 Esperançar é ir atrás,
 Esperançar é construir,
 Esperançar é não desistir!
 Esperançar é levar adiante,
 Esperançar é juntar-se com outros
 Para fazer de outro modo

(Paulo Freire, 1992)

A esperança mobiliza as ações intencionais que propiciam as metamorfoses tipicamente humanas, pelas quais mulheres e homens passam, no processo de construção das suas identidades, no decorrer da existência. Refiro-me à esperança do verbo “esperançar”, presente nas ações de mulheres como Severina, da narrativa de Ciampa (1983), e das professoras que atuaram no importante processo de institucionalização das licenciaturas plenas no Centro de Estudos Superiores de Caxias da Universidade Estadual do Maranhão (CESC-UEMA)¹. Lembramos, nessa construção relevante na história da educação superior, o protagonismo de mulheres, como Laura Rosa, Maria Firmina, Filomena Teixeira e tantas outras que são invisibilizadas por certa “lógica” da historiografia brasileira, maranhense, ou, no caso, pela caxiense.

Esse esperançar esteve e está presente na trajetória dessas mulheres, assim como na daquelas que protagonizaram o processo histórico de plenificação² dos cursos de licenciatura do CESC-UEMA. Ao olhar mais de perto e com a necessária acuidade, pode-se compreender que a luta pela plenificação era também um esforço coletivo por uma formação de professores com melhor qualidade, o que representava, igualmente, naquele momento histórico, uma manifestação de comprometimento em prol de uma educação democrática, que se opunha à política autoritária e populista na qual se apoiava a chamada licenciatura curta.

Outro elemento contextual importante era a política de interiorização do estado autoritário brasileiro, que procurava fazer-se presente em municípios do interior do país,

¹ No decorrer dos 55 anos de existência, desde a sua fundação, essa instituição de ensino superior (IES) recebeu várias nomenclaturas, nessa ordem: Faculdade de Formação de Professores do Ensino Médio (FFPEM), Faculdade de Educação de Caxias (FEC), Unidade de Estudos de Educação de Caxias (UEEC) e Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC).

² Neste texto, a palavra “plenificação” refere-se ao processo de passagem dos cursos de licenciatura curta, assim denominados por terem uma duração mínima de dois anos e meio, para licenciatura plena, graduação realizada no período mínimo de 4 anos. Os cursos de curta duração foram instituídos a partir da promulgação da lei nº 5.692/1971, artigo 30, alínea “b”, que assim expressa: “Exigir se-á como formação mínima para o exercício do magistério: ao nível de graduação representada por licenciatura de 1º grau obtida em curso de curta duração.”

inclusive com o incentivo de instalação de polos de universidade sudestinas em regiões como Norte e Nordeste do país, com a finalidade de fortalecer sua posição ideológica.

Portanto, o que esteve em jogo no esforço de plenificação foi algo mais que a simples reforma curricular ou a ampliação do tempo de duração da licenciatura. Tratava-se, em certo grau, de uma reação à política autoritária em nome de uma universidade mais democrática que merece destacar e situar, da mesma maneira, a atuação feminina nesse processo, por se entender que os estados autoritários fortalecem as posições de opressão às mulheres e o domínio patriarcal nas relações sociais.

Desse modo, as mulheres que protagonizaram esse processo de plenificação não se entregaram à espera de mudança e libertação como doação ou acontecimento impessoal conduzido por uma providência. Antes, apostaram e se engajaram na construção de um inédito viável, que é propriamente o que se pode definir com o neologismo “esperançar” (Freire, 1987, 1997).

Para enfatizar a importância do protagonismo de gênero, fala-se aqui de “mulheres professoras” em referência aos sujeitos deste estudo. Pretende-se deixar aparecer esse protagonismo na reconstrução de uma memória coletiva por meio da voz de algumas dessas mulheres que acreditaram e agiram, ao participar efetivamente do processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA.

Embora as instituições pareçam ter vida própria em razão da sua objetivação e permanência, sabemos que essa vitalidade e longevidade dependem das ações de sujeitos que, inclusive, podem se apagar ou se dissolverem em uma espécie de autoria impessoal de “coletivo anônimo”, caso não se proporcionem meios capazes de deixar ver o protagonismo inspirador desses sujeitos, o que torna justificável a realização de pesquisas como a que aqui se propõe (Douglas, 1998).

Trata-se, pois, de uma investigação acerca da institucionalização da formação de licenciadas e licenciados, parte essencial da atuação do hoje denominado Centro de Estudos Superiores de Caxias que, por certo, dispõe-se a contribuir com a história da educação das instituições de ensino superior no estado do Maranhão. No entanto, pretende-se, ao mesmo tempo, destacar e enfatizar o espaço ocupado pelas mulheres nessa construção coletiva, ressaltando, portanto, a agência e ação desses sujeitos específicos.

Tem-se reconhecido o lugar predominante das mulheres no magistério, tanto maior quanto mais elementar é o nível de ensino, associando-se, por vezes, à tal “feminização”, a desvalorização profissional docente, particularmente nos níveis mais elementares de ensino. A lógica que orienta a pesquisa aqui proposta é oposta a essa, na medida em que procura ressaltar

o protagonismo da mulher na educação superior como parte da luta por emancipação social e política que interessa aos diversos segmentos da sociedade (Maia, 2009; Tanuri, 2000).

Sem negligenciar a necessária isenção epistemológica de que toda investigação necessita (Lacey, 2010), para não cair no fechamento dogmático, esta não é uma pesquisa “desinteressada” ou neutra que queira produzir enunciados verdadeiros porque estariam fora do espaço e tempo existencial do pesquisador. Assim, assumo com responsabilidade e entusiasmo, a condição de mulher em luta por emancipação das imposições patriarcais, pela desconstrução das imagens que reificam e “desumanizam” o feminino.

Dessa forma, insiro-me na pesquisa como alguém que vivenciou e, de algum modo, ajudou a construir o que ora é tomado como objeto de pesquisa e reflexão. Trata-se, também, de rememorar o que vivi, uma vez que participei desse processo de plenificação, enquanto discente. Fui contagiada pelo fazer esperançoso daquelas que fizeram história, não somente no exercício da docência no âmbito da instituição de ensino superior, mas também pelo compromisso, envolvimento e luta para a concretização do projeto de plenificação, cujo fazer esteve permeado pelo esperar (Muniz, 1990).

Portanto, a motivação epistemológica que move o sujeito do conhecimento científico encontra sua gênese na história pessoal e profissional do pesquisador em um processo de construção, de amadurecimento da reflexão do vivenciado e do experimentado no âmbito do mundo, da vida que, aos poucos vai sendo tematizado, adquirindo densidade teórica, fazendo-se objeto de pesquisa sistemática e de tese acadêmica (Lüdke, 2001).

Em uma pesquisa qualitativa, como a aqui proposta, não se exclui a relevância do chamado “contexto da descoberta”, o longo processo de formação do sujeito e dos seus interesses antes de decidir-se por delinear uma investigação, mobilizando um referencial teórico-metodológico necessário à realização da pesquisa científica (Raicik; Peduzzi, 2015).

A temporalidade histórica da pesquisa, a história como acontecimentos constitutivos das subjetividades, não deve sofrer, na pesquisa qualitativa, uma transformação radical em favor da abstração e formalização teórico-metodológica de uma historiografia que, de algum modo, perverteria a riqueza da subjetividade do sujeito do conhecimento e o seu vínculo ao mundo da vida.

Assim, a orientação metodológica adotada compreende a valorização das histórias pessoais, inclusive a da pesquisadora. Nesse sentido, torna-se necessário evidenciar que as motivações para reconstrução de parte da história das mulheres professoras e do CESC encontram raízes na minha infância. Portanto, anteriores à minha participação, enquanto discente, no processo de plenificação das licenciaturas a que já fiz referência. Trata-se de afetos

pré-teóricos, pois gostava, e ainda gosto, de histórias; tanto de ouvir, quanto de contar, inclusive as referentes à minha terra natal, Caxias-MA.

Pode-se falar do processo vital humano como crescimento, desde que não seja visto de modo reducionista, mas reconheça a diversidade e pluralidade de sentidos que a vida comporta no seu devir. Sob esse aspecto, a subjetividade não porta uma essência que a suporta e estabiliza em uma mesmidade. A identidade, pois, não se define por uma essência. Com o intuito de expressar a identidade das professoras, incluindo a pesquisadora, fez-se opção pelo termo adotado e significado por Ciampa (1989): “metamorfose”.

A vida do sujeito com suas vivências e experiências pode ser compreendida como passagem, movimento, semelhante a um processo de metamorfose. Portanto, a memória que se se pretende “reconstruir” é a apresentação de metamorfoses que são próprias das humanas, envolvendo-as na sua complexidade mutante, composta de aspectos biológicos, históricos, sociais e culturais. Esse conjunto de aspectos em interação constitui o processo de construção da identidade que, vale ressaltar, é contínua e está em constante evolução. Portanto, presente na trajetória das mulheres e homens desde o nascimento até o ciclo final de sua existência,

Mesmo em metamorfose, posso reconhecer um interesse em transformação pela história caxiense, como uma forma de me compreender como sujeito social. Tal interesse vem me acompanhando, assim como eu o acompanho, com diferentes graus de intensidade. Esteve latente durante a minha adolescência, quando cursei os anos finais do então primeiro grau e o magistério de 2º grau – atuais ensino fundamental e médio, respectivamente. Talvez esse “adormecimento” tenha ocorrido em razão da conjuntura em que estive envolta, a do período da ditadura militar (1964-1985). A escola, por estar inserida nesse contexto, reproduzia a repressão tão presente em todas as instâncias da sociedade brasileira.

Tal período, é parte da metamorfose da história, produzida por lutas e conflitos que perpassam as subjetividades, a sua corporeidade, sensibilidade, imaginação e pensamento. Esse processo possui, portanto, aspectos objetivos e subjetivos que se relacionam dialeticamente. Os sujeitos transformam a natureza e a sociedade e são por elas transformados. Nesse contexto, o período autoritário e ditatorial é um ingrediente fundamental no processo de metamorfoses.

Quem vivenciou esse momento sombrio da história brasileira, mesmo sem a clareza de uma consciência amparada em instrumentos teóricos, científicos e filosóficos, conseguia sentir e experimentar a opressão nas relações sociais e escolares e, por consequência, o anseio por liberdade que, aos poucos, vai se transformando em práxis.

A educação, especialmente o ensino formal, reproduzia fortemente no horizonte o *ethos* conservador e repressor da época, particularmente no que concernia às mulheres, que

sofriam um “*plus*” de opressão. Em tal contexto, o ensino ocorria através da transmissão e reprodução mecânica dos conhecimentos, bem aos moldes da educação bancária, a qual, segundo Freire (2019), contribuiu, e ainda contribui (pode-se afirmar), para a manutenção da opressão na sociedade capitalista, de modo mais sutil e intenso na sua versão neoliberal.

A educação desse período em Caxias, configurava-se, particularmente, como reprodutora e bancária no que concerne aos saberes sistematizados, mormente os relativos à História, particularmente a de Caxias, do Maranhão e do Brasil. As temáticas que incluíam memórias caxienses, muito raramente eram trabalhadas. Faltava ao seu ensino, como é fácil de deduzir, perspectivas crítico-reflexivas, de modo que se consolidavam e reforçavam valores colonizadores, contrários ao reconhecimento das pluralidades de *ethos*, particularmente perversos, na construção de imagens patriarcais e naturalizadoras de posições subalternas das mulheres. Em suma, a história se identificava com uma versão sedimentada da realidade que favorecia as relações de opressão em diversos níveis de abrangência. Divulgava e consagrava narrativas construídas conforme a ótica dos opressores, bem aos moldes da historiografia que contempla os feitos dos notáveis homens brancos e europeus.

Essa compreensão de história e a sua efetivação como matéria escolar presta-se a inviabilizar, negar e reificar um grande número de sujeitos relevantes, como indígenas, negros, trabalhadores e, de modo particular, as mulheres. Nega-se a esses segmentos sociais o reconhecimento da sua condição de sujeitos da história, a validade da sua luta, da sua contribuição na configuração do mundo sociocultural.

A consciência crítica que pode aparecer aqui no texto foi-se constituindo aos poucos, superando-se um mero sentir da opressão ao conhecimento de suas causas e em uma fase de aprofundamento da conscientização. Assume-se, aqui, a disposição de atuar para suprimir subjetiva e objetivamente – em relação dialética –, essa situação de opressão.

Nesse percurso de conscientização como processo intersubjetivo, teve grande relevância o meu ingresso na universidade, momento em que a minha identidade ganhou mais um “predicado”: o de estudante universitária. Tornei-me acadêmica da graduação em Pedagogia no CESC-UEMA, na primeira metade da década de 1980. O interesse por ingressar no ensino superior teve a importante contribuição de um grupo de estagiárias de Pedagogia que, orientadas pela professora Maria de Fátima Félix Rosar, desenvolveram círculos de estudos com as professoras do Colégio Municipal Antonio Rodrigues Bayma, onde eu exercia a docência há um ano. Os diálogos estabelecidos ajudaram na compreensão de que uma formação em nível superior contribuiria para a apropriação de saberes que possibilitariam o exercício da docência de forma mais competente e aprimorada, além da possibilidade de uma melhoria salarial.

Afinal, naquele momento, precisava melhorar minha renda, uma vez que trabalhava para manter dois filhos que dependiam de mim. Assim, com o incentivo dessa professora, decidi me inscrever no processo seletivo da UEMA para o ingresso no ensino superior.

Tendo sido aprovada no vestibular, ingressei no curso de Licenciatura Curta em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar na então Unidade de Estudos de Educação de Caxias (UEEC), no momento em que os movimentos sociais eclodiram no seio da sociedade brasileira, conclamando a população a lutar pela instauração de um governo democrático, por meio da campanha Diretas Já.³

No decorrer do curso, estudamos a conjuntura em que essa IES foi criada, e destacadamente se mostraram as intenções ligadas ao projeto de poder dos governantes da época, ao fundarem a então Faculdade de Formação de Professores do Ensino Médio (FFPEM), cujo objetivo proclamado era formar professoras(es) de Caxias e municípios circunvizinhos. Para além dos fins não confessados, não se pode negar que, de fato, havia necessidade de profissionais para a docência e outras funções pedagógicas nas escolas da região, o que impulsionou a criação de cursos de formação de professores em nível superior para atuar nos Ginásios Bandeirantes⁴, realidade que provocou a criação da FFPEM.

Nesse caminhar, minha história com essa instituição teve (e terá) novos e importantes capítulos, pois, após a conclusão do curso de Pedagogia, ainda cursando a pós-graduação *lato sensu*, retornei ao CESC-UEMA, por processo seletivo, como professora substituta e, posteriormente, ao ser aprovada em concurso público, fui efetivada. Tem-se mais um movimento significativo de metamorfose na identidade da pesquisadora, que aos seus outros traços, “agrega-se” o de professora universitária. Não se trata de uma simples soma de predicados, mas de metamorfose, de reconfiguração de toda essa identidade móvel que pressupõe um sujeito da práxis. Móvel porque o desenvolvimento da identidade das mulheres e homens é determinado por condições históricas, que incluem as de cunho social, material e as que são próprias de cada indivíduo. Ao interagir com o meio histórico-cultural, cada ser humano o transforma e também sofre mutações

Por serem tipicamente humanas, as ações docentes, ao possibilitarem novos

³ Esse movimento teve ampla participação de partidos políticos e de diferentes segmentos e organizações da sociedade civil, inclusive de professores e acadêmicos das universidades. Segundo Delgado (2007, p. 413) “a campanha pelas Diretas Já foi o maior movimento cívico-popular da história republicana do Brasil. O fervilhar das ruas traduziu uma forte simbiose entre bandeira política democrática e aspiração coletiva, que transformou o ano de 1984 em marco dessa luta pelas eleições diretas.”

⁴ Os Ginásios Bandeirantes eram instituições escolares que ofertavam o curso médio, também denominado ginásial (atuais 6º ao 9º ano do ensino fundamental), fundados em 1968, cujo objetivo era “ministrar o ensino secundário e profissional dentro da legislação vigente, proporcionando aos alunos formação integral e profissional” (Maranhão, 1968, p. 3).

aprendizados, farão surgir dúvidas, apontarão desafios ainda não experimentados, inerentes ao processo de apropriação do conhecimento, assim como no da identidade das mulheres e homens no contínuo movimento de sua construção.

Em razão da identidade humana ser vida (Ciampa, 1983), esse processo contínuo de transformação é permeado de dinamicidade e ocorre ao longo da vida. Assim, na caminhada do viver acadêmico, ao ministrar a disciplina Educação e Diversidade Cultural, às(aos) acadêmicas(os) de Pedagogia do CESC, em 2010, deparei-me com a escassez de fontes, tais como: teses, dissertações, artigos sobre as mulheres e o seu lugar na sociedade caxiense.

Percebi, então, a existência de poucos registros sobre a participação das mulheres na história da educação de Caxias, sobretudo no que se refere ao ensino superior, e essa realidade motivou a elaboração do projeto de extensão “A história da educação caxiense: um (re)viver das professoras primárias das décadas de 1960 e 1970”, envolvendo acadêmicos e acadêmicas desta IES. Esse foi mais um passo para melhor definição, em um nível do que se pode chamar de “contexto de justificativa” de uma pesquisa, que não se separa, pela opção teórico-metodológica adotada, do “contexto da descoberta”.

As ações do referido projeto foram desenvolvidas e proporcionaram compartilhamento de histórias, vivências, conquistas e decepções das mulheres professoras entrevistadas. Tal fato mobilizou-me a elaborar um projeto de pesquisa para a seleção do mestrado na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) sobre “Mulheres professoras primárias e a história da educação caxiense nas décadas de 1950 a 1970” (Silva, 2013).

Convém ressaltar que, anteriormente ao ingresso no curso de mestrado da UFMA, através de um convênio estabelecido entre a UEMA e o Instituto Pedagógico Latinoamericano y Caribeño (IPLAC), concluí o Mestrado em Ciências da Educação. Porém, no decurso de 10 anos pleiteando junto a várias universidades públicas brasileiras a revalidação do diploma dessa pós-graduação *stricto sensu*, não foi possível validá-la.

Então, por compreender a importância de dar continuidade aos estudos e pesquisas, elaborei o projeto “As mulheres professoras primárias e a história da educação caxiense nas décadas de 1950 a 1970” e participei do processo de seleção, sendo aprovada para cursar o Mestrado em Educação na UFMA. Durante o curso, entre outras realidades, a pesquisa permitiu a constatação de que quatro das cinco professoras primárias entrevistadas tiveram como *locus* de sua formação superior cursos de curta duração da então FEC, atual CESC-UEMA, espaço onde outras professoras, inclusive as que são sujeitos do presente estudo, exerceram a docência nos cursos de licenciatura, contribuindo, substantivamente, à educação superior na “Princesa

do sertão maranhense”⁵. O interesse pela continuidade dos estudos sobre mulheres professoras motivou a participação no processo seletivo para ingresso no Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED/UFPA), tendo em vista que possui a linha de pesquisa: “Educação, Cultura e Sociedade”, a qual contempla estudos que se coadunam com o objeto eleito para estudo. A seleção era para uma turma do Doutorado Interinstitucional (DINTER), resultante de uma parceria entre a UEMA e a UFPA).

Após ingresso no PPGED/UFPA, o pré-projeto foi reformulado e transformado em projeto de tese, cujo título é: “Os caminhos percorridos pelas mulheres professoras no processo da plenificação das licenciaturas do Centro de Estudos de Educação de Caxias”, à época denominado Unidade de Estudos de Educação de Caxias (UEEC), que contempla o seu protagonismo na luta pelo fortalecimento de ações direcionadas a uma formação consistente das professoras e professores que, na visão de Saviani (2011), seria necessário formar professores cultos com formação em cursos de longa duração, e não curtos. Ou seja, ofertar cursos de licenciatura em maior espaço de tempo, para garantir uma formação de qualidade, em que fosse possível apropriação dos saberes produzidos historicamente, a fim de exercer o ofício de professora/professor, propiciando aos aprendentes a apropriação dos conhecimentos pedagógicos, filosóficos e científicos da educação, ferramentas teóricas para o exercício da docência, “ultrapassando assim o nível da doxa (o saber opinativo) e atingindo o nível da episteme (o saber metódico [...]).” (Saviani, 2012, p. 131).

Nota-se que esse movimento de plenificação das licenciaturas aproveita as condições de possibilidade dos dispositivos legais, mas não é uma mera derivação da indução legal. Na verdade, por vezes, a própria legislação se constitui a partir de reivindicações e lutas sociais que se radicam nas situações concretas de atuação dos sujeitos.

Nesse sentido, a lembrança dos caminhos percorridos pelas docentes transcende o que poderiam ser apenas ações para implementação de um dispositivo legal. Ao percorrer com elas esse caminho, será possível, a partir de uma situação social significativa para os sujeitos, compreender a própria situação e contribuição dessas mulheres na construção de sua história coletiva de luta por emancipação e o seu merecido reconhecimento pela sociedade.

Neste momento, particularmente emblemático na história da luta por liberdade, foi

⁵ Essa alcunha de Princesa do sertão Maranhense, segundo o resumo contido no site do IBGE (2022), foi atribuída a Caxias pelo antístite da Igreja Católica Maranhense, Dom Manoel Joaquim da Silveira, em 1858. Há historiadores que entendem essa alusão à cidade como uma forma de atenuar a concepção de “rebeldia” que poderia ter ficado no imaginário dos caxienses, em razão da Revolta da Balaiada. Afinal, uma população ordeira e pacífica deve se comportar como uma princesa.

possível vivenciar um redespertar do interesse pela história do município de Caxias. Ao cursar a disciplina História da Educação II, um dos conteúdos ministrados no curso de Pedagogia, chamou muito a minha atenção, por mencionar a origem dessa IES, uma vez que evidenciava a conjuntura em que foi criada, bem como as intenções dos governantes em fundar a então FFPEM, cujo objetivo era formar professoras(es) de Caxias e municípios circunvizinhos. Afinal, a região carecia de professoras e professores “preparados” para lecionar nos Ginásios Bandeirantes, fundados na região hoje denominada Leste Maranhense. Porém, essa Faculdade também agregava alunos das cidades vizinhas Timon (MA) e Teresina, capital do Piauí. Uma das professoras entrevistadas assim se referiu a essa realidade: “Lembro dos ônibus que chegavam com alunos de Timon e Teresina, para assistir aulas [...]”. A maioria dessas(es) acadêmicas(os) já exercia a docência em escolas de Timon e Teresina durante o dia e no final da tarde se deslocava para Caxias, pois os cursos desde a fundação da FFPEM até meados da década de 1980 eram ofertados somente no turno noturno.

Eis o momento de maior aproximação com o que se tornaria parte importante do objeto da presente tese: o processo de institucionalização da FFPEM, sua contextualização cenário cuja compreensão é indispensável para se entender o itinerário e protagonismo das mulheres professoras, ou seja, se acrescentará na maior delimitação do tema, o lugar que assume um conjunto de professoras nesse movimento de construção na instauração da plenificação das licenciaturas.

Ao possibilitar novos aprendizados, as ações docentes farão surgir dúvidas, apontarão desafios ainda não experimentados e são inerentes ao processo de construção de aprender e, conseqüentemente, da identidade.

1.1 Problematização e tese

A hipótese da qual se partiu no início da pesquisa era de que um estudo acerca da história do CESC-UEMA mostraria, pela reconstrução dos percursos de algumas mulheres, que elas tiveram e têm um lugar fundamental no desenvolvimento do ensino superior exitoso em Caxias, embora quase sempre essa importância não apareça com a devida ênfase, em razão de imagens estereotipadas acerca da mulher e da docência. Ajudou na construção da tese a busca de informações não apenas de documentos oficiais e bibliográficos, mas principalmente em “fontes vivas” que experimentaram e vivenciaram a história nos seus “bastidores”, no cotidiano que, quase sempre, se mantém inviabilizado pelas mediações e abstrações prescritivas de dispositivos legais e burocráticos, ou mesmo pelas reconstruções simplificadoras do cotidiano,

efetivadas por jornais de notícias.

Com isso, não se quer desqualificar as outras fontes de pesquisa, ao se tratar de estudar tempos remotos, quando em outros estudos não se pode contar com “fontes vivas”. De qualquer modo, as demais fontes foram usadas e trianguladas para se estabelecer um conhecimento com a maior fidelidade possível ao que pode ter sido a realidade dos eventos.

Daí, a importância de pensar a instituição não apenas no seu aspecto “reificado” e “objetivado” que, na sua estrutura, independe ou parece independe da ação dos sujeitos. Quer-se flagrar a instituição em um momento de movimentação, o seu aspecto instituinte de institucionalização, quando este é mais visível na ação dos sujeitos, no caso as mulheres do CESC-UEMA.

Desse modo, a tese procura se desenvolver a partir do problema que se apresenta por meio de duas indagações: quais os caminhos percorridos pelas mulheres professoras no processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA? Quais suas contribuições para o êxito do ensino superior em Caxias?

A seguir, destaco o movimento mais recente de construção do objeto. Particularmente, após ingresso no PPGED/UFPA, o processo de delimitação do objeto foi ganhando maior densidade teórico-metodológica, articulando-se à minha formação, sempre inacabada, como pesquisadora. De certa forma, o sujeito do conhecimento, ao construir o seu objeto de pesquisa, também se constrói, na medida em que não se pretende uma subjetividade neutra fundada sobre a dicotomia entre sujeito e objeto.

1.2 Construção do objeto de pesquisa e problematização

“Esperançar é construir” sonhos... Lutar, resistir, (re)construir vidas e histórias. É também dar continuidade aos estudos, pesquisas, acreditando que os conhecimentos decorrentes das investigações poderão contribuir para que as gerações atuais e subsequentes se apropriem de parte da história local que também é sua. A pesquisa é, sob vários aspectos, uma atividade social, não apenas porque se faz no interior de uma comunidade científica, mas também em razão de se comprometer com os interesses da sociedade, especialmente os emancipatórios.

Ancorado nessa perspectiva político-epistemológica, o estudo sobre o percurso das professoras no decorrer do processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA envolve o esperançar no sentido de concretizar um sonho possível, um inédito viável, que se traduz em dar continuidade, como antes se mencionou, ao estudo iniciado no decorrer do mestrado,

cursado na UFMA, intitulado “Mulheres professoras do ensino primário caxiense na história da educação: décadas de 1950 a 1970” (Silva, 2013).

O atual objeto de estudo diferencia-se do anterior, mas mantém com ele afinidades intrínsecas, uma vez que é recorte e delimitação da história da educação caxiense, trazendo mais uma vez as mulheres professoras, mas agora com o foco no ensino superior e com o recorte temporal dos anos 1980.

Assim, o objeto de estudo sobre o qual se desenvolveu esta tese pode ser apresentado como “Caminhos percorridos pelas mulheres professoras no processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA”. Esse percurso desdobra-se como processo de criação, implantação, consolidação e plenificação dos cursos de licenciatura do atual CESC-UEMA e suas contribuições para o êxito do ensino superior em Caxias na década de 1980.

É importante delimitar o objeto temporalmente nos anos 1980, por ter sido elaborado, nesse período, o projeto de plenificação das licenciaturas desta IES, assim como a sua concretização. Contudo, para apreensão do processo na sua gênese e desenvolvimento, faz-se necessário enfatizar os anos 1980, mas sem deixar de relacionar o período com as décadas que precedentes e sucedentes.

O problema de pesquisa, mencionado na parte inicial da presente seção, por meio das indagações interligadas (Quais os caminhos percorridos pelas mulheres professoras no processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA? Quais as suas contribuições para o êxito do ensino superior em Caxias?) irá se desdobrar nas seguintes questões norteadoras: qual a contribuição do contexto sociopolítico e econômico das décadas 1970 e 1980 para a criação, implementação e consolidação dos cursos de licenciatura na UEMA – *Campus Caxias*? Qual a relevância do *Campus Caxias* para sociedade caxiense nessas duas décadas? Quais mulheres, enquanto sujeitos sociais, participaram ativamente do processo de plenificação dos cursos de licenciatura da então Unidade de Estudos de Educação de Caxias (UEEC)? Qual o lugar das mulheres professoras nesse processo? Qual foi a influência político-pedagógica predominante e quem eram as professoras, nessa instituição, nas décadas de 1980?

As respostas a essas indagações se configurarão a partir da compreensão da forma como as professoras do CESC-UEMA viveram em um tempo e espaço decorrente das formas de produção das singularidades, resultantes da interação das pessoas com o mundo, as quais refletem sobre o fazer a docência (Silva, 2013).

Ao tratar dos percursos existenciais das professoras protagonistas dessa história, permeia a pesquisa a explicitação do processo de construção da identidade social da mulher docente, seja como identidade autoconstruída e reconhecida por elas, seja como identidade

atribuída por outros, o que, em geral, revela com força os estereótipos e preconceitos sofridos pelas mulheres (Ciampa, 1983). Note-se que os dois tipos de identidade (a auto e a hetero) mantêm relações dialéticas complexas e sua formação não se dá pela hereditariedade, filogênese, mas a partir das interações com o meio histórico-cultural, constituídas através de um processo dialético de apropriação da cultura por meio do qual pessoas e meio histórico-cultural modificam-se reciprocamente. Na construção identitária, mulheres e homens se apropriam das produções humanas, as quais são indispensáveis para as metamorfoses típicas dos seres humanos no plano das estruturas psíquicas superiores.

Assim, a formação da identidade, que envolve as capacidades superiores, é contínua, não é acabada, pois “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.” (Freire, 2013, p. 50).

Dessa forma, as características próprias dos humanos e humanas como as funções psicológicas superiores são parte do processo de metamorfose que, tal como as pessoas e por serem inerentes a elas, é inconcluso e acompanham-lhes durante a sua existência, enquanto estiverem no exercício pleno da sua consciência.

Nesse contexto, é importante evidenciar a concepção de Ciampa (2001) sobre a relevância das relações sociais na construção da identidade. Ele a compreende como decorrente da relação do indivíduo com a sociedade, ou seja, o sujeito movido pelo esperar (Freire, 2013) de luta por mudanças somente possíveis se houver a crença segundo a qual o mundo e as pessoas estejam continuamente em movimento e transformação que caracterizam o “metamorfosar”: uma das molas propulsoras no processo de construção identitária.

Portanto, na tematização desse ponto, como em outros, são relevantes as contribuições de Paulo Freire, particularmente, a “Pedagogia do oprimido” (1987), e de Ciampa (1983), que faz uma interessante reflexão acerca da identidade, encontrando-se com Freire por se ampararem em um referencial dialético e crítico. Na próxima seção, será apresentado o referencial teórico-metodológico. Em seguida, são propostos os objetivos da pesquisa, em consonância com o problema, as questões norteadoras e a tese já apresentada em forma de esboço, que deverá ir ganhando clareza e vigor com o desenvolvimento do trabalho.

1.3 Objetivos da pesquisa

Considerando os questionamentos que nortearão a pesquisa aqui delineada e que ratificam o objeto estudado, de modo que contemple os aspectos inerentes à identidade social

docente em Caxias, à época da plenificação dos cursos de licenciatura do CESC, formulamos os seguintes objetivos:

❖ **Objetivo geral**

- Descrever a trajetória e atuação das mulheres professoras no processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA e as suas contribuições para o ensino superior em Caxias.

❖ **Objetivos específicos**

- Identificar as mulheres que participaram ativamente do processo de plenificação dos cursos de licenciatura da então UEEC;
- Situar as mulheres professoras no cenário caxiense na década de 1980, período em que ocorreu a plenificação das licenciaturas;
- Evidenciar como o contexto sociopolítico e econômico das décadas 1970 e 1980 contribuiu para a criação, implementação e consolidação dos cursos de licenciatura no CESC-UEMA e mostrar sua relevância para sociedade caxiense nessas duas décadas;
- Indicar os referenciais legais e normativos predominantes na orientação institucional nas décadas de 1970 e 1980.

O conjunto de elementos estruturantes da pesquisa não funcionaram como camisa de força, caminhei com flexibilidade suficiente para investigar o percurso das mulheres professoras enquanto protagonistas da história do *Campus Caxias*, deixando aparecer em toda riqueza existencial de suas vivências, influências políticas, ideológicas e educacionais, no contexto complexo e contraditório em que exerceram a docência. Com flexibilidade epistemológica e metodológica, acreditei que seria possível evidenciar as reais e mais significativas contribuições das mulheres professoras para a implantação, continuidade e plenificação dos cursos de licenciatura.

1.4 Estrutura da tese

Partindo do tema(o)bjeto, problema e dos objetivos, a tese está organizada em quatro seções, a começar pela Introdução que anuncia a importância do esperar.

Na seção 2, consta o referencial teórico-metodológico, que inclui conceitos sobre memória e identidade, história oral e também são evidenciados os procedimentos metodológicos, o *locus* e sujeitos da pesquisa. Nessa parte também trato do estado da arte com

base nos levantamentos realizados sobre a temática em questão, após ter sido constatada a inexistência de estudos sobre o objeto desta investigação.

A seção 3 é dedicada ao *lócus* da pesquisa. Inicialmente, trago uma abordagem sobre a cidade de Caxias do Maranhão, por ser o espaço físico geográfico onde está localizado o CESC-UEMA. Tal abordagem constitui uma reconstrução histórica da emergência dessa instituição, bem como da universidade.

A seção 4 discorre sobre o protagonismo feminino no ensino superior em Caxias, evidenciando a mulher professora e sua participação ativa no decorrer do processo de plenificação dos cursos de licenciatura no *Campus* Caxias. Destarte, são analisados documentos, assim como dados apreendidos a partir das entrevistas realizadas durante a pesquisa, com o objetivo de reconstituir a história da vida profissional de mulheres que protagonizaram esse processo, anteriormente mapeadas. A partir dos dados coletados, foi dado um enfoque especial sobre a identidade da mulher professora caxiense e das que exerceram a docência no ensino superior.

Ressaltamos que esta pesquisa contribuirá não somente para informar, mas também para incitar reflexões e discussões inerentes à mulher e a sociedade no contexto do recorte temporal da investigação, da década de 1980, e no atual.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

“Esperançar é construir...”
(Paulo Freire, 1992)

Ao optar pela realização de uma pesquisa, que é uma atividade intencional, é imprescindível que a(o) pesquisadora(o) caminhe esperando na construção do conhecimento e, nesse percurso, faz-se necessário buscar e selecionar referenciais teóricos, os quais contribuem para a formação identitária de quem investiga, assim como para o embasamento do estudo sobre o objeto eleito.

Daí a importância do referencial teórico-metodológico para a construção de uma investigação, esta seção propõe-se a tratar do referencial que irá fundamentar a pesquisa teórica e metodologicamente. A hipótese epistemológica orientadora é que se deve, na medida do possível, conjugar as duas dimensões mencionadas, uma vez que na produção da pesquisa, particularmente nas ciências da educação, é da maior necessidade que o pesquisador apresente a fundamentação ou referência teórica e metodológica que sustenta a prática da investigação e a sua compreensão de conhecimento científico.

Por ser o referencial teórico-metodológico um pilar que sustenta a práxis da(o) pesquisadora(or), é necessário que sejam apresentadas, suficientemente, a concepção e abordagem epistemológica de ciência que orientará aquela(e) que decide realizar uma pesquisa, e mesmo a base ontológica na qual se apoia a investigação, a compreensão sustentada da relação sujeito e objeto de pesquisa, entre outros pontos que perpassam a investigação e que, por vezes, ficam pressupostos, mas não são devidamente tematizados.

A presente seção, irá tratar também das partes técnica e operacional da pesquisa, indicando as definições dos procedimentos de apreensão, organização e interpretação dos dados os quais propiciaram a concretização do estudo.

No que se refere à etapa de trabalho de campo, especialmente no que tange às entrevistadas, a descrição do *locus* de pesquisa, dos procedimentos e instrumentos de apreensão e a interpretação dos dados são descritas nas seções 3 e 4.

2.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa é um caminho seguro para o processo de construção do conhecimento sobre o mundo e do autoconhecimento, na medida em que se vincula, fundamentalmente, à história da educação. Partindo deste enquadramento geral a essa subárea da educação, pode-se proceder

a outras delimitações de circunscrição de campo, destacando no objeto de pesquisa o componente institucional, uma vez que se trata de estudar o que é hoje uma unidade acadêmica da UEMA, o CESC, em seu processo de institucionalização, e que tem como marco temporal os anos 1980. Assim, pode-se apontar para a história das instituições educativas ou, mais precisamente, para a história das universidades (Oliveira, 2013).

Essa tentativa da área parece fadada ao fracasso, uma vez que o objeto revela a sua disposição de escapar, de encontrar brechas, de modo que para acomodá-lo minimamente faz-se necessário admitir que haja áreas de interseção, de mútua invasão, embora o esforço de sistematização da pesquisa exija que se estabeleçam delimitações.

Não se pode esquecer que ocupa o cenário dessa história da institucionalização das licenciaturas plenas da então UEEC, um grupo de mulheres que protagoniza, faz história, não devendo, pela proposta da tese, dissolver-se ou invisibilizar-se nas estruturas reificadas da instituição. Como força instituinte, a ação das mulheres concede vitalidade à história que aqui se pesquisou.

Portanto, mais do que descrever a estrutura e funcionamento institucional, com seus mecanismos administrativos e burocráticos, deseja-se mostrar como as instituições nascem, a sua gênese e movimentos vitais, antes de se transformar em obra de um coletivo anônimo que passa a impressão de funcionar como uma coisa sem consciência, sem vontade, completamente objetiva, coercitiva (Douglas, 1998). Eis a instituição de acordo com a concepção positivista e que serviu de inspiração para se definir todo e qualquer objeto das ciências sociais (Lüdke, 2001; Löwy, 1998). Procura-se, aqui, conhecer uma realidade, aproximar-me de um objeto de pesquisa, como se fala epistemologicamente. Contudo, vale ressaltar que a concepção epistemológica e formal de objeto ganha um adequado sentido ao se assumir uma perspectiva ontológica: as mulheres são sujeitos e não objetos, incluindo a pesquisadora nessa esfera subjetiva do “objeto”.

Portanto, ao pensar as diversas esferas do mundo humano como definidas pela presença de sujeitos, qualquer pesquisa dessa realidade irá se deparar com sentidos, símbolos, significados, interpretações, valores que, mesmo objetivados em diversas relações objetivas, não podem ser compreendidos por concepções reducionistas das dimensões físicas, biológicas, psicológicas, sociais, racionais ou mesmo espirituais. É na complexidade dialética dessas multidimensões que pode se revelar a compreensão.

Dessa forma, sem criar dicotomias e reducionismos, o que se chama habitualmente de pesquisa qualitativa (Lacey, 2010; Lüdke, 2001; Muniz, 1990) desde que considere essa complexidade ontológica e epistemológica do objeto, será a mais adequada às pesquisas com

sujeitos do mundo sociocultural. Isso de nenhum modo significa deixar de reconhecer que os entes humanos são seres físicos e naturais, mas que tais dimensões tornam pouco significativa alguma coisa como uma “física social” para se conhecer o mundo humano (Durkheim, 2007; Löwy, 1998).

Definir uma abordagem de pesquisa como qualitativa, mesmo deixando de lado a longa discussão que se trava em torno dela, é ainda se ocupar com generalidade, tendo em vista a compatibilidade epistemológica e metodológica de tal abordagem, sob certos aspectos, com diversos procedimentos e técnicas de pesquisa. Daí, a necessidade de avançar na definição e delimitação metodológica, a fim de esclarecer como se constitui propriamente, no contexto preciso da pesquisa e da abordagem (Gatti, 2002).

Vale ressaltar que a pesquisa qualitativa permite a obtenção de dados não mensuráveis numericamente e quando auxiliada por instrumentos de coleta, como a entrevista, permite perceber as representações externalizadas pelos sujeitos através da oralidade. Segundo Minayo (1994), por meio da fala é possível “resgatar” lembranças, vivências, crenças, valores, sentimentos, que podem auxiliar em um melhor entendimento da história das mulheres – no caso – e dos homens, bem como do meio social em que os sujeitos estão inseridos. Essa perspectiva também permite e auxilia uma abordagem dos fatos históricos que ultrapassam as meras informações, ao contrário do que faz, por vezes, a historiografia tradicional (Chartier, 1990, 2007).

De todo modo, deve-se observar, como aqui se faz, que a abordagem da pesquisa, em nenhum caso, deve se constituir em uma camisa de força, mas antes precisa funcionar como um elemento norteador que auxiliará o pesquisador a conduzir o processo investigativo, desde que se mantenha a atitude de vigilância epistemológica crítica.

Importa destacar que se assume na tese que a investigação acadêmica requer o uso de uma metodologia que auxilie a(o) pesquisadora(or) no processo investigativo, de maneira que contribua para que os objetivos sejam respondidos, de modo que adotou um princípio de economia de mobilizar os elementos teórico-metodológicos tanto quanto necessário para desenvolver a pesquisa.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2009), é utilizada em pesquisas cujo objetivo principal consiste em evidenciar a lógica que permeia a prática social a qual efetivamente ocorre na realidade “pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (Minayo, 2009, p. 21). Assim, a pesquisa qualitativa possibilita a compreensão de aspectos múltiplos de uma dada realidade, como a educacional,

viabilizando a avaliação e assimilação da dinâmica interior de processos e atividades.

Por essa razão, optamos pela abordagem qualitativa porque ela é fundamental quando a pesquisa desenvolvida requer uma visão ampla do objeto a que se propôs estudar bem como sobre as suas interrelações relativas aos aspectos políticos sociais culturais. Assim, vale considerar os aspectos desse tipo de pesquisa que inclui a “[...] escolha correta de métodos e teorias que oportuniza o reconhecimento e a análise de diferentes perspectivas nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento e na variedade de abordagem e métodos da pesquisa social (Flick, 2004).

Na pesquisa social, como essa que foi realizada, apesar de ser importante o distanciamento do pesquisador, em relação ao seu objeto de estudo, Craswell (2007) entende que na análise de dados qualitativos é impossível evitar que as interpretações tenham cunhos pessoais, uma vez que uma/um pesquisadora(o) filtra os dados obtidos através de uma ótica pessoal atrelada a um processo sociopolítico histórico específico. No caso dessa investigação, ao contexto em que se deu a plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA.

Necessário ressaltar que para Ludke e André (1986) a pesquisa qualitativa possui cinco características básicas. A primeira é que a pesquisa qualitativa possui o ambiente natural como fonte direta de dados, cujo principal instrumento é o pesquisador. Assim é mister que ele estabeleça contato direto e prolongado com o ambiente, as pessoas, e situações que estão sendo investigadas.

A segunda característica diz respeito aos dados coletados, os quais são predominantemente descritivos, isto é, os dados possuem uma riqueza de descrições pessoais, de acontecimentos, situações, vivências. A terceira reside na preocupação com o processo que deve ser maior do que o produto. Desse modo, a preocupação do pesquisador é focada na forma como o problema se manifesta nesse procedimento e na interação cotidianas. A quarta diz respeito aos significados que as pessoas dão às situações e à sua vida que se tornam vias acessíveis para o pesquisador que sempre procura capturar as perspectivas dos participantes de uma pesquisa. A quinta característica é a análise dos dados cuja tendência é seguir um processo indutivo, partindo das particularidades do objeto estudado apreendidas através das técnicas usadas, como a entrevista.

Convém acrescentar, ainda, que em educação, a pesquisa qualitativa (Flick, 2004), cuja origem se deu “no campo” das ciências sociais, auxilia na compreensão do objeto investigado. Assim, os pesquisadores que optam por tal abordagem, analisam os relatos das/dos entrevistadas(os), quando a técnica utilizada for a entrevista, considerando o contexto em que as experiências foram vivenciadas e a forma como externalizam concepções, sentimentos e

emoções (Reboul, 2000; Szymansky; Almeida; Prandini, 2002).

Segundo Neves (1996), a pesquisa qualitativa enseja uma compreensão, a partir do uso, um conjunto de técnicas interpretativas, como a entrevista semiestruturada e não estruturada, usadas nesse processo investigativo e que possibilita um diálogo entre pesquisador/a e, no caso dessa investigação, interlocutoras.

Explora-se aqui na abordagem qualitativa os aspectos histórico-críticos, e políticos-culturais do objeto, nas suas metamorfoses dialéticas. Essa caracterização se coaduna com a exposição anterior acerca da vinculação do objeto de estudo à história da educação em suas intersecções com a história das instituições superiores como espaços de formação de licenciados.

Assim, interessa compreender na presente pesquisa, a interpretação dos sujeitos, os significados que são construídos pelas suas ações que, por sua vez, serão interpretados pela pesquisadora, em uma atitude de diálogo que procura superar, com o necessário respeito à alteridade, os possíveis conflitos de interpretação da realidade ou do mundo que, em algum grau é compartilhado pela pesquisadora e as demais sujeitas da pesquisa. Esse diálogo, no sentido freiriano, é um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (Freire, 1980).

Embora não se adote o conceito representacional de verdade, ou de perfeita adequação entre representação e realidade representada, a pesquisa não concede inteira independência epistemológica às representações subjetivas acerca da realidade psicológica e das “objetivações” socioculturais. No entanto, admite-se que o ser social não existe independentemente dos sujeitos, de modo que a realidade sociocultural, embora não seja resultado da absoluta idiosincrasia dos indivíduos, pode ser compreendida como construção social. Talvez se trate mesmo de construção da realidade social e não de construção social de toda realidade.

Se for assim, então a compreensão da ação dos sujeitos da pesquisa, da sua identidade autoconstruída, assim como a atribuída – em sua relação dialética – implica relações de poder, disputas por significados, e mesmo relações de opressão e a possibilidade de, nesta disputa por meio de ações livres, se proceder a reconstrução da identidade do sujeito e do próprio mundo.

Mais uma vez, vale explicitar que a realidade social não é ontologicamente identificada a coisas feitas, reificadas. Com isso, não se pretende assumir, epistemológica e ontologicamente, um relativismo solipsista, que instituiria um ceticismo negador de abertura ao outro, do diálogo e da crítica do conhecimento.

Observe-se que a compreensão de história e historiografia⁶ que se pretende sustentar na tese, afasta-se das concepções vinculadas ao positivismo e ao estruturalismo, inclusive no que concerne às fontes de pesquisa, e/ou ao modo de apropriação e interpretação de tais fontes, ao mesmo tempo que se valoriza a conexão entre as dimensões sociais culturais e políticas – em sentido amplo – em suas relações com as ações ordinárias e cotidianas que se dão no “mundo da vida”, que abriga diferentes *ethos*.

Nesse sentido, a tese não isola o “fenômeno ou manifestação humana” que pretende interpretar a uma esfera da cultura, por mais que possa ser vista como expressão da existência no mundo. As “ideias”, “representações” e “significados” se colocam em disputa, envolvem relações de poder em vista de se atribuir significados. Se for assim, então, “cultura” e “poder” são, na efetividade das relações sociais, inseparáveis.

Precisa-se não tornar demasiadamente amplo o conceito de cultura para efeito de pesquisa, sob pena de se cair em um abismo de trivialidade que despotencializa esse importante e polissêmico termo. Dizer que ninguém escapa à cultura, porque essa é uma marca definidora do ente humano, pode ser admitida como uma verdade facilmente aceita, mas portadora de grande trivialidade. Por via de consequência, o que se pode chamar de prática cultural assume uma extensão indomável, uma vez que a capacidade de produzir sentidos em relação ao mundo, consigo e com os outros parece acompanhar a capacidade criativa dos sujeitos.

As mulheres professoras que protagonizaram as ações de instauração de plenificação das licenciaturas levaram a efeito ações culturais, de crítica às ideias e representações vigentes, motivadas pela construção de novos significados, em luta contra relações de poder opressivas, instituídas como materialidade no mundo e como ideário incorporado à subjetividade por meio de práticas não discursivas e discursivas, inclusive nas que vigem na escola e na universidade – entendidas como instituições que produzem e fazem circular diversas manifestações culturais.

Pretende-se mostrar que a recepção da cultura pelos sujeitos da pesquisa, especialmente da escolar em sentido amplo, armou-se de uma atitude crítica, em ações de conscientização que conduziram à práxis, à intervenção político-pedagógica em um lapso temporal marcado pelas restrições à vida democrática no Brasil. Essa realidade política repercutiu na escola, alterando o sentido de ensino tradicional e as práticas de ensino-aprendizagem, modos de pensar e sentir das professoras.

As “fontes vivas” e suas vivências e experiências relacionadas com o tema podem oferecer informações indispensáveis aos propósitos da pesquisa de “reconstruir” a história, a

⁶ A história se refere ao conjunto de acontecimentos e fatos que ocorreram no passado, enquanto a historiografia pode ser definida como a produção e o discurso sobre a história (Martins, 2004).

partir das memórias dos sujeitos que dela fazem parte, para compreensão de aspectos sociais, históricos e políticos da sociedade em que estão inseridos. Assim, encara-se a memória enquanto presença do passado no presente, o que é de fundamental importância para a legitimação de certos saberes e percepção do futuro pretendido (Chartier, 1990, 2007).

Por fim, destacamos que a descrição metodológica, após a realização da pesquisa – inclusive em trabalho de campo –, é um componente decisivo da práxis do pesquisador. A prática fundamentada teoricamente retorna sobre a teoria e concede a ela sentidos mais precisos. Antes de se chegar em tal ponto da práxis, pode-se trazer luz à abordagem e à apresentação dos procedimentos metodológicos planejados, como veremos na próxima subseção.

2.2 Procedimentos metodológicos

Na construção da tese, o processo metodológico da pesquisa incluiu uma revisão bibliográfica, pesquisa documental e história oral, enquanto métodos de pesquisa, a fim de responder às questões norteadoras, que se constituíram a base para a construção dos objetivos pretendidos.

Considerando que para análise das interpretações oferecidas pelos sujeitos às suas representações, ideias, sentimentos, significados e valores, faz-se necessário que a(o) pesquisadora(o)r se aproprie suficientemente dos fundamentos relacionados aos procedimentos metodológicos e da aplicação de técnicas adequadas na produção dos dados. A história oral foi escolhida por ser uma metodologia histórica, que trabalha com depoimentos orais, assim como com a realização de entrevistas, a partir das quais são construídas as análises que se faz sobre um objeto.

Segundo Thompson (2002, p. 44) não havendo história alguma disponível, a história oral, é criada, sendo “uma história construída em torno de pessoas. Lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu tempo de ação [...] traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade [...]. Por assim ser, ajuda na escrita da história dos silenciados pela história tradicional e possibilita a reconstrução de fatos passados, não documentados”.

Assim, optamos pela história oral, enquanto método, dada a sua importância como referencial teórico-metodológico que auxilia na construção de uma pesquisa quando os documentos não são suficientes para a reconstrução de momentos idos e ainda se fazem presentes nas memórias de pessoas que vivenciaram uma determinada história. Além disso, trata-se de uma metodologia que possibilita a reconstrução de histórias ainda não contadas.

Pelas narrativas, no decorrer das entrevistas, podemos tomar conhecimento de fatos relativos às famílias, pessoas, instituições e lugares, como ruas e bairros.

A história oral enquanto metodologia de pesquisa visa conhecer e aprofundar conhecimentos sobre uma dada realidade que inclui os padrões culturais, como estruturas sociais e processos históricos de uma dada realidade, obtidos através de conversas com as pessoas. Os relatos orais focalizados em lembranças pessoais podem ajudar na construção de uma visão mais concreta de como funciona as várias etapas da trajetória de um grupo social a que pertencem, ponderando esses fatos pela importância que têm nas vidas dos entrevistados.

Ao referir-se à história oral como uma metodologia, Alberti (2004) afirma que se for bem conduzida, possui um elevado potencial de ensinamento sobre o passado e até fascina o pesquisador. Portanto, a responsabilidade e o rigor científico daquele que colhe informações sobre o objeto de estudo, através das entrevistas, são imprescindíveis para o sucesso dessa metodologia. O(a) responsável pela pesquisa deve, portanto, adotar uma postura ética ao interpretar e divulgar as informações coletadas.

Quanto aos procedimentos relativos à realização das entrevistas, primeiramente foi pensado quais sujeitos seriam escolhidos, de modo que contribuíssem à pesquisa, sendo selecionados em razão da importância da sua atuação no interior desse processo de plenificação das licenciaturas. Assim, foram levantados as(os) professoras(es) que exerceram a docência na década de 1980 no CESC-UEMA e participaram ativamente das atividades que precederam a instauração dos cursos de licenciatura plena, tais como: reuniões, seminários, grupos de estudo e que continuaram lecionando até o momento em que as graduações em licenciatura plena foram efetivadas.

Durante esse levantamento, entramos em contato com oito professoras e, na ocasião, conversamos sobre a pesquisa e explicamos a necessidade e importância da sua participação. Das contactadas, quatro se dispuseram a participar da pesquisa. As outras alegaram dificuldades relativas à memória, justificando que lembravam vagamente dos fatos ocorridos relativos ao processo de plenificação. Em seguida, fizemos o convite e agendamos uma visita para explicitação da importância do estudo e agendamento da entrevista, uma vez que já haviam confirmado a participação nesse processo de (re)construção de parte dessa história. Nesse primeiro encontro, foi apresentado o objetivo da pesquisa e o roteiro da entrevista, que durou uma hora.

Das entrevistas realizadas com as quatro professoras, uma foi realizada em dois momentos via Google Meet e videochamada, pois ela reside em Imperatriz, cidade a 579 km de Caxias. Ao serem apresentadas as indagações contidas no roteiro da entrevista, as

interlocutoras não se limitaram a meras respostas. A comunicação estabelecida a partir das questões ensejou um diálogo permeado pela vontade de contribuir com suas memórias. Assim, as informações socializadas sobre os momentos vivenciados tanto no âmbito do CESC-UEMA, quanto em lugares outros da sociedade, foram substanciais. As entrevistadas narraram momentos vivenciados e as informações contribuíram de forma valiosa para a reconstrução de capítulos da história do CESC-UEMA, que por sua vez fazem parte da história da educação de Caxias.

Ao realizarmos as entrevistas, valorizamos o pensamento, a forma como as interlocutoras se posicionaram e esse instrumento de coleta de dados não foi visto meramente como uma técnica, mas foi permeado de reflexões que, por definição, são semiestruturadas, permitindo, após a transcrição, o retorno ao sujeito para que se faça uma reflexão sobre a sua fala, podendo, por consequência, redefinir, suprimir ou acrescentar informações ao que foi dito (Szymansky; Almeida; Prandini, 2002).

Segundo Queiroz (1988), a entrevista é uma técnica de coleta de dados em que ocorre uma conversação continuada entre o entrevistado e o(a) pesquisador(a) e deve ser direcionada de acordo com os interesses da pesquisa. As questões abertas nas entrevistas propiciam um diálogo, condizendo com a compreensão epistemológica, de acordo com a qual as entrevistadas são sujeitas tanto quanto a pesquisadora. Desse modo, prima-se pelo respeito ao pensamento a ser expresso pelas entrevistadas, ainda que “haja uma tentação do sujeito-pesquisador reificar o sujeito-pesquisado como se uma interioridade observasse uma exterioridade [...]”, pois, “há a possibilidade do encontro intersubjetivo, quando se dá o reconhecimento mútuo dos sujeitos” (Oliveira, 2014, p. 37).

De forma complementar, foi realizado um levantamento de fontes bibliográficas, como livros, artigos, teses e dissertações em bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Na busca, foram utilizados os descritores “mulheres professoras”, “mulheres no ensino superior” e “mulheres na universidade”. Do material resultante, foram escolhidos os que abordavam conhecimentos relativos ao objeto eleito, constituindo um *corpus* de fontes bibliográficas. Posteriormente, os dados coletados foram tabulados e analisados sistematicamente.

As fontes documentais também foram consultadas, porque auxiliam na compreensão de momentos presentes a partir dos registros, tais como: textos legais sobre a criação do *Campus* UEMA e dos cursos de licenciatura, a saber: leis, decretos, portarias e jornais que circularam no período da fundação e plenificação das licenciaturas.

O conjunto de fontes foi cotejado sistematicamente, de modo a constatar ou não

convergências, divergências e contradições formais substanciais e relevantes na seleção do que pode se constituir como “evidências” mais vigorosas na construção de argumentos e constituição da tese.

No que concerne ao levantamento das fontes, essa atividade de pesquisa deu-se, inicialmente, em razão da necessidade de construir um quadro de referências ao projeto de pesquisa. Tal levantamento e seleção de fontes foi sendo ampliado no decurso das disciplinas cursadas, sempre relacionadas com os objetivos da investigação e foi realizado na biblioteca da UFPA, do CESC-UEMA, Instituto Histórico e Geográfico de Caxias (IHGC) e Academia Caxiense de Letras (ACL).

Também foi realizada uma seleção de obras que possuem alinhamento com o objeto de estudo da pesquisa. Passou-se à leitura do material para constituição de um banco de dados da pesquisa, formado por teses, dissertações e livros. Parte do material foi analisado, resultando em sínteses que foram mobilizadas na construção deste texto.

As fontes consultadas versam sobre: a mulher no contexto mundial, para compreender sua história e a construção da sua identidade no contexto brasileiro, maranhense e caxiense; universidade brasileira e interiorização do ensino superior, para compreender como se deu o processo inicial da UEMA; interiorização da UEMA, para refletir sobre o início desse processo que iniciou em Caxias, onde ocorreu a implantação das primeiras licenciaturas dessa IES, antes da sua institucionalização enquanto universidade.

Além das fontes documentais, as entrevistas passaram pelo processo de transcrição, tendo sido analisadas e, posteriormente, selecionados trechos que são citados nesta tese, visando servir de base para o entendimento de momentos idos da história do CESC-UEMA, assim como das identidades e atuações no âmbito desse centro de ensino, como as docentes e seu fazer pedagógico no espaço da sala de aula e, para além desse *lócus*, como participação em atividades sindicais em espaços outros para além do lar e da academia.

2.3 Sujeitos da pesquisa

Como indicado anteriormente, a pesquisa teve como principais fontes de informação – como se costuma classificar – as professoras que estiveram no centro do processo de institucionalização da plenificação das licenciaturas no CESC-UEMA. Superando a simplificação das expressões metodológicas habituais, diremos, com a intenção de assumir uma posição epistemológica adequada, que, mais do que “informantes” ou “depoentes”, as docentes são aqui compreendidas como “sujeitos da pesquisa”, não apenas pela sua qualidade de entes

humanos autônomos e reflexivos, que interpretam a realidade e a si mesmas de forma consciente e crítica, mas especialmente por se constituírem como sujeitos do conhecimento e de diálogo e que assim constroem com a pesquisadora, a tese que ora se apresenta.

O critério principal de escolha dos sujeitos consistiu em considerar a sua efetiva atuação nas ações no decorrer do processo de plenificação, bem como a disponibilidade para evocar suas memórias acerca do processo histórico em pauta, pressupondo – o que se confirmou – a relevância e significado das vivências e experiências dessas professoras para a reconstrução da história do ensino superior de Caxias, bem como do protagonismo feminino nos acontecimentos narrados. Além desse parâmetro geral, a seleção das entrevistadas considerou relevante o tempo de exercício da docência no CESC-UEMA, no período referente ao recorte temporal selecionado para essa pesquisa (década de 1980), bem como o reconhecimento pelo sujeito da pesquisa de que teve efetiva participação no processo de plenificação das licenciaturas, desde a elaboração do projeto até o reconhecimento dos cursos.

Com esses critérios orientadores, foi efetuado um levantamento das mulheres protagonistas das ações de plenificação; em seguida, iniciaram-se contatos para a realização de entrevistas nas quais se estimularia que fizessem o relato de memórias acerca do processo. Conseguiu-se a colaboração de quatro professoras que atuaram no CESC-UEMA dentro do lapso temporal escolhido, o que atendeu a delimitação estabelecida na pesquisa. Para que fique claro, as quatro docentes exerceram a docência no período em que ocorreu a implementação da licenciatura plena, em substituição à licenciatura curta, nos cursos de Letras, Matemática, Pedagogia, História e Geografia. Note-se que esses são cursos de Licenciatura de matérias essenciais do currículo da educação básica, bem como na gestão da escola e do sistema de ensino, de modo a se poder supor a repercussão significativa desses cursos na formação de crianças e jovens da sociedade caxiense. Não podendo desprezar, também, a relevância política e cultural em um tal tipo de reforma institucional do CESC-UEMA.

Vale destacar que foram tomados todos os cuidados éticos a fim de garantir a preservação da dignidade dos sujeitos, o seu direito à privacidade, por meio da apresentação clara dos objetivos da pesquisa, dos usos que seriam feitos das informações, de modo que a decisão de participação pudesse representar um consentimento consciente, inclusive no que concerne à permissão do uso dos próprios nomes dos sujeitos, que se mostrou mais interessante do que o anonimato. Também foi solicitado o consentimento para gravar os diálogos, que após transcritos, foram autorizados para, então, fundamentar afirmações sobre o processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA e autorização para usar os seus nomes e fotos.

Os encontros da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa pautaram-se por uma

relação se simetria, pois de acordo com o referencial teórico-metodológico da pesquisa, essa é uma condição para que possa ocorrer um autêntico diálogo, uma conversação entre sujeitos em um ambiente que estimule a evocação das memórias e a reflexão sobre as experiências em seu processo de metamorfose.

Os encontros entre pesquisadora e sujeitos ocorreram em etapas. Inicialmente, houve uma aproximação, que consistiu no primeiro contato com as mulheres a serem entrevistadas, a fim de agendar um encontro. Essa foi uma ocasião fundamental em que se estabeleceu uma conversa informal com as colaboradoras da pesquisa cujo objetivo foi propiciar um clima de familiaridade favorável para começar a dialogar acerca do processo histórico em que elas estiveram existencialmente envolvidas, ressaltando a importância de reconstruir essas memórias e dar visibilidade a acontecimentos que foram de suma importância para a história da educação superior com o protagonismo de mulheres. Essa conversação ganhou o estatuto de convite, mas já representava também parte da reconstrução das memórias. O contato inicial buscou sensibilizar as professoras da real importância e necessidade da participação de cada uma em um empreendimento comum, por isso a necessidade da sua participação, deixando claro que se desejava a reconstrução de parte muito significativa da história do CESC-UEMA. Os objetivos da pesquisa foram compartilhados e o convite para continuar a conversação foi aceito com entusiasmo pelas professoras.

Seguiu-se com o planejamento das entrevistas, estabelecendo-se um cronograma flexível para realizá-las, de acordo com a disponibilidade das participantes. Embora a proposta de horário/duração para entrevista tenha sido de uma hora, na fase de execução isso não foi cumprido. A duração das entrevistas excedeu ao tempo combinado, devido ao entusiasmo das docentes, demonstrando um notável contentamento ao “visitarem” momentos em que participaram de atividades tanto no âmbito da academia, quanto na sociedade caxiense.

Como veremos, as professoras trouxeram nas suas memórias ricas experiências que deixaram ver que não apenas percorreram caminhos, mas abriram muitas trilhas, e não somente isso. Elas criaram caminhos com as suas ações na construção de plenificação do CESC-UEMA em atividades instituintes que foram orientadas por inéditos que se mostraram viáveis. Em face disso, a pesquisa quis coligir essas memórias, deixando que se revelassem como história que viria a público, podendo subsistir como memória social compartilhada.

A pesquisa deu atenção especial às memórias que ao serem transformadas em história possibilitariam reflexões sobre tempos e lugares outros, como as décadas de 1970 e 1980, à luz dos aspectos socioeconômicos, políticos e culturais, o que é condizente com o entendimento da história oral como conhecimento reconstrutivo, que opera por meio das “memórias vivas”, via

relatos orais.

Compreende-se que as memórias dos sujeitos não se constroem ou reconstroem alheias ao mundo na sua materialidade natural e sociocultural. Por isso, faz-se necessário ressaltar que a reconstrução de parte dessa história envolveu uma análise da conjuntura em que os sujeitos desse estudo exerceram a docência no ensino superior caxiense, com o intuito de “extrair” das memórias das docentes, fatos significativos para compreensão de aspectos das identidades das mulheres professoras protagonistas do processo de plenificação das licenciaturas do CESC. “Identidade é história” (Ciampa, 1990, p. 157) e, por assim ser, essa conjuntura envolve aspectos diversos, como: econômicos, políticos e da conjuntura em que é forjada.

Desse modo, para compreender quem são os sujeitos da pesquisa e seu percurso no processo de plenificação, mostra-se relevante situar mais amplamente a história do CESC-UEMA, que também é a delas. No processo contínuo de (re)construção da identidade são apropriados aspectos culturais dos lugares onde essas mulheres vivenciaram momentos significativos.

Sob esse aspecto, as identidades de mulheres e homens mobilizam e são mobilizadas por suas ações, peculiares aos humanos, a partir das metamorfoses que sofrem ao longo de sua existência. Ciampa (1990) retrata essas mudanças advindas do processo de contínua reconstrução da identidade, através da história de Severina, uma personagem real da sua obra. Ao fazer a narrativa dessa história, o autor analisa as ações intencionais de Severina, marcadas por fatos da sua vivência.

Para que se compreenda como se situa historicamente a atuação dos sujeitos desta pesquisa, deve-se dizer que embora a fundação do CESC-UEMA tenha ocorrido em 1968, o recorte temporal que nos interessa é a década de 1980. Porém, são destacados acontecimentos ocorridos em 1970, devido à importância desse contexto em que se deu a implantação e implementação dos cursos de curta duração, no início da década seguinte à fundação da então FFPEM (1970), e foram plenificados nos anos 1980. Observe-se que as aulas das primeiras turmas dos cursos de licenciatura plena da então UEEC iniciaram em 1986 e as(os) concluintes dessas turmas iniciais colaram grau em julho de 1988.

A título de contextualização dos sujeitos da pesquisa, mostra-se relevante que este estudo contempla as mulheres professoras que participaram efetivamente do processo de plenificação dos cursos de licenciatura do CESC-UEMA. Elas lideraram a mobilização que envolveu acadêmicas(os) e professoras(es) e o protagonismo delas na história da educação caxiense ocorreu em um período em que a história das mulheres se constituiu marcadamente como área de estudo no âmbito acadêmico, ou seja, na segunda metade do século XX, quando

a atuação feminina passou a ocorrer marcadamente em espaços outros para além do lar (Perrot, 2008).

Note-se que anteriormente a esse período, a história era narrada, predominantemente à luz de estereótipos que lhes deram um estigma de submissão sexual e material. Segundo Piori (1995), as mulheres eram consideradas entes assexuados, de pouca capacidade, sendo, portanto, inferiorizadas. Esse pensamento predominou durante muito tempo no contexto mundial, assim como no brasileiro, maranhense e caxiense e, lamentavelmente, ainda se faz presente e tem sido defendido por lideranças políticas de extrema direita.

Para esta pesquisa, essas mulheres que a protagonizam, como outras, não devem ser pensadas como indivíduos essencialmente biológicos pré-determinados. Pois a identidade delas é formada a partir dos intercâmbios estabelecidos com outras pessoas no processo de apropriação de si, uma vez que é:

[...] no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas, e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe, etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. (Louro, 2000, p. 6).

Ciampa (1983, p. 198) também se reporta às identidades, enfatizando que a cultura e a história contribuem, para a sua formação: “o desenvolvimento da identidade de alguém é determinado pelas condições históricas, sociais, materiais dadas, aí incluídas condições do próprio indivíduo”.

Portanto, compreender os itinerários criados pelas professoras protagonistas do processo de plenificação é também deixar ver como construíram a sua identidade docente no ensino superior e se situaram na história da instituição e na sociedade caxiense. Essas compreensões sobre a formação identitária das mulheres – foco da pesquisa – e dos homens de uma dada sociedade são pertinentes, uma vez que as mulheres professoras, assim como as demais pessoas imersas no meio histórico-cultural, participam da construção de sua identidade, que ocorre continuamente durante a existência das pessoas.

Assim, as professoras do CESC-UEMA no exercício da docência e contínua formação da sua identidade, participaram/participam da história da educação caxiense, que é parte da história dessa cidade. No entanto, ainda são poucos os estudos sobre as mulheres professoras enquanto protagonistas na história da educação do CESC e de Caxias, a exemplo do que ocorre

com a do Maranhão e do Brasil.

Como já mencionado, foram entrevistadas quatro professoras do CESC-UEMA que exerceram a docência nessa IES, nos cursos de graduação existentes na década de 1980.

Os critérios para a seleção das entrevistadas foram: tempo de exercício da docência no CESC-UEMA durante a década de 1980, bem como a efetiva participação no processo de plenificação das licenciaturas, desde a elaboração do projeto até o reconhecimento dos cursos.

A investigação sobre caminhos percorridos pelas mulheres professoras no processo de plenificação das licenciaturas do CESC dará atenção especial às memórias que, ao serem transformadas em história, possibilitarão reflexões sobre tempos e lugares outros como as décadas de 1970 e 1980, à luz dos aspectos socioeconômicos, políticos e culturais, tendo em vista ter partido do entendimento de que é importante reconstruir, através das “memórias vivas”, via relatos orais, que por sua vez são intrínsecos à história oral, metodologia que auxiliou no transcurso desta pesquisa.

Assim, as professoras do CESC-UEMA no exercício da docência e contínua formação da sua identidade, participaram/participam da história da educação caxiense, que é parte da história dessa cidade. No entanto, ainda são poucos os estudos sobre as mulheres professoras enquanto protagonistas na história da educação do CESC e de Caxias, a exemplo do que ocorre com a do Maranhão e do Brasil.

Desse modo, justifica-se, pois, ser necessária a realização de estudos que deem visibilidade às mulheres professoras que fazem parte da história caxiense ainda não contada, para que as gerações atuais e vindouras tenham conhecimento sobre fatos ocorridos, sobretudo relativos à educação superior em Caxias, em conjunturas que antecederam o momento atual.

2.4 Estado do conhecimento

Como última parte da seção, que tratou do referencial teórico-metodológico da pesquisa, são apresentadas pesquisas com base em um levantamento realizado a fim de situar a tese em relação ao conhecimento produzido e publicado relacionado ao tema, considerando na escolha do material analisado como primeiro parâmetro a proximidade com o objeto de estudo em sua delimitação espacial e temporal. Não se trata, portanto, de uma revisão de uma área de conhecimento, nem de um tema em toda a sua amplitude, quando se poderia analisar trabalhos cuja proximidade dar-se-ia apenas de forma tangencial. Optou-se, portanto, por fazer um estado do conhecimento temático delimitado.

Parte-se da compreensão de que o estado do conhecimento do tema é uma exigência

justificável para um trabalho de tese, em razão da produção do conhecimento configurar-se como um empreendimento público que envolve comunidades de pesquisadores, de modo que faz-se necessário, por razões variadas, entre elas, conhecer o que já existe, a fim de justificar uma pesquisa, delimitar com mais rigor um tema, tornar mais preciso um problema de pesquisa, explicitar lacunas ou respostas insatisfatórias acerca dele, conhecer referenciais teóricos e metodológicos recorrentes e procedimentos de pesquisa usuais, entre outras razões (Luna, 1996).

Compreende-se, assim, que a pesquisa transcende o mero acúmulo de informações e é caracterizada pela consciência de certa continuidade do conhecimento científico como condição de sua superação e produção de novos conhecimentos. Todo(a) pesquisador(a) vale-se de conhecimentos elaborados por outros que o antecederam para inteirar-se a respeito das produções existentes. Assim, reafirma-se de outro modo que a “atividade científica deve ser vista como uma ação cognoscente intersubjetiva comunitária na medida em que cada pesquisador ao produzir conhecimento precisa levar em conta o que os demais produziram, o referencial teórico, metodológico e axiológico reconhecido e adotado.” (Oliveira, 2013 p. 29).

Portanto, tem-se a consciência metodológica de que a consulta às produções existentes enseja ao(à) pesquisador(a) um contato com estudos realizados sobre determinado tema, e auxilia no entendimento relativo ao estado do conhecimento, fundamental para apropriação do que foi produzido e os referenciais usados na pesquisa.

Destarte, esperando e com o intento de “levar adiante” o estudo sobre as mulheres professoras protagonistas na plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA, foram realizadas buscas sobre o estado do conhecimento que, segundo Ferreira (2012), constitui-se como pesquisa de caráter bibliográfico e auxilia no mapeamento e discussão produções acadêmicas em distintos campos do conhecimento, em diferentes lugares e períodos.

Assim, ao ser delineado o objeto de estudo e para melhor compreendê-lo, acessamos os portais e bancos de teses, dissertações, e artigos dos programas de pós-graduação das universidades públicas e particulares, cujas temáticas são afins com a escolhida para investigar.

Importa destacar que após realizar a busca sobre a temática nos portais que disponibilizam produções acadêmicas e examiná-las, pôde-se constatar que grande parte das dissertações e teses disponibilizadas que abordam as mulheres professoras no ensino superior, não dialogavam de forma suficientemente pertinente, pelos parâmetros estabelecidos mencionados, com o objeto desta pesquisa sobre o percurso das mulheres professoras no processo de plenificação das licenciaturas.

A pesquisa foi realizada nos portais da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses

e Dissertações (BDTD) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), por conterem um vasto banco de produções. Quanto aos bancos das universidades públicas, consultamos a biblioteca digital da UFMA e da UEMA.

A busca se concentrou em teses, dissertações e artigos cujas temáticas contemplassem as mulheres professoras no ensino superior, universidade, licenciaturas, para averiguar a existência de produções sobre o objeto eleito, sendo este um tema novo de estudo. A seguir, apresentamos as produções selecionadas a partir da pesquisa bibliográfica realizada, que contemplou os conhecimentos produzidos por pesquisadoras(es).

As leituras que se fez a partir dessa busca auxiliaram na análise das produções científicas e possibilitaram averiguação das intersecções, assim como divergências e lacunas nas produções relativas ao objeto da pesquisa, com o intuito de trazer novas contribuições relativas à temática para os estudos concretizados, assim como aqueles que o sucederão.

Inicialmente, fizemos leituras dos resumos e objetivos das produções selecionadas. Em seguida, foram escolhidas 3 dissertações, 3 teses e 1 artigo para análise dos conhecimentos afins que poderiam contribuir para esta investigação.

O quadro seguinte traz um breve resumo das produções selecionadas que tratam da história da educação, mulheres professoras no ensino superior e universidade.

Quadro 1 – Dados coletados sobre o estado do conhecimento relativo ao tema

Nº	TÍTULO	AUTOR	OBJETIVO	TIPO	ANO
1	Mulheres na ciência: vozes, tempo, lugares e trajetórias	Fabiane Ferreira da Silva	Investigar a inserção e a participação das mulheres no campo da ciência moderna e problematizar alguns dos discursos de práticas sociais implicados na Constituição das mulheres cientistas.	Tese	2012
2	Das Escolas Superiores e federação à universidade: uma história da universidade Estadual do Maranhão	Roldão Ribeiro Barbosa	Reconstruir a história da Universidade Estadual do Maranhão.	Tese	2018
3	Caminhos cruzados: o percurso trilhado pelas mulheres caxienses do curso de Ciências Físicas e Naturais da Faculdade de Formação de Professores do Ensino Médio e a Missão Uspiana em Caxias Maranhão	Elizete Santos	Investigar como se deu fundamentalmente o processo educacional das professoras ingressantes na primeira turma do curso de Ciências Físicas e Naturais da Faculdade de Formação de Professores do Ensino Médio em Caxias Maranhão.	Tese	2018
4	Entre números e saias: a trajetória de mulheres professoras de ciências exatas da Universidade Federal do Maranhão	Fernanda Vanessa de Jesus da Silva	Analisar a trajetória pessoal e profissional das professoras que ministram aulas nos cursos de exatas da UFMA.	Dissertação	2020
5	Da Faculdade de Formação de Professores ao Centro de Estudos Superiores de Caxias: uma história de instalação e consolidação de ensino superior em Caxias	Roldão Ribeiro Barbosa	Construir uma história da institucionalização e consolidação do CESC-UEMA como instituição escolar do campo acadêmico destinada a formar professores para educação básica no estado do Maranhão	Dissertação	2012
6	Mulheres Atenas Maranhenses: trajetórias das mulheres na Filosofia e memórias das primeiras professoras do departamento de Filosofia da UFMA	Isabel Cristina Costa Freire	Analisar a atuação e os desafios das primeiras professoras do Departamento de Filosofia da UFMA.	Dissertação	2020
7	Mulheres no Ensino Superior: Histórias de Professoras na direção da Faculdade de Educação da USP	Juliana de Sousa Silva e Katiene Nogueira Silva	Discutir a inserção das mulheres na faculdade de Educação da USP.	Artigo	2021

Fonte: Elaboração própria.

Silva (2012) traz uma discussão sobre a inserção e a participação das mulheres no campo da ciência moderna e questiona alguns discursos e práticas sociais que implicam na

constituição identitária dos sujeitos, baseada nas Teorias Feministas das Ciências e em conceitos foucaultianos. A autora defende a ideia segundo a qual a visão sobre ciência e o gênero são decorrentes de construções sociais, culturais, históricas permeadas pelas relações de poder. Por ser uma investigação com base metodológica em investigação narrativa, a partir de entrevistas realizadas com as professoras sujeitos do estudo pretendido, possibilitou a confirmação da técnica eleita para coletar os dados das colaboradoras que se dispuseram a contribuir para a concretização da pesquisa, uma vez que fez opção da história oral como um dos caminhos escolhidos para a pesquisa.

Barbosa (2018) apresenta uma reconstrução da história da UEMA, evidenciando a sua emergência a partir da fundação da primeira escola superior isolada, a Escola de Administração Pública do Maranhão, em 1966, e narra o processo de constituição e consolidação dessa IES a partir de um histórico da universidade no Brasil, discorrendo sobre as reformas e crises pelas quais passou. Historiciza sobre o contexto no qual a UEMA foi se constituindo como universidade, destacando a importância da então UEEC nesse contexto. Essa tese também evidencia a importância da história oral enquanto metodologia que auxilia na compreensão dos depoimentos reais coletados através de entrevistas e possibilita, a partir delas e das análises constatar a importância das memórias nas falas dos interlocutores.

Esse texto, construído ao longo da investigação, foi lido, selecionado e eleito como uma das fontes, por tratar do CESC, enquanto instituição que, por ter emergido antes da UEMA enquanto universidade instituída legalmente, foi de suma importância para o processo de reconhecimento dessa IES pelo então Ministério da Educação e Cultura (MEC). Ademais, o texto da referida tese possui informações para compreensão do contexto em que ocorreu a plenificação dos cursos de licenciatura desse *campus* em Caxias.

Santos (2018) reporta-se ao percurso trilhado por três mulheres professoras que ingressaram na primeira turma do curso de Ciências Físicas e Naturais, na década de 1960, na então Faculdade de Formação de Professores do Ensino Médio, em Caxias Maranhão. A pesquisa evidencia as trajetórias das docentes, com as quais dialogou, em espaços outros, para além do CESC-UEMA, como as instituições escolares onde exerceram o magistério de 2º grau, hoje ensino médio.

A trajetória dessas mulheres professoras se entrecruza com a das docentes protagonistas da plenificação dos cursos de licenciaturas do CESC-UEMA, em alguns espaços da sociedade caxiense, como as escolas de 2º grau particular e na única escola pública: Centro de Ensino de Segundo Grau Aluísio Azevedo (CEAA), fundado em 1976, instituição onde as colaboradoras deste estudo também exerceram a docência.

Ademais, as suas histórias também se cruzam devido a lutas que vivenciaram no contexto caxiense, naquele período, que foi importante para as mulheres no que tange às lutas pró-emancipação. Também destaca parte da história de Caxias, nos séculos XIX e XX, assim como do CESC-UEMA. Em razão do objeto de estudo da referida tese estar intimamente ligado ao contexto histórico, os estudos dos quais resultou abarcam parte da história dessa cidade que remonta aos séculos XIX e XX. Também é evidenciada a conjuntura socioeconômica em que ocorreu a criação, implantação e implementação da FFPEM, e elementos da cultura caxiense desse contexto são trazidos para discussão, entre os quais aqueles relativos à mulher e os padrões a elas impostos pela sociedade de então.

A dissertação de Vanessa (2020) faz referência à existência de uma crescente participação das mulheres em diversas áreas do conhecimento científico, desde a antiguidade até o presente século, enfatizando que foram invisibilizadas pela historiografia tradicional, que por ter sido produzida predominantemente por homens brancos “notáveis” que mantiveram “eclipsadas” a participação das mulheres que produziram conhecimento no decorrer da história. Em seguida, a autora evidencia a presença feminina em contextos de diferentes épocas no campo da produção do conhecimento científico, desde o período em que as mulheres eram consideradas bruxas até quando obtiveram reconhecimento mundial. Ela afirma que apesar de ter havido um avanço relativo à presença feminina na carreira científica, não aconteceu proporcionalmente ao ingresso dos homens, e que tal realidade pode ser observada nos cargos mais elevados, em que a predominância é masculina, mesmo naquelas áreas em que as mulheres são maioria. Faz, ainda alusão ao percurso histórico sobre a presença da mulher na educação básica e superior, destacando a presença minoritária das mulheres enquanto docentes das disciplinas da área das “ciências exatas duras”. Por fim, Vanessa (2020) discorre sobre as trajetórias das mulheres selecionadas para sua pesquisa e finaliza com considerações que tratam da necessidade da continuidade dos estudos sobre as mulheres que exercem a docência no ensino superior, ministrando disciplinas da área das ciências exatas.

Essa pesquisa possui intersecções com a que realizamos, por tratar de uma temática que contempla as mulheres que exerceram a docência no ensino superior. Embora analisando o seu percurso profissional e atuação enquanto professoras nos cursos das ciências duras na UFMA, o ponto coincidente diz respeito à presença feminina no magistério superior, que ainda é minoritária em relação aos homens que o exercem. Segundo dados do Censo Escolar 2022, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), “Quando se olha para a docência no ensino superior, os homens estão na frente. Eles são 167.384 (52,98%) do total de 315.928 professores dessa etapa.” Embora a pesquisadora faça

alusão à presença das docentes no *campus*, o quantitativo de mulheres nesse espaço ainda é inferior ao dos homens.

A dissertação de Barbosa (2012) subsidia a nossa discussão por ter o pesquisador descrito o processo histórico de como foi criada, instalada, e implementada a Faculdade de Formação de Professores do Ensino Médio em Caxias do Maranhão. O autor faz uma abordagem utilizando o recorte temporal de 1968, ano em que foi instaurada a FFPEM e, ao narrar fatos ocorridos, envolvendo essa instituição de ensino até 1984, faz alusão ao contexto histórico e cultural, assim como aos acontecimentos ocorridos que julgou necessário registrar durante o período selecionado para historicizar sobre a educação superior em Caxias.

Como toda pesquisa delimita um objeto a ser investigado, e por não ser a presença feminina no processo de plenificação das licenciaturas o foco do seu estudo, esse pesquisador não trata dessa temática. Pela mesma razão, neste trabalho, as mulheres se encontram presentes de forma tangencial. No entanto, traz informações valiosas, relativas ao contexto histórico-cultural, as quais contribuem para compreensão de fatos e conjuntura em que estavam envoltas as mulheres, sujeitos desta investigação.

O artigo de Silva e Silva (2021) faz um breve histórico sobre a criação da Universidade de São Paulo, evidenciando, de forma crítica o seu caráter elitista desde a sua fundação. Também discute a inserção das mulheres no ensino superior brasileiro e as discussões são feitas a partir das análises das entrevistas realizadas com duas docentes. Elas pontuam que a partir das memórias das entrevistadas foi possível obter informações relevantes sobre a história dessa IES, desde a sua formação, destacando a presença das mulheres professoras no âmbito universitário.

A seleção desse artigo deu-se em razão do objeto eleito pelas pesquisadoras apresentar pontos que coincidem com os desta investigação relativos à presença das mulheres professoras no ensino superior e também porque a história do CESC está intimamente ligada à USP. A então FFPEM, hoje denominada CESC, foi instaurada a partir do convênio celebrado entre essa universidade e o governo do estado do Maranhão, através da Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC). Informações mais detalhadas sobre esse fato são evidenciadas na próxima seção, na qual abordamos o *locus* da pesquisa.

O desenvolvimento do estado do conhecimento foi importante por ter familiarizado a pesquisadora com a pesquisa da temática, mostrando os objetos de investigação mais visados, os referenciais teóricos e metodológicos mais frequentes, os aspectos ainda lacunares nas pesquisas disponíveis, assim como os argumentos que apontaram as justificativas mais habituais para a realização da pesquisa, tanto da perspectiva teórica quanto social e

institucional.

Considerando a constatação de que não há nas pesquisas consultadas nenhuma que trate do objeto da tese na sua delimitação e especificidade, o estado do conhecimento permitiu, portanto, sustentar a pertinência e necessidade da presente pesquisa, justificando-se, desse modo, o esforço investigativo do objeto por indicar uma real contribuição com a temática.

Não ter encontrado objetos idênticos não significa que não haja conexões significativas a efetuar, uma vez que o contato com pesquisas pertinentes já concluídas auxiliaram na compreensão do contexto da pesquisa por afinidades temáticas. Situar uma pesquisa é uma tarefa fundamental para aquilatar a extensão e profundidade da contribuição pretendida.

Outro aspecto importante desse estado do conhecimento do tema foi o fato de revelar o que necessita de ampliação e maiores esclarecimentos a partir da análise de temas afins, não significando que tudo será resolvido na tese, mas indicando que o trabalho se presta a iluminar objetos de futuras pesquisas com o desta pesquisa, investigados por outros pesquisadores de universidades brasileiras.

A próxima seção se dedica a tratar do objeto da tese em um grau maior de delimitação, o que permitirá enxergar, em possível referência ao estado do conhecimento, de que modo se constituiu o CESC, como esse se situa em relação à cidade e à região de influência. Esse cenário é parte constitutiva e indispensável da tese, na medida em que permite compreender a ação no espaço e tempo dos sujeitos que protagonizaram essa pesquisa.

3 CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS: LÓCUS DA PESQUISA

Antes tratar do CESC-UEMA, *lócus* da pesquisa, esta seção traz uma contextualização da cidade Caxias, por ser o espaço em que essa IES está situada, tendo em vista que tanto as pessoas quanto as instituições, por estarem inseridas em um cenário histórico e geográfico, são fortemente influenciadas por ele.

Destacamos particularmente aspectos importantes da cultura de Caxias em razão desse domínio antropológico ligar-se à educação, indicando um conjunto de valores, crenças e bens materiais que se constituem em um horizonte de sentido que orienta a atuação de um grupo social, tanto na reprodução como da realidade na qual está inserido.

No que concerne ao estudo da temática desta tese, partimos do pressuposto de que o conjunto de elementos socioculturais apresentados pode consubstanciar a compreensão das representações dos sujeitos protagonistas da plenificação e densificar a reconstrução das suas memórias que, por sua vez, incorporaram sentidos subjetivamente significativos da história de Caxias. As entrevistas (analisadas na próxima seção) ligam-se a esta e buscam trazer à tona tanto a evocação da memória com vivacidade, quanto aos seus aspectos mais latentes que podem ser estimulados à externalização pelo diálogo.

Considerando que o objeto de estudo dessa pesquisa está intimamente ligado à história do CESC, localizado em Caxias, é necessário evidenciar aspectos históricos e culturais dessa cidade, tendo em vista que foi o cenário onde as mulheres professoras universitárias, sujeitos desta investigação, participaram efetivamente de atividades para além da sala de aula, contribuindo para a história da educação caxiense. Le Goff (1994, p. 477) afirma que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.”

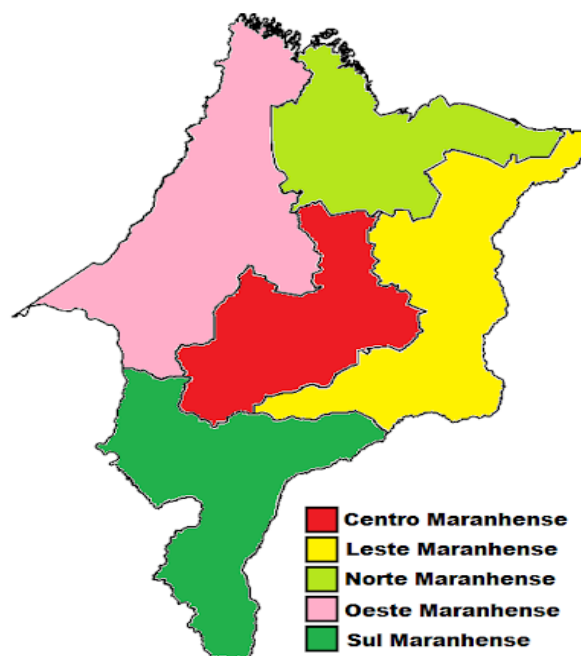
3.1 A cidade de Caxias

A cidade se constitui um campo em que os homens e mulheres evocam memórias expressas nas narrativas sobre os momentos que foram vivenciados e assim contribuem para a construção da história de um povo e da cidade. Segundo Certeau (2008), a criação do espaço citadino resulta de três operações conjuntas, quais sejam: espaço próprio, a distribuição de um não tempo relativo às tradições e a criação de um sujeito universal e anônimo, ou seja, os habitantes são partem e, portanto, da própria cidade por fazerem parte da sua constituição.

Como toda cidade, Caxias é constituída por esses elementos pontuados. É localizada em um espaço próprio e são mantidos elementos que fazem parte da sua cultura, como costumes, crenças, valores que são passados pelas gerações adultas às mais jovens. Localizada em um espaço geográfico próprio, mantém sua soberania. É a maior e mais importante cidade da mesorregião do leste maranhense, com 156.970 habitantes (IBGE, 2023), sendo a 5ª maior cidade em termos de população, em uma área de 5.224 km². Foi construída inicialmente no vale do Rio Itapecuru, o qual possui vários afluentes que cercam a cidade, com cerca de 16 mananciais. Há uma vasta extensão do município, além da sua sede, banhada pelo Rio Parnaíba, que se põe como limite entre o Maranhão e o Piauí. “Fica [mais] próxima da capital do Piauí, Teresina, a apenas 66 quilômetros, e a 360 quilômetros da capital do Maranhão, São Luís, a 656 quilômetros da capital do Ceará, Fortaleza, e a 838 km da capital do Pará, Belém” (Caxias, 2023), razão porque geógrafos consideram que está localizada na região meio-norte.

No mapa do estado do Maranhão (Figura 1), é possível visualizar tal descrição, situando-se Caxias em uma das cinco mesorregiões, devendo-se destacar ao leste maranhense, em amarelo, na qual se localiza a cidade.

Imagem 1 – Mapa regional do Maranhão



Fonte: <http://geoftp.ibge.gov.br/mapas>. Acesso em: 30 jul. 2023.

De uma perspectiva antropológica, vale ressaltar que Caxias é herdeira de uma ímpar riqueza cultural e literária. É o berço de poetas escritora(e)s, como Gonçalves Dias, Coelho

Neto, Vespasiano Ramos, Wybson Carvalho, Carvalho Júnior, Filomena Teixeira, Joseane Santos Maia, Íris Mendes, Maria Gema de Jesus Carvalho, e mulheres outras, quase sempre inviabilizadas pela história oficial, mais propensa a evidenciar e louvar os feitos dos notáveis (homens brancos) e a omitir a participação das “minorias”, entre elas, as mulheres.

Poetas e escritores(as) de Caxias influenciaram gerações a se dedicarem à arte de escrever. Uma realidade decorrente dessa marca é a existência da Academia Caxiense de Letras, a segunda fundada no interior do estado do Maranhão⁷. Ao longo de sua existência, seja como vila ou cidade, tem sido cantada pelos poetas nascidos nesse torrão.

Inicialmente habitada pelos povos indígenas Timbira e Gamela, Caxias tem a sua história narrada a partir da chegada do movimento de Entradas e Bandeiras, no século XVII, que vieram ao interior do Maranhão com a missão de pregar a fé cristã católica e, assim, subjugar os habitantes dessas terras. As comunidades indígenas foram dizimadas e os portugueses se estabeleceram na cidade. Batista (2015, p. 300) afirma que “Caxias das Aldeias Altas nasceu por volta de 1716, a partir das margens do Rio Itapecuru, nas terras mais planas e mais altas. Seu processo de urbanização iniciou com a chegada dos jesuítas que formaram as primeiras missões catequéticas”.

Como vila promissora, a existência de Caxias precede à Proclamação da Independência do Brasil, em 1822. Foi elevada à categoria de vila em 31 de outubro de 1811 e emancipada em 1836. Quando passou a ser cidade, pela lei provincial nº 24, de 5 de julho, foi-lhe, então, conferida a denominação de Caxias das Aldeias Altas, nome reduzido, posteriormente, para Caxias Segundo o *site* <https://cmcaxias.ma.gov.br/historia-da-cidade/>. Caxias foi inicialmente denominada:

[...] Aldeias Altas, nome que os missionários deram à localidade e que já fora chamada e anunciada como Guanaré, Missão Alta, São José das Aldeias Altas e Cachias, que quer dizer “esponja” ou flor do arbusto chamado “Corona Christi”, que deriva de “cacho”. A grafia “Caxias” veio de Portugal, resultado

⁷ A Academia Caxiense de Letras (ACL) foi fundada em 15 de agosto de 1997, sua sede está localizada na rua Primeiro de Agosto, nº 737, na cidade de Caxias do Maranhão. Possui 40 membros efetivos e realiza atividades de cunho educacional e cultural para o alunado do local. Dessa forma, contribui para uma conscientização sobre a importância histórico-literária de escritores e poetas. A ACL, além de editar, publicar e fazer lançamentos das obras de seus membros, promove palestras, proferidas por seus membros acadêmicos, sobre biografias de escritores e poetas caxienses nas unidades escolares das redes municipal e estadual e particular de ensino. Anualmente, a ACL recebe em sua sede mais de 10 mil estudantes que para lá acorrem em busca de conhecimentos. A instituição possui um cineclube com exibição de películas de arte e realiza uma exposição de artes que congrega manifestações e linguagens artístico-culturais da cidade e, ainda, um festival de poesia com a participação de alunos das unidades escolares locais.

da denominação que os portugueses davam às cidades⁸. Segundo representa palmáceas que dão flores em cachos. Então, a denominação vem daí.

De acordo com o poeta Wybson Carvalho, a grafia “Cachias” é portuguesa e faz referência à Quinta Real que existia nos arredores de Lisboa, perto de Oeiras (Portugal), outra bonita quinta do Marquês de Pombal. Dessa forma, diferente do que já foi divulgado, o nome Caxias não se atribui a Luís Alves de Lima e Silva, que recebeu o título de Barão de Caxias, do imperador D. Pedro II, por ter reprimido os balaios.

É importante lembrar que o corrente ano marca o bicentenário da adesão de Caxias à independência do Brasil, que ocorreu em 1º de agosto de 1823, tornando-a parte do território nacional e estadual, uma vez que nesse período era uma vila de muita importância econômica e cultural para a região da qual fez e faz parte. Por isso, ainda hoje é conhecida como “Princesa do Sertão Maranhense”, título recebido em 1858 (quando já era cidade), na Igreja de São Benedito, quando Dom Manoel Joaquim da Silveira – o então Bispo de São Luís do Maranhão – assim se referiu à cidade.

A seguir, exibe-se, em meio à apresentação da história, imagens fotográficas que deixam ver parte da riqueza arquitetônica da cidade de Caxias, preservada em suas construções, signos importantes da sua história, ligada à colonização portuguesa e à presença da Igreja Católica, cujos templos a ela pertencentes foram fundados por missionários jesuítas, como já se mencionou, pois “a fotografia é um objeto-imagem dotado de características técnicas da época em que foi produzida.” (Kossoy, 2001, p. 45). Portanto, constitui-se em um que possibilita a comunicação e também auxilia na transformação do senso histórico (Burke, 2005). É um meio pelo qual mulheres e homens se identificam com a história do local em que vivem, permitindo a internalização da sua cultura e a forma particular de viver no mundo, e contínua construção da sua identidade. As imagens que se seguem respondem ao que se destacou no parágrafo anterior dando vida aos aspectos referentes à história cultural de Caxias.

A imagem da Igreja São Benedito, localizada à Praça Vespasiano Ramos, possibilita uma interpretação que aponta para a “realidade urbana” de Caxias enquanto cidade até o início da segunda metade do século XX, a qual ainda preserva características do tempo em que foi

⁸ Em tempos passados, três cidades brasileiras usavam o mesmo nome, uma gaúcha, outra fluminense e a do Maranhão. Foi tentada a mudança no nome local, uma vez que o decreto-lei nº 311, de 2 de novembro de 1938, proibia mais de uma cidade com o mesmo nome. O povo não aceitou, as autoridades não aceitaram e nenhuma alteração sofreu o nome de Caxias, ante às imposições alegadas e à superioridade financeira das cidades do sul. Não obstante, imbróglia à parte, foram necessários os argumentos de José Eduardo de Abranches Moura, Otávio Vieira Passos e Nereu Bittencourt em defesa do topônimo que dera a Luís Alves de Lima e Silva o título de Barão de Caxias, e não este que emprestara à cidade essa toponímia. Por fim, após longa discussão, veio o reconhecimento e foi restabelecida a justiça, a denominação da cidade permanecera como sempre foi.

construída, século XIX. No seu entorno, ainda há prédios que encerram parte da história caxiense. A exemplo, a casa onde nasceu Vespasiano Ramos (entre as duas árvores, à esquerda da igreja).

Imagem 2 – Igreja de São Benedito, construída no século XIX (fotografia do século XX)



Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 30 jul. 2023.

Imagem 3 – Igreja de São Benedito, construída no século XIX⁹



Fonte: Natalia Bastos (<http://www.qualviagem.com.br>). Acesso em: 30 jul. 2023.

De acordo com César Augusto Marques (1870), a cidade perdeu sob julgo da

⁹ Onde Caxias recebeu o título de “Princesa do Sertão Maranhense”.

dependência ao governo português até 1823, quando os portugueses, representados por João José da Cunha Fidié (que fora preso em um sobrado, onde hoje está situada a Praça Gonçalves Dias), tiveram que confrontar o exército brasileiro, representado pelo major Salvador Cardoso de Oliveira e João da Costa Alecrim. As tropas invadiram Caxias pelo Morro do Alecrim ou Morro das Tabocas, e seguiram pela Rua 1º de Agosto, chegando à Igreja da Matriz – Igreja de Nossa Senhora da Conceição e São José, acabando com a resistência ao governo de D. Pedro I, após quase um ano depois da declaração de independência.

Segundo Milson Coutinho (2005), o dia 1º de agosto daquele ano marca a rendição dos portugueses, possibilitando a adesão de Caxias à Independência, mas a Ata de Rendição dos Portugueses à Independência do Brasil foi assinada somente no dia 7 de agosto de 1823, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição e São José, também conhecida como Igreja da Matriz a qual foi construída em 1735 (*pelos escravos*) sob a direção dos padres da Companhia de Jesus. É o maior templo religioso católico de Caxias e o primeiro construído à margem direita do Rio Itapecuru em Caxias Maranhão. A igreja está localizada no centro histórico de Caxias, na praça Cândido Mendes. Caxias era chamada, à época, de “Caxias das Aldeias Altas do Maranhão”.

Imagem 4 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição e São José (Igreja da Matriz), séc. XX



Fonte: <http://caxias.ma.gov.br>. Acesso em: 30 jul. 2023.

Um século depois de ter sido elevada à categoria de cidade (1836 a 1936), passou por momentos importantes e foi notório o seu desenvolvimento.

Houve, nesta terra cheia de encantos, em meados do século XIX, uma importante revolta, cujo objetivo contado nos livros de história, era dar cabo na exploração da Corte, em relação à província. Essa dominação foi liderada por homens brancos que dirigiam o Império.

Desse modo, os representantes praticavam exploração econômica sobre a população caxiense.

Os motivos que levaram os sertanejos a se juntarem ao movimento com a dimensão da Balaiada têm ligações com os conflitos entre pequenos produtores de alimentos e vaqueiros aos grandes proprietários nas disputas por terra e por mão-de-obra. É importante dizer que as condições de sobrevivências eram agravadas pelo monopólio das carnes “verdes” (fresca) e pelos altos preços da farinha vendidas pelos negociantes portugueses. Outra causa da movimentação popular foi provocada pela exclusão política, pela discriminação das chamadas “pessoas de cor” e pelo recrutamento obrigatório, que trazia prejuízo à agricultura familiar, ou seja, a produção era somente para alimentação. Com quase um ano de revolta, em novembro de 1839, a Balaiada ganha mais um segmento da sociedade, através de uma insurreição de escravos, que atingiu muitas fazendas da região de Itapecuru Mirim no Maranhão. (Matheus, 2018, p. 32).

A revolta popular, conhecida como Balaiada (1838-1841), teve como um dos principais líderes um negro, chamado Cosme Bento das Chagas, popularmente conhecido por Negro Cosme. Para a história oficial, Cosme e todos os envolvidos na revolta eram criminosos, facínoras.

O Preto Cosme, como ficou conhecido, foi um importante líder dos quilombos no Maranhão, pouco se sabe sobre sua vida, apenas que nasceu escravo em Sobral, no Ceará, por volta de 1800. Alforriado, ele vivia em Itapecuru Mirim no Maranhão, mas foi preso por homicídio, mas fugiu da cadeia e volta a Itapecuru. É importante dizer que Cosme era alfabetizado, condição rara até mesmo para as elites. (Matheus, 2018, p. 33).

Em Caxias existe um museu reservando à história da Balaiada, o museu escola Memorial da Balaiada, que narra a Revolta dos Excluídos, os sertanejos (pretos, indígenas, brancos, pobres, artesãos, vaqueiros) que têm sua origem e é fortemente vivenciada no Maranhão, mas adentra outros estados nordestinos. O conflito ocasionou mais de 10 mil mortes. Entre os líderes, destacam-se: o vaqueiro Raimundo Gomes Vieira, conhecido por Cara Preta; Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, também chamado por o Balaio, por ser artesão; Cosme Bento das Chagas, o Negro Cosme – líder do Bem-te-vi, partido liberal que fazia oposição ao partido conservador Cabanos; Lívio Lopes Castelo Branco, jornalista do Piauí.

Iniciada na Vila da Manga, que é a atual cidade Nina Rodrigues, no Maranhão, Raimundo Gomes Vieira, liderando outros vaqueiros, invade a vila para libertar seu irmão que estava preso, em 1938. A revolta toma proporções políticas e sociais contra o governo e seu exército.

Os balaios adentram a cidade de Caxias em 1839. Naquele mesmo ano, o Cel. Luís Alves de Lima e Silva é designado para conter os balaios em defesa dos interesses imperiais.

Acompanhado de sua tropa, ele vem para Caxias e executa milhares de balaios, utilizando de estratégias raciais para enfraquecer e acabar com a guerrilha.

Os rebeldes sobreviventes se juntam ao numeroso grupo de escravizados liderados por Negro Cosme e seguem para o Piauí. Posteriormente, a Balaiada chega ao Ceará e a Revolta perdura até 1841.

Na realidade, a Balaiada sempre foi considerada uma “mancha negra” na história do Brasil (Araújo, 2008), pelo fato de ter tido grande repercussão e ser uma revolta dirigida por populares. Para Magno Cruz (1998), a Balaiada incomodou tanto que foi preciso minimizá-la apenas à cidade de Caxias, como um movimento de negros baderneiros. Porém, essa guerrilha se estendeu pelos estados do Piauí, Ceará e Pernambuco.

Destarte, todas essas organizações populares receberam tratamento histórico, pela história oficial, como de costume, à luz de estereótipos próprios da burguesia masculina e branca, que exalta os dominadores subversivos bandidos. Como dito anteriormente, em Caxias temos o Memorial da Balaiada, fundado em junho em 2004, “é um museu escola que atende a comunidade em geral e foi criado com o objetivo de descrever a história da Guerra da Balaiada em seu maior confronto, em terras caxienses, mas não se limita apenas a este tema, abordando a história da Caxias” (Santos, 2021, p. 6).

O Memorial da Balaiada foi construído no Morro do Alecrim (outrora Morro das Tabocas), próximo às ruínas do antigo quartel do exército, um local que fala da história da Balaiada não pela história oficial e tradicional, mas pelo olhar dos balaios.

O museu escola faz parte do que ficou estabelecido pela Prefeitura Municipal de Caxias como Complexo Turístico da Balaiada, juntamente com o Mirante da Balaiada, as Ruínas do Quartel, o CESC-UEMA e a Praça Duque de Caxias, ambiente de disputas simbólicas de representação.

Apesar da intenção proclamada pelos idealizadores do complexo turístico da Balaiada ter sido a narrativa da história cujo viés é dar visibilidade aos oprimidos, no caso os balaios, algumas imagens, das que se seguem, remetem-nos a alguns questionamentos: por que a imagem de Duque de Caxias está entre dois canhões, no meio da praça que tem o seu nome, e a dos balaios entre cercados? Não foram eles, os “revoltosos” que tiveram suas vidas ceifadas por lutar contra injustiças sociais? As imagens que se seguem são relativas ao complexo.

Imagem 5 – Foto aérea do complexo turístico da Balaiada



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Kc9_OxDgPO4. Acesso em: 30 jul. 2023.

Imagem 6 – Memorial da Balaiada e líderes balaios



Fonte: Santos (2021).

Imagem 7 – Memorial da Balaiada e ruínas do quartel



Fonte: Santos (2021).

Imagem 8 – Memorial da Balaiada e busto de Luís Alves de Lima e Silva



Praça Duque de Caxias – Morro do Alecrim – Caxias/MA



Memorial da Balaiada – Morro do Alecrim – Caxias/MA

Fonte: Santos (2021).

A história de um povo, de um bairro, vila, cidade, estado e país é formada por elementos culturais diversos. É forjada partir das representações construídas no decorrer dos anos, influenciadas pelo imaginário popular que, ao longo dos anos, conserva um patrimônio imaterial, como as tradições transmitidas pelas gerações presentes às subseqüentes e são preservadas, também, ao serem contadas através das lendas que são parte de elementos constituintes do folclore de uma dada sociedade.

[...] todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos, nacionais. Esse patrimônio é o FOLCLORE. *Folk*, povo, nação, família, parentalha. Lore, instrução, conhecimento na acepção da consciência individual do saber. Saber que sabe. Contemporaneidade, atuação imediatista do conhecimento. (Cascudo, 1967, p. 9).

Dessa forma, a história caxiense, para além das narrativas da história oficial é permeada por causos, lendas, que expõem modelos de gestos utilizáveis a cada dia (Certeau, 2008). Eles destacam ações relativas a situações conflitantes e possibilitam reconhecer discursos de um povo. A formalidade das práticas cotidianas emerge nas histórias, que costumam inverter as relações de força, possibilitando ao oprimido a vitória e oferecem ao público um possível esquema de táticas para o futuro, destaca Certeau (2008).

Apresentamos, pois, algumas lendas caxienses contidas no livro “Cultura e legado: a contribuição de Manoel de Páscoa para Caxias” (Jovita, 2017). A referida obra traz registros sobre igrejas seculares caxienses, artistas, manifestações culturais e grupos folclóricos, mitos e lendas, além de informações biográficas sobre o autor, que muito colaborou para preservação e divulgação da cultura caxiense, transmitida de uma geração a outra. Assim, a cultura local continua subsistindo. Entre as lendas narradas foram selecionadas as seguintes:

1. Lenda da Serpente da Igreja do Rosário: construída pelos negros escravizados no período da colonização, a Igreja do Rosário tinha ao seu lado um pelourinho, onde negros que desagradavam seus senhores eram torturados e mortos. Depois de muitos anos, o piso da igreja começou a rachar e levantar, o que ocorre a cada sete anos. Muitos padres que já passaram por essa igreja mandaram trocar o piso, mas ele volta a rachar. Existem duas versões da lenda: a primeira diz que as almas dos escravos que estão lá dentro da igreja estão querendo sair para um lugar melhor, pois estão soterradas pelas pedras e pelo passado; a segunda versão é de que, há muitos anos, o pároco da igreja era muito bom e que sua mãe, que era uma pessoa de má

índole, morreu e, por ser mãe de um padre, foi enterrada dentro da igreja; essa mãe virou uma fera chamada de “Serpente da Igreja do Rosário”. Dizem que essa serpente de sete em sete anos cresce um pouco, criará asas, sairá por cima do teto e percorrerá as ruas de Caxias, comendo todas as pessoas da cidade naquele tempo.

Imagem 9 – Lenda da Serpente da Igreja do Rosário

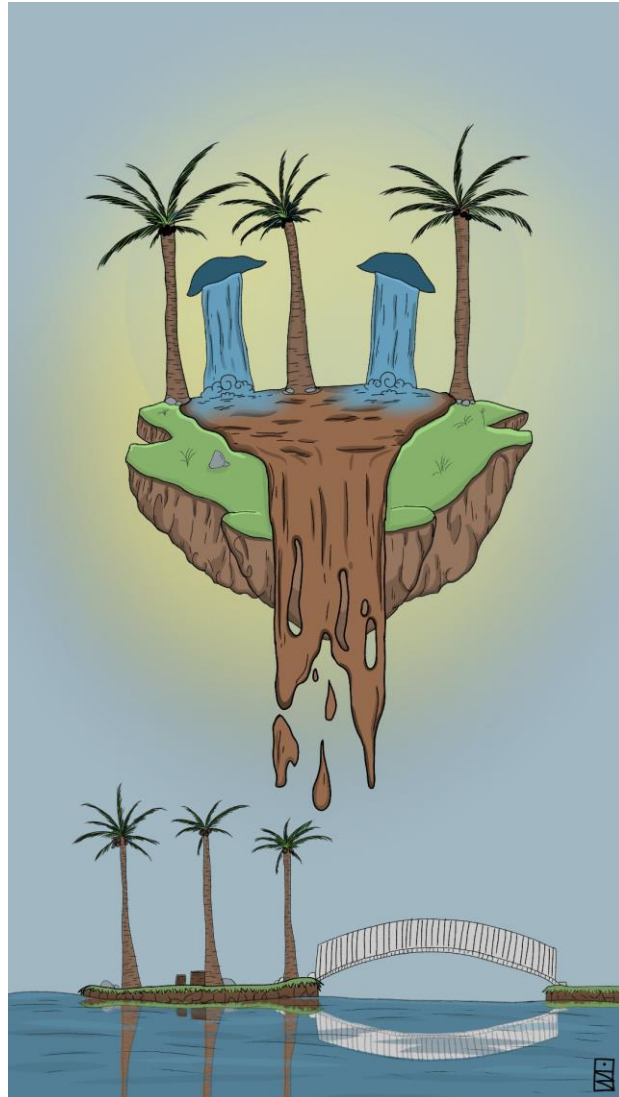


Fonte: Ilustrador Luan Nunes Soares, 2023.

2. Lenda da Veneza¹⁰: conta-se que Veneza, uma menina muito bela, tinha uma madrasta má. A madrasta tinha muito ciúmes da menina com o pai, por conta disso, teria enforcado Veneza e a enterrado na mata, em Caxias. Sete dias depois do enterro, a madrasta teria sonhado com Veneza, dizendo: “Se você provar que está arrependida, eu me santificarei e você estará perdoada, mas se você não se arrepender, eu me transformarei em um olho d’água e formarei uma poça de lama da cor de seu ciúme e esta lama servirá para cura dos doentes que a usarem. A madrasta não se arrependeu e Veneza jorra água mineral e lama que cura os enfermos.

¹⁰ Veneza é um ponto turístico de Caxias, que possui um belo lago que resulta de nascentes de água mineral e deságua no rio Itapecuru. No fundo do lago é possível extrair uma lama usada para enfermidades na pele.

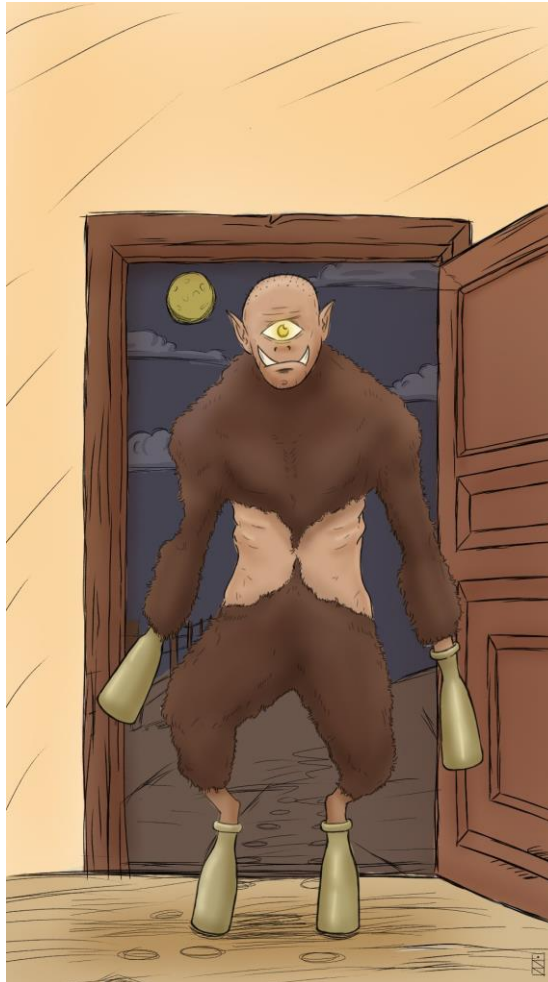
Imagem 10 – Lenda da Veneza, Caxias-MA



Fonte: Ilustrador Luan Nunes Soares, 2023.

3. Lenda do Pés de Garrafas: havia um homem que bebia cachaça e quando estava alcoolizado batia na mãe e cortava as pessoas que encontrava pela frente. Um dia, a madrinha dele o amaldiçoou e ele ficou como se fosse um jumento. As mãos e pés “viraram garrafas”. Ele vivia vagando pelas ruas dos arrabaldes da cidade e batia nas portas das casas do morro de Santo Antônio, bairro Ponte, para pedir perdão ao povo. Ao acordar e abrir a porta, as pessoas se assustavam ao ver aquele monstro peludo com os pés de garrafa e um olho só, luminoso, na face. Ele dizia que sua missão era destruir as mulheres “chifreiras”.

Imagem 11 – Pés de Garrafas



Fonte: Ilustrador Luan Nunes Soares, 2023.

As lendas narradas expressam representações que perpassam a formação das identidades de um povo. Nas sociedades patriarcais as mulheres sempre são mostradas como responsáveis pelos males. Há um olhar de culpabilidade, que é repassado às gerações e são aceitos nas sociedades ocidentais, herdeiras do pensamento judaico-cristão.

Nas duas lendas cujas protagonistas são as mulheres, há uma imputabilidade que as marcam: elas são más. A serpente devora pessoas e a madrasta mata a enteada. Na lenda com um homem como protagonista, sua maldade é camuflada, ou seja, o personagem, para justificar as agressões à mãe, pede perdão e agora mata as mulheres que traem os maridos e diz que presta um serviço à comunidade, vigiando as mulheres infiéis.

Essa visão que transfere às mulheres a responsabilidade da manutenção dos comportamentos morais ditados pela sociedade era marcante nos anos 1960, ano da criação do CESC-UEMA, e ainda permeia o imaginário das pessoas conservadoras, residentes em Caxias, onde a presença do preconceito é ainda uma realidade – não somente relativo às mulheres, mas

também de cunho racial e de econômico.

Outro aspecto cultural que merece destaque é o que diz respeito à poesia, um dos patrimônios culturais da cidade onde foi realizada a pesquisa. Não é sem razão que a “Princesa do Sertão” também é conhecida como “Terra dos Poetas”. São eles(as) os(as) responsáveis por, em períodos distintos, contar capítulos da história do povo dessa cidade.

Caxias foi o berço de poetas conhecidos nacional e internacionalmente, como Gonçalves Dias, Coelho Neto, Teófilo Dias, Vespasiano Ramos, entre outros(as), sendo as mulheres quase sempre invisibilizadas, sobretudo antes da fundação da ACL.

Em razão do bicentenário de Gonçalves Dias, consideramos ser necessário fazer referência ao poeta maior do romantismo brasileiro. Gonçalves Dias (Antônio Gonçalves Dias), poeta, professor, crítico de história, etnólogo, nasceu em Caxias, em 10 de agosto de 1823, e faleceu em naufrágio, no Maixio dos Atins-MA, em 3 de novembro de 1864. É o patrono da cadeira nº 15, da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Olavo Bilac.

Era filho de João Manuel Gonçalves Dias, comerciante português, e de Vicência Ferreira. Estudou Latim, Francês e Filosofia e se formou em Direito na Universidade de Coimbra, em 1845. É o autor da “Canção do exílio”, uma das mais conhecidas poesias da língua portuguesa. Regressando ao Brasil, em 1845, passou pelo Maranhão e, em meados de 1846, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Ao ser nomeado para a Secretaria dos Negócios Estrangeiros, permaneceu na Europa de 1854 a 1858. Pela obra lírica e indianista, o escritor é um dos mais típicos representantes do Romantismo brasileiro e forma, com José de Alencar, na prosa, a dupla que conferiu caráter nacional à literatura brasileira. Eis o poema que o eternizou na memória dos maranhenses e caxienses:

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
 Que tais não encontro eu cá;
 Em cismar – sozinho, à noite –
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que desfrute os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá. (Cinco estrelas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Coleção
 Literatura em Minha Casa).

Imagem 12 – Poeta Gonçalves Dias



Fonte: <https://caxias.ma.gov.br/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

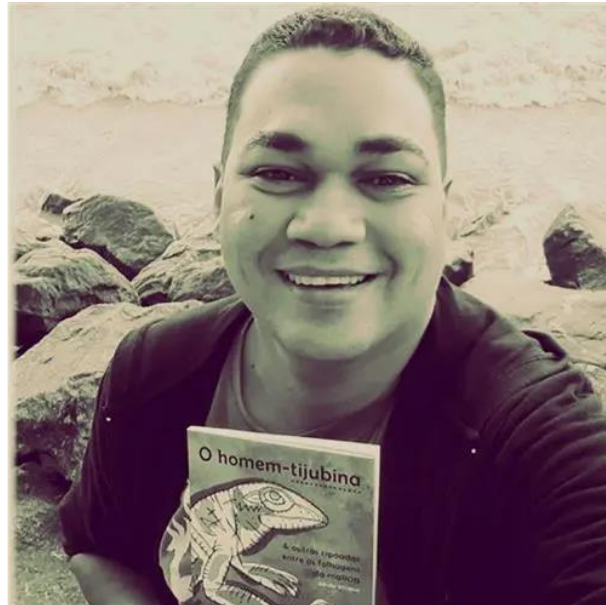
Entre os poetas da contemporaneidade, citamos Wybson Carvalho, Salgado Maranhão, Silvana Meneses, Joseane Maia, Íris Mendes, Elizeu Arruda, Aline Borba, Ângela Maria, representantes da literatura caxiense.

Destas(es), destacamos as trajetórias dos contemporâneos Francisco de Assis Carvalho da Silva Junior (Carvalho Junior), Maria Íris Mendes (Íris Mendes) e José Salgado dos Santos (Salgado Maranhão), todos nascidos em Caxias.

Carvalho Júnior nasceu em 1985 e dedicou-se a estudar o poeta conterrâneo Gonçalves Dias. Faleceu aos 35 anos de idade, por complicações da Covid-19, no dia 30 de março de 2021. Foi autor dos livros de poemas: “Mulheres de Carvalho” (Café & Lápis, São Luís, 2011); “A rua do Sol e da Lua” (Scortecci, São Paulo, 2013); “Dança dos dísticos” (Editora Patuá, São

Paulo, 2014); “No alto da Ladeira de Pedra” (Editora Patuá, São Paulo, 2017); “O homem-tijubina & outras cipoadas entre as folhagens da malícia” (Patuá, São Paulo, 2019). Organizou a “Antologia Babaçu Lâmina – 39 poemas” (Editora Patuá, São Paulo, 2019).

Imagem 13 – Poeta Carvalho Júnior



Fonte: <https://www.escritas.org>. Acesso em: 30 jun. 2023.

Carvalho Júnior foi membro da Academia Caxiense de Letras (ACL) e da Academia Sertaneja de Letras, Educação e Artes do Maranhão (ASLEAMA). Em sua trajetória enquanto poeta e escritor, foi premiado com o Troféu Nauro Machado no I Festival Maranhense de Conto e Poesia (FESTMACPO). Fazia parte do coletivo de autores alternativos “Academia Fantaxma” e era um dos organizadores do “Encontro de Poesia na Pele da Palavra”. Em homenagem a sua terra, escreveu:

A Princesinha

[...] teu estado é uma verde verdade
 vestida em verso, banhada em ouro
 a pele vermelha de sol e batalhas
 rebrilha os teus relevos
 revela e ratifica tua realeza
 tocar tua beleza é sem palavra
 dela com o perdão...
 são teus, princesa dos poetas...
 os mais belos seios do sertão! (“Mulheres de Carvalho”, Carvalho Júnior, 2011, p. 25).

Íris Mendes formou-se em Letras e Direito e atua profissionalmente como professora

e advogada. É especialista em língua portuguesa e direito previdenciário. Conquistou o 1º lugar no concurso de poesia do XVI Encontro Nacional de Letras (ENEL), com o poema “Via Crucis”. Participou do livro “Infância em contos: coletânea de escritores maranhenses” (1998); publicou “Sociedade das Letras: prosa, poesia & Cia” (Quibano, 2018); atuou na organização de “Poder nas Letras: o empoderamento feminino através da literatura” (2018), coletânea que reúne cinco advogadas caxienses, e da coletânea de poetas “Babaçu Lâmina”, editora Patuá (2019). Escreve com regularidade e tem uma quantidade expressiva de poemas inéditos que serão lançados brevemente em um novo livro.

Imagem 14 – Poeta Íris Mendes



Fonte: <http://textosencantadores.blogspot.com>. Acesso em: 30 jun. 2023.

Seguem duas de suas produções:

Escapada

O relógio andava
 como quem aciona o freio,
 reticente...
 Ímpeto de arranco e receio.
 O tempo não avançava.
 Ao olhar ansioso,
 menos ainda evoluía
 De tão pesado,
 na noite sombria.
 No pesadelo,
 o uivo do vento.
 O susto a alma arrepia.

A fúria desce do medo.
 O relógio é quebrado.
 Na escuridão,
 o segredo é deixado.
 A invisibilidade dos monstros
 vai amanhecendo.
 O corpo escapa livre,
 respira fundo
 e o crepúsculo vai sorvendo.
 Sobe um alívio de sol
 e nasce o exílio
 na roupa discreta e culpada do dia. (Íris Mendes, 2020).

Aprendizado

Deste mundo sombrio
 que sopra tempestades,
 quero a seiva das árvores
 que ao arrepio
 que as agitam inclementemente
 não se curvam plenamente.
 E depois que as sombras passam
 e se dissipam de suas mentes,
 a despeito dos tormentos,
 as manhãs conhecem delas
 não apenas os lamentos,
 mas o vigor refeito,
 o mal contrafeito
 e o trabalho das raízes
 na segurança e na calma,
 a dar posteridade ao tempo.
 Trabalham na costura funda da vida
 nas entranhas da terra agradecida.
 A vida livre,
 a engravidar flores.
 E oferecem frutos para a bonança,
 para a dignidade da mão.
 Não fornecem madeiro
 aos decretos de cruz e extinção. (Íris Mendes, 2020).

Salgado Maranhão nasceu no povoado de Cana Brava das Moças, em 13 de novembro de 1953. Mudou-se para Teresina, onde trabalhou em diversas ocupações. Já dedicado à poesia, influenciado por Torquato Neto, que conheceu trabalhando em um jornal local, foi morar no Rio Janeiro, em 1972.

Seus primeiros poemas foram publicados em livro na antologia poética “Ebulição da escravatura: treze poetas impossíveis”. Publicou poemas e artigos na revista “Encontro com a Civilização Brasileira” (1978). Foi autor das seguintes obras: “Aboio” (cordel, Ed. Corisco, Teresina, 1984); “Punhos da serpente” (poesia, Ed. Achiamé, Rio de Janeiro, 1989); “Palávora”

(poesia, Ed. Sette Letras, Rio de Janeiro, 1995); “O beijo da fera” (poesia, Ed. Sette Letras, Rio de Janeiro, 1996); “Mural de ventos” (poesia, Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1998).

Imagem 15 – Poeta Salgado Maranhão



Fonte: <https://www.revistaprosaversoearte.com>. Acesso em: 30 jun. 2023.

Várias são as premiações recebidas pelo poeta:

- Prêmio “Ribeiro Couto”, em 1998, da União Brasileira dos Escritores (UBE), com o livro “O beijo da fera”;
- Prêmio Jabuti Com o livro “Mural de ventos”, da Câmara Brasileira do Livro, em 1999 (prêmio dividido com Haroldo de Campos e Geraldo Mello Mourão);
- Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, em 2011, com o livro “A cor da palavra” e em 2014;
- Prêmio Pen Clube de poesia, com o livro “O mapa da tribo”.

Terra minha

Quando eu te reconheci,
 havia um rio entre nós,
 desde então sigo cantando
 no leito da tua voz.
 Quando eu te reencontrei,
 já era marcado a ferro,
 sem ao menos perceber
 o poder do próprio berro.
 Passa por mim esse slide
 como um cinema secreto,

como se dessa paisagem,
 fosse meu próprio alfabeto.
 Me lanço por entre mares,
 por caminhos que nem sei...
 para o fim retornar
 ao ponto que iniciei.
 Mesmo listando ao presente
 as memórias do futuro,
 acabo por te encontrar,
 cada vez que me procuro. (“A cor da palavra”, Salgado, 2009).

Outro aspecto cultural de Caxias, diz respeito à educação escolar cuja expansão ocorreu somente a partir de meados do século XX. Após a expulsão dos jesuítas do território brasileiro e, conseqüentemente, de Caxias, a educação institucionalizada ficou a cargo de outras ordens e de intelectuais da cidade por várias décadas, sendo reinstaurada através da criação da cadeira de primeiras letras, com recursos provenientes do erário público. “No ano da independência (1822), a Câmara Municipal de Caxias pedia à Junta Governativa da Capital a criação de uma cadeira de primeiras letras paga pela Fazenda Nacional. E conseguiu. [...] Foi a primeira escola pública de Caxias.” (Medeiros, 1991, p. 12). Medeiros ainda afirma que “Para o sexo feminino, foi criada em 1835 uma cadeira de ensino primário e, em 1838, outra para o sexo masculino, em Tresidela.”¹¹

Segundo Medeiros (1991), em 1842 foi criada uma cadeira para o ensino de língua francesa e dois anos depois mais duas para o ensino primário ofertado aos do sexo masculino, sendo uma destinada aos moradores do primeiro distrito e outra para os residentes no segundo distrito. Essa realidade evidencia que a educação primária era ofertada em maior quantidade aos homens. As aulas ministradas aos homens eram de responsabilidade dos professores e as professoras lecionavam para as meninas e moças.

Medeiros (1991) afirma que juntamente com a cadeira para o ensino de língua francesa criado em julho de 1842. Juntamente com as quatro de ensino primário totalizou em cinco unidades públicas de ensino na cidade de Caxias e que o quadro da educação primária caxiense incluía escolas particulares e no ano de 1875, além das cinco unidades públicas, havia diversos estabelecimentos de ensino particular. Dentre eles, a escola do professor João Antônio das Neves que possuía uma frequência de cerca de 70 alunos; a do professor Manuel Pedro Ramos, com mais de 50 matrículas; e o Colégio São Joaquim, internato e externato, do Dr. Joaquim Lopes Lobão, com cerca de 100 alunos.

¹¹ Tresidela é o nome dado aos bairros localizados à margem do rio, oposta ao centro de Caxias e outras cidades maranhenses.

Em 1918, 43 anos depois, foi criado em Caxias, o 1º Grupo Escolar¹², o João Lisboa, mas as aulas iniciaram somente no dia 22 de março de 1920. Atualmente, 2031, essa escola, oferta o ensino fundamental- 6º ao 9º ano- e está localizada desde a sua implementação no centro da cidade e é um das mais “disputadas” pelas classes populares da cidade. Isso porque, da sua fundação até os anos 1960, um quantitativo considerável de alunos era oriundo da burguesia local.

A expansão do ensino primário ocorreu somente a partir dos anos 1960, quando foi fundado o Ginásio Bandeirante “Duque de Caxias”, pertencente à rede estadual de ensino. Até então, o curso ginásial era ministrado em instituições particulares.

Na década de 1930, foi fundado o Colégio Caxiense e Colégio São José¹³, escolas particulares, que ofertavam o curso Ginásial, e foi fundada a Primeira Escola Normal em Caxias, que funcionou até meados de 1940.

Na década de 1950, foi fundado o curso Normal do colégio caxiense, frequentado e concluído por duas professoras colaboradoras desta pesquisa: Carmelita Freitas e Edmée da Costa Leite. Em 1968, foi criada a FFPEM, atual CESC-UEMA. A seguir, narramos parte da sua história, da qual as mulheres, sujeitos deste estudo, participaram ativamente.

3.2 Reconstrução da história do CESC

Nesta subseção, trazemos uma contextualização sobre parte da história do CESC-UEMA, lugar onde as mulheres professoras deste estudo exerceram a docência. Contudo, não é nossa intenção fazer uma abordagem que abarque toda a história do CESC, tendo em vista que existe há mais de meio século e são “muitas histórias pra contar” desde a sua fundação até o seu 55º ano de existência e de contribuições prestadas à comunidade caxiense, municípios do leste maranhense, Timon, cidade maranhense que não faz parte da mesorregião de Caxias, e Teresina capital do Piauí

Assim, o propósito aqui é contextualizar como foi pensado, quando foi fundado e evidenciar momentos importantes da criação à plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA, entendendo que é relevante a reconstrução da história da instituição, pois esta é forjada por pessoas que interagiram em prol de um dado objetivo e, assim, contribuíram para a história que

¹² No Brasil, os primeiros Grupos Escolares foram fundados no estado de São Paulo, em 1893 com o objetivo de ofertar o ensino primário (hoje 1º ao 5º ano do ensino fundamental). Entretanto, foram instalados a partir de 1894, no estado de São Paulo, em 1897, no Rio de Janeiro, e em 1903, em São Luís, capital do Maranhão (Vidal, 2006).

¹³ O Colégio São José era frequentado apenas por mulheres, desde a sua fundação, até o início da década de 1970. O colégio Caxiense era escola mista, desde a sua fundação, em 1935.

só se constitui como conhecimento pela relação que estabelece entre o passado vivido pelos homens (e mulheres) de outrora e o historiador de hoje (Ricoeur, 1994) e pesquisadoras(es) que se propõem a buscar dados e saberes sobre o objeto de estudo eleito e socializar as constatações sobre fatos ocorridos.

Assim, inicialmente teceremos considerações sobre a conjuntura em que foi planejada e criada a FFPEM, trataremos do convênio com a USP e, por fim, o reconhecimento da então FEC e plenificação das licenciaturas. Antes, porém, faremos referência à conjuntura brasileira, maranhense e caxiense.

Quanto ao cenário nacional, necessário se faz evidenciar os anos 1960, caracterizados pelo esgotamento do modelo de substituição de importações, que emergiu após a revolução de 1930, quando surgiu “a industrialização como meta ao redor da qual gravitam os interesses das diferentes forças sociais” (Fonseca, 1985, p. 18). A autora ainda destaca que e as ideias liberais floresceram no contexto brasileiro, a partir de 1945, e se constituíram como pano de fundo do nacionalismo que gerou a crise dos anos 1960, em que as forças antagônicas entre o modelo econômico e ideologia política, no capítulo da nossa história, traz a eleição vitoriosa de Jânio Quadros e o processo de conspiração que resultou na sua renúncia. As contradições entre o modelo econômico e a ideologia política direcionou o modelo de substituições de importações.

Nessa conjuntura, ocorreu o golpe de 1964 que trouxe o governo militar, ajustando a ideologia política ao modelo econômico, o qual levou a substituição e a doutrina da interdependência, tendo assim contribuído para o êxito da burguesia industrial brasileira, atrelada ao capital estrangeiro. Nesse contexto nacional, a educação tem um caráter próprio e está relacionada às lutas de classes próprias da sociedade capitalista, com o papel de responder ao tipo de homem solicitado pela sociedade, o que não seria diferente nos anos 1980.

É importante destacar a lei nº 4.024/61, que resultou de uma trajetória de luta iniciada em 1946 (Fonseca, 1985). Essa lei regulamentou o funcionamento e o controle da educação escolar no Brasil. E, em se tratando de ensino superior, vale ressaltar a lei nº 5.540/68, resultado de um movimento de conflito em que a universidade se contrapôs ao modelo econômico imposto. Conforme afirma Fonseca (1985, p. 29):

[...] a economia assumiu o caráter de capitalismo de mercado associado-dependente e a universidade se tornou o único polo que, manifestamente, resistia a este estado de coisa, uma vez que se orientava ainda pela ideologia nacional desenvolvimentista, destacada pela revolução. Isso gerou a crise de 1968 que repercutiu de tal forma no Congresso que levou o governo a fazer uma reforma universitária urgente [...].

A lei nº 5.692/71 trata do ensino básico, hoje ensino fundamental e ensino médio, resultado da tendência tecnicista que no Brasil representa os interesses dos militares e tecnocratas, ao centralizar o controle e racionalização do sistema. Tal fato teve envergadura a partir do acordo entre MEC e a United State Agency for International Development (USAID), que estabeleceu para o Brasil uma política que atendesse os princípios de eficiência e produtividade, exigência do sistema industrial, baseada na economia capitalista.

No cenário maranhense, a educação no mencionado contexto encontra-se atrelada às ações externas, semelhantes às da nação, em que técnicos dos Estados Unidos, com base no acordo MEC/USAID, delimitavam os caminhos educacionais brasileiros. O estado inaugurava a era Sarney, tendo por lema: “O Maranhão Novo”, que chamava a educação a operar o milagre de transformar a realidade maranhense. Através desta bandeira, implementou-se o Projeto Centauro, considerado audacioso, criativo, ‘sui generis’ que tinha no seu nome a conotação de uma estrela muito brilhante que formaria professores para o “Maranhão Novo”. O objetivo deste projeto era instalar uma faculdade de formação de professores para o primeiro ciclo, tendo como meta solucionar o problema da falta de professores qualificados para o nível médio. Tal situação foi agravada com a implantação do Projeto Bandeirante, em 1968, cuja finalidade era suprir a falta de ginásios no estado, sobretudo no interior maranhense e, assim: “possibilitar a continuidade de estudos aos egressos do Curso Primário, ajudar na formação da mão-de-obra especializada para o desenvolvimento e dar condições para criação e acesso a cursos superiores.” (Fonseca, 1984, p. 35).

Em Caxias, na década de 1960, período em foi criada a FFPEM, eram visíveis os reflexos dos problemas de ordem econômica do Maranhão. A cidade vivia uma crise desencadeada pela falência da indústria têxtil, União Caxiense, em 1958, provocando um descontentamento dos operários e das operárias, que saíram às ruas para protestar, uma vez que foram os/as mais atingidos/as por esse acontecimento.” (Silva, 2013). Essa crise econômica instaurada atingiu diretamente as pessoas que dependiam do emprego na fábrica para o seu sustento e das suas famílias. Tal realidade é própria do modo de produção capitalista, que em qualquer sociedade e situação afeta negativamente a classe trabalhadora.

Imagem 16 – Companhia da União Têxtil Caxiense, atualmente, Centro de Cultura



Fonte: Eziquio Arquitetura, 2023.

Importa ressaltar a participação das mulheres operárias nesse momento histórico (década de 1950), pois trabalhavam em um espaço para além das suas casas e sofriam preconceito por trabalharem na fábrica. No contexto caxiense, a profissão professora era a aceitável para as mulheres,

Outra realidade desse contexto diz respeito à dificuldade, entre outras, enfrentada pela classe popular que era a insuficiência de escolas públicas para atender a maioria dos(as) jovens e adolescentes que residiam em Caxias que, por não terem condições de custear mensalidades nas instituições de ensino particular, dependiam do ensino público. Quanto àquelas(es) que residiam na zona rural, ainda era mais difícil ingressar em uma escola, dada a inexistência de grupos escolares, que eram as instituições que ofertavam o primário, sobretudo para quem morava distante do local onde ocorriam as aulas. “As escolas existentes na zona rural funcionavam nas casas dos proprietários de terras, onde uma única professora ministrava aulas de todas as disciplinas para as séries que compunham o primário, ministrado aos alunos agrupados em uma única sala” (Silva, 2013, p. 50).

O quadro a seguir representa o quantitativo de escolas públicas que ofertavam o primário (atualmente 1º ao 5º ano – séries iniciais do ensino fundamental), destacando o ano de fundação de cada instituição. Esse quantitativo de escolas foi expandido somente a partir da década de 1960, época em que houve uma expansão desse nível de ensino. Dessas, apenas três

não estavam localizadas no centro da cidade: Grupo Escolar Dias Carneiro, no Bairro Tresidela, Odolfo Medeiros, no Cangalheiro e Vespasiano Ramos, no Ponte.

Quadro 2 – Grupos escolares estaduais em Caxias existentes nas décadas de 1950 a 1960

Escola	Ano de fundação
Grupo Escolar João Lisboa	1918
Grupo Escolar Gonçalves Dias	1923
Grupo Escolar Dias Carneiro	1933
Grupo Escolar Profª. Silvandira Guimarães	1946
Grupo Escolar João da Costa Alecrim	1956
Grupo Escolar Vespasiano Ramos	1955
Grupo Escolar Eugênio Barros	1955
Grupo Escolar Odolfo Medeiros	1958

Fonte: Silva (2013, p. 51).

Nesse contexto, o quadro docente não possuía formação para lecionar nos ginásios que seriam implantados. Em Caxias, o Ginásio Bandeirantes e o Ginásio Orientado para o Trabalho, que funcionou no bairro Ponte, um dos mais antigos da cidade. A qualificação dos(as) professores(as) era promovida pelo Ministério da Educação, que ofertava cursos para formação para leigos(as) nas escolas de Caxias, nos anos 1960. Os(as) professoras(es) participavam de várias etapas modulares durante o ano com disciplinas, como Língua Pátria, Matemática, Ciências, Geografia, Higiene e Agricultura, Os(as) cursantes recebiam certificado e estavam qualificados(as) para o exercício do magistério em qualquer cidade do estado, uma vez concluído o curso (Fonseca, 1985). Esses cursos eram destaque em jornais como o exibido a seguir:

Imagem 17 – Notícia sobre o curso de formação de professores

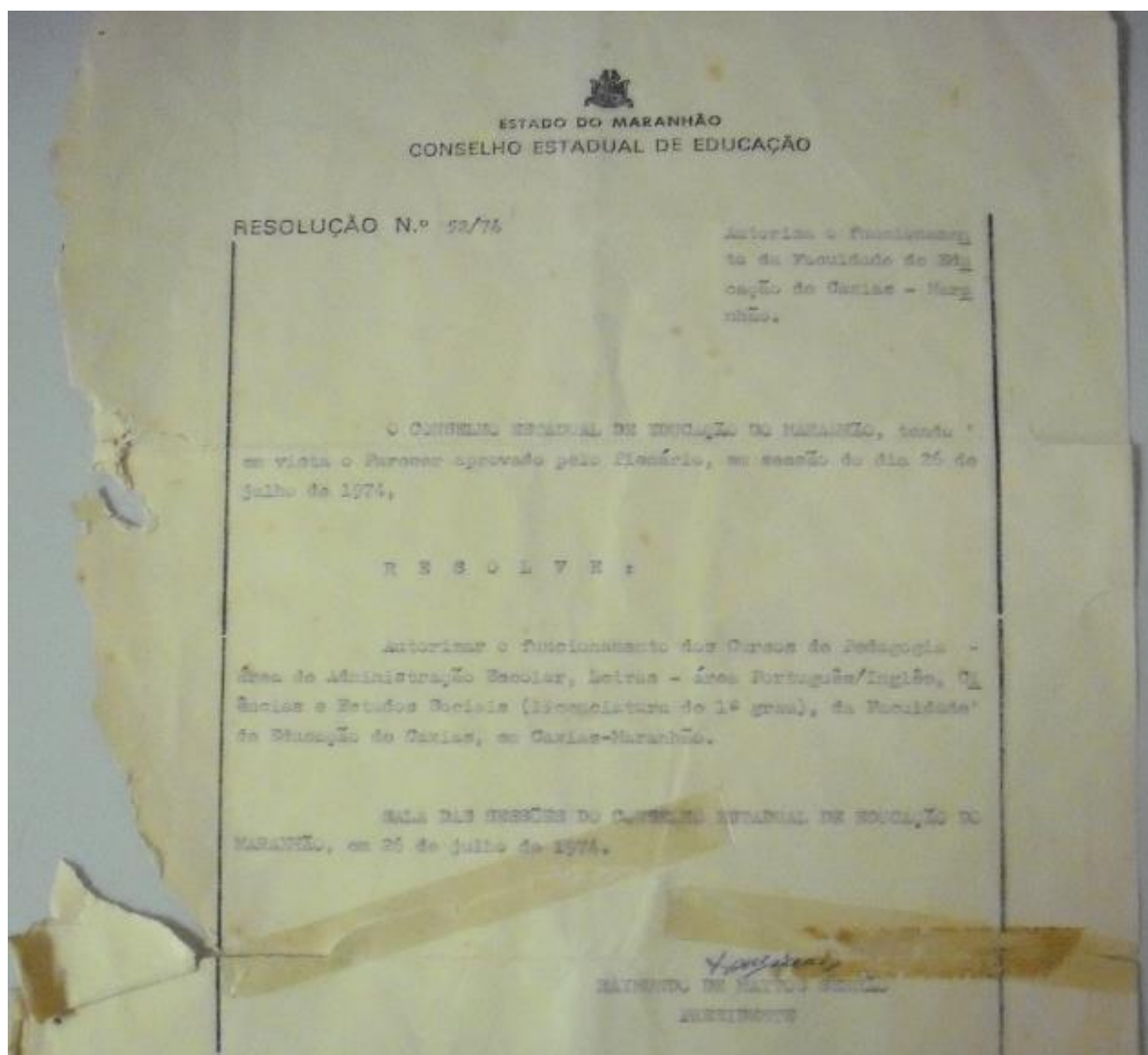


Fonte: Arquivo particular de Elisete Santos.

Com o intuito de proporcionar uma formação em nível superior às professoras e professores, a FFPEM foi criada pela lei nº 2.821, de 23 de fevereiro de 1968 (Anexo A), conforme publicado no Diário Oficial do Maranhão (a. 61, n. 39, f. 1, em 05 fev. 1968), cuja ementa “Autoriza o Poder Executivo criar uma Faculdade, na cidade de Caxias”, a fim de formar professores, no menor tempo possível, em cursos de licenciatura curta, para lecionar no 1º ciclo do ensino secundário. Contudo, segundo Fonseca (1985), as aulas iniciaram somente em 6 de janeiro de 1970, sob a coordenação pedagógica da Missão Docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

Foi no contexto da Ditadura Militar (1964-1985) que emergiu o CESC-UEMA. Mesmo nesse contexto político, que desfavorecia a presença das mulheres nas instituições, a história dessa IES foi fortemente marcada pela presença de mulheres que participaram efetivamente do processo da implementação e consolidação dos cursos de licenciatura, que segundo o projeto de criação da FFPEM seriam ofertados ali às(aos) professoras(res) que lecionavam nos Ginásios Bandeirantes, fundados em Caxias, e municípios circunvizinhos. Porém, o reconhecimento pelo Conselho Estadual de Educação se deu somente em 1974, através da resolução nº 52 do Conselho Estadual de Educação (CEE).

Imagem 18 – Resolução nº 52/74 – autorização para o funcionamento da FEC



Fonte: Fonte: Acervo da Diretoria do CESC/UEMA, 2008.

Com relação à escolha de Caxias para ser contemplada com a FFPEM, surgem questionamentos, como o de Santos (2019, p. 14), sobre um aspecto importante relativo à criação dessa faculdade, que teria ficado nos bastidores a informação de para quem era destinada: “Seria, finalmente, um campo de estudo para as mulheres de qualquer segmento social?”; em seguida, faz a ponderação: “Porque, se pensarmos, no início do século, quando as escolas ginasiais foram pensadas para formar a elite econômica e pensante da cidade, na década de 1960, o objetivo, ao que parece, estava ancorado no alto índice de analfabetismo do estado.”

Então, por que fundar uma faculdade de educação em Caxias, quando não havia uma instituição de ensino superior estadual destinada à formação de professores na capital do estado do Maranhão? Carvalho (2007, p. 20), expressa outro olhar sobre a escolha de Caxias para sediar a FFPEM: “Caxias é uma cidade, conhecida culturalmente como exemplo de grandes

talentos e saberia acolher, com muita lhanza, a instalação de uma escola desse nível, que contribuiria para enaltecer o próprio ensino no estado do Maranhão.”

À época da fundação da FFPEM, Caxias era a segunda cidade do Maranhão e, portanto, um polo que atraía pessoas dos municípios circunvizinhos dos quais se deslocavam para cursar o ginásio e o secundário, ofertados por escolas particulares. em 1968 com a fundação o Ginásio Bandeirante “Duque de Caxias”, primeira escola pública a ofertar o ginásio (1968 a 1971) e 1º grau (5ª a 8ª série, a partir de 1972). O ensino público de 2º grau foi ofertado à população jovem caxiense somente em 1976, quando foi criado e implementado o “Centro de Ensino de 2º Grau Aluísio Azevedo”, atualmente denominado Centro Educa Mais Aluísio Azevedo.

Certamente a escolha de Caxias como sede da primeira faculdade de educação em solo maranhense envolveu outros fatores para além no enaltecimento do ensino maranhense. Segundo Santos (2019), além do viés educacional, era evidente o interesse político, pois além de ofertar o ensino superior aos caxienses, a cidade abrigaria professores dos municípios circunvizinhos, como de fato aconteceu. Ao agregar um número significativo de maranhenses, essa região estaria sob os olhares das lideranças políticas do estado. Um dos idealizadores da criação da FFPEM foi:

O Professor Dr. Raimundo Nonato Medeiros, em 1965, chegou a Caxias, formado em Medicina e Ciências Sociais e começou a pensar na criação de um curso superior. Porém, afastou-se para cursar mestrado em Saúde Pública, oportunidade em que completou seu curso de Didática. Ao regressar a Caxias, tornou-se diretor do Colégio Caxiense e, em 1968, retomou a ideia do curso superior, sentindo a necessidade de qualificar os Professores do 2º ciclo, e a intensificou. Nesta altura chegava a Caxias outros graduados como: Prof. Benedito Eurico Medeiros, Rubem do Patrocínio Júnior, ambos formados em Matemática. Havia o Professor Antonio Bezerra Filho, licenciado em Ciências Biológicas, **Valquiria Pereira de Araújo e Silva e Isani Leitão Machado**, licenciadas em Letras, **Conceição de Maria M. Ramos**, licenciada em Pedagogia. (Fonseca, 1984, p. 41, grifo nosso).

Nos anos de 1968 e 1970 ocorreram, respectivamente, a criação e implementação das licenciaturas curtas na instituição em foco. Essas décadas foram marcadas pela repressão do governo federal, exercido por militares, e pelos executivos estadual e municipal. Estes mantiveram alinhamento com aquele de maneira que a população residente nas unidades da federação, territórios e municípios estivesse sob seu controle.

A economia brasileira, nesse período, foi marcada pelo milagre econômico, cujas características principais foram a expansão do crédito e do consumo, a realização de obras públicas “visíveis” e o “crescimento econômico acelerado”. A política educacional também não

fugiu dessa realidade que propiciou a criação e promulgação da lei nº 5.040/1968, que estabeleceu a reforma do ensino universitário, e da lei nº 5.692 /1971, que reformulou o ensino de 1º e 2º graus; ambas funcionaram para manter a “nova ordem” imposta à sociedade dirigida pelo governo militar golpista e ditatorial, o qual se manteve de 31 de março de 1964 a 15 de março de 1985.

A conjuntura maranhense não diferia do contexto brasileiro. O então governador José Sarney, cujo mandato vigorou de 1966 a 1969, imbuído dos ideais da modernidade como antídoto para o subdesenvolvimento, propôs, durante a campanha eleitoral, a construção de um Maranhão Novo

A ideia do novo estava presente em todas as esferas administrativas do governo, pois disseminava a crença no “NOVO como geratriz do moderno, caminho a ser percorrido para que o Maranhão pudesse vir a ser ‘Outro Maranhão’ [...] O MARANHÃO NOVO, protótipo da abundância e do bem-estar social [...]” (Pinto, 1982, p. 92).

Essa concepção propalada pelo governo Sarney¹⁴ evidenciava o pensamento colonizador presente em terras maranhenses, pois apresentava o novo para justificar a exploração capitalista que havia emergido sob a égide da modernidade.

O programa de governo, que objetivava alavancar o progresso no estado, propunha a superação do Maranhão velho e atrasado, que seria superado pelo novo. Para tanto, houve, entre outras ações, a criação de ginásios que ofertavam o primeiro ciclo do ensino médio, sobretudo no interior do estado, onde a maioria das pessoas que concluíam o primário, não prosseguiram nos estudos. Isso ocorria porque o ensino ginásial e colegial nas cidades do interior eram ministrados somente em escolas particulares.

A situação do ensino superior no Maranhão, em 1966, não diferia da apresentada no ensino médio, no que se refere à inclusão. Nesse ano, segundo Pinto (1982), havia apenas 897 alunos cursando o ensino superior e, em 1968, ano da fundação da FFPEM em Caxias, o quantitativo de alunos universitários havia sido elevado para 1.610.

No cenário caxiense, no ano em que foi fundada a FFPEM, fazia-se presente a realidade existente em todo estado maranhense, diferindo da capital São Luís que, além do ensino público primário, ginásial e colegial, não contemplava a população que necessitava de escolarização, ofertava, através da Fundação Universidade do Maranhão (FUM), o ensino

¹⁴ José Ferreira de Araújo Costa, conhecido como José Sarney, é um político e escritor brasileiro, nascido em 24 de abril de 1930, Pinheiro-MA. Exerceu o cargo de deputado federal 1955-1963; foi governador do estado do Maranhão 1965-1970, quando se afastou para concorrer a uma cadeira no senado e, tendo sido eleito, exerceu o mandato entre 1971-1979. Foi reeleito para o Senado 1979-1985. Assumiu a presidência do Brasil em caráter de interino, confirmado no cargo após a morte de Tancredo Neves, em abril de 1985 e governou o país até 1989.

superior a uma pequena e privilegiada parcela da população do estado, residente na capital.

Também era uma realidade em Caxias os “mandos e desmandos” militares presentes na administração do então prefeito, o tenente Aluísio de Abreu Lobo¹⁵, aliado político de José Sarney, governador do Maranhão, no momento histórico da criação da Faculdade de Formação dos Professores do Ensino Médio (FFPEM), atual CESC. Nessa conjuntura,

A FFPEM emergiu a partir do Projeto Centauro, assim denominado para remeter ao resplendor de uma das estrelas que mais brilha e, dessa forma, compreendê-lo como uma ação brilhante pensada para formar professores/as que contribuiriam à inauguração do “Maranhão Novo”. Assim, preconizava a instalação de uma Faculdade de Formação de Professores para o 1º Ciclo, objetivando solucionar o problema da falta de professores qualificados para o nível médio, agravado com o funcionamento dos Ginásios Bandeirantes. Assim, entra em execução o Projeto Centauro querendo significar, de acordo com o título adotado, uma estrela muito brilhante; essa conotação seria transferida para aquele novo projeto que teria o objetivo maior de formar professores para o MARANHÃO NOVO, segundo seus pressupostos ideológicos. Caxias, segunda cidade do Estado em população e conhecida pelo seu desempenho na formação cultural maranhense, fora escolhida para a localização da Faculdade, considerando-se também o apoio e interesse demonstrados pela Prefeitura e pela comunidade. Por outro lado, fora comprovada que a quantidade de egressos de nível médio ali existente seria suficiente para justificar a presença de um estabelecimento de Ensino Superior. (Pinto, 1982, p. 188).

Ao ser fundada a FFPEM, foram criados os cursos de Licenciatura Curta em três áreas: Ciências, Estudos Sociais e Letras, e o curso de Pedagogia começou a funcionar posteriormente. Fonseca (1985, p. 77) afirma que:

Aos dias 1 e 2 de dezembro de 1973, foi realizado vestibular para um curso parcelado em Pedagogia com 96 vagas distribuídas em duas turmas das quais 80 eram destinadas a bolsistas, por força de convênio MEC/SE, e 16 vagas oferecidas pela Faculdade. Este curso congregou 37 municípios do Maranhão, além de alunos provenientes da vizinha capital do Piauí.

Contudo, vale ressaltar que as atividades docentes do curso de Licenciatura Curta em Pedagogia iniciaram somente no dia 2 de janeiro de 1974 (Fonseca, 2011). A FFPEM foi, então, a primeira IES a ofertar cursos superiores de educação no interior do Maranhão, portanto, antes

¹⁵ Aluísio de Abreu Lobo adotou o nome Político de “Aluísio Lobo”. Ele nasceu no dia 2 de fevereiro de 1917, em Caxias-MA. cursou o primário no Grupo escolar “João Lisboa”, concluído em 1931. Sua formação ginásial ocorreu no Colégio Caxiense e deu continuidade aos seus estudos ao participar do estágio de aspirante a oficial promovido pelo 24º Batalhão de Caçadores, em 1946, em São Luís-MA. Foi oficial do Exército Brasileiro, no posto de 2º Tenente. Exerceu o mandato de prefeito em Caxias por duas vezes (1966-1969 e 1976-1970). Também exerceu o mandato de deputado estadual, além de ter ocupado outros cargos públicos. Faleceu em 14 de agosto de 2012.

da institucionalização da UEMA. Nesse contexto, o ensino superior no estado do Maranhão não estava em situação.

[...] melhor que a do ensino médio que se restringia capital, onde já havia a fundação universidade do Maranhão – FUM – instituída pelo Governo Federal em regime de Fundação, criada pela lei nº 5.152 de 21 de outubro de 1966 do Presidente da República mas só instalada em 27 de janeiro de 1967. No ano anterior esta instituição contava com 897 alunos. Inicialmente foram incorporadas as faculdades de Direito Farmácia e Odontologia Filosofia Ciências e Letras Serviço social, Ciências médicas e a Escola de Enfermagem de São Luís. Em 1968, a Faculdade de Ciências Econômicas passou também a fazer parte da parte da FUM, cujo reitor era o Cônego José de Ribamar Carvalho. (Buzar, 1982, p. 40).

A interiorização do ensino superior maranhense teve a sua origem em Caxias, ao contrário desse processo em outras IES, como a UFMA, fundada em 1966. Segundo Silva (2013) a interiorização da UFMA ocorreu inicialmente em Pedreiras-MA (1970) com a implantação do Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC). Portanto, dois anos após a fundação da FFPEM.

Importa enfatizar que, inicialmente essa instituição contou com a participação efetiva de docentes da USP, que se deslocavam de São Paulo a Caxias para ministrar aulas na FFPEM, em razão do estado ter firmado parceria com essa universidade (Anexo B). Os cursos eram ofertados de forma modular. Segundo Pinto (1982), o Projeto Centauro culminou com a concretização dessa parceria e ocorreu o efetivo funcionamento dos cursos de licenciatura em Caxias.

E válido destacar que o ensino dispensado às(aos) discentes da FFPEM, por parte das(os) docentes da USP, era de boa qualidade, sob o olhar da professora Edmée, que fez parte da primeira turma de Ciências e testemunhou que “as aulas ministradas pelos professores da USP eram de alto nível”. Lembrou uma situação vivida quando que foi necessário viajar para participar de um curso de atualização, realizado em São Luís, e não teve faltas abonadas, tampouco foram “passadas atividades” para atribuição de notas. Ela cursou a disciplina em outro módulo. Havia zelo pelo processo formativo das(os) acadêmicos dessa IES.

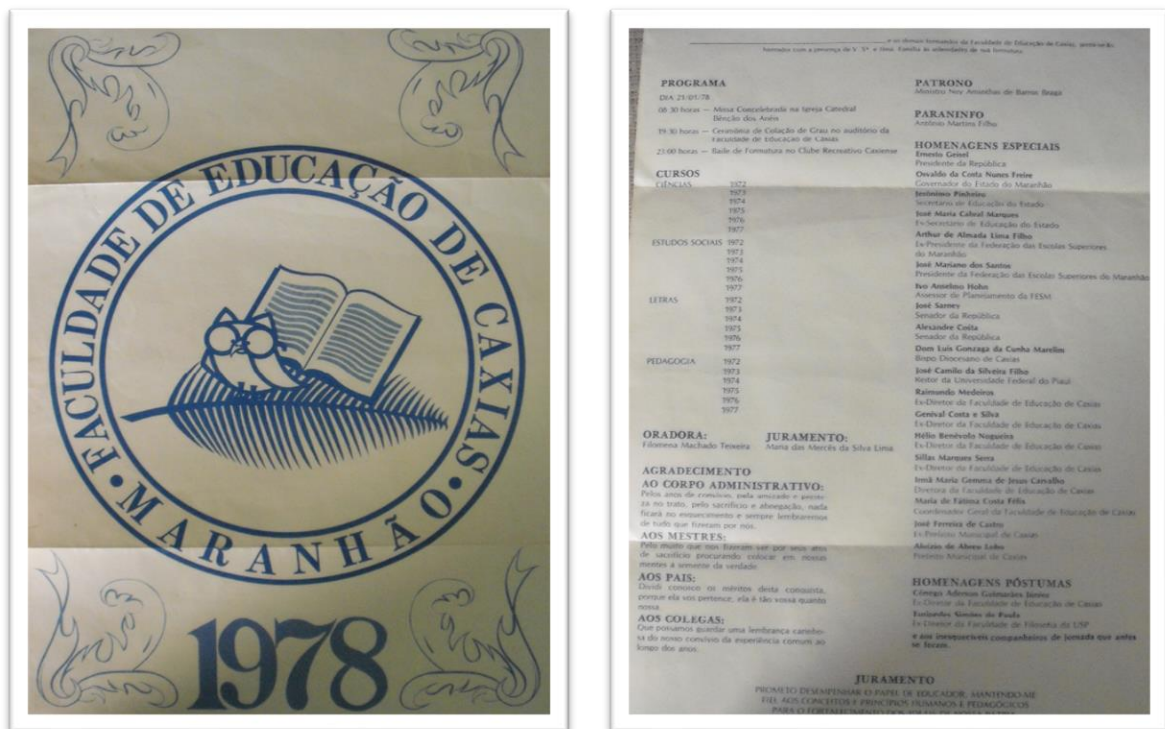
É importante destacar que, segundo Fonseca (1985, p. 48-49), em 31 de março de 1971:

[...] assume o novo governador do Estado, Dr. Pedro Neiva de Santana e a secretaria de educação tem um novo titular, o Professor Luiz de Moraes Rego. Em relatório do dia 12 de abril de 1971, o vice-diretor em exercício, Silas Marques Serra, comunica ao novo Secretário de Educação, o encerramento das aulas na FFPEM, ocorrido a 15 de fevereiro e se empenhava, junto ao

projeto centauro, no sentido que fosse providenciado o envio de passagens para a nova equipe de Professores da USP se deslocasse para Caxias, porém, a verba não foi liberada e o convênio, em consequência, foi suspenso, resultando na interrupção dos trabalhos na Faculdade. Tendo sido, por ordem da diretoria, suspensas as aulas até ulterior deliberação. Seguindo a história, foram contratados professores auxiliares.

Seguindo seu percurso histórico, a denominada Faculdade de Educação de Caxias (FEC) teve os seus cursos reconhecidos pela lei federal nº 81.037, sancionada em 15 de dezembro de 1977. Em 21 de janeiro de 1978, houve a colação de grau dos concluintes de 1973 a 1977. Foi um momento de glória, sucedido por uma festa histórica (Barbosa, 2011).

Imagem 19 – Convite da 1ª colação de grau da FEC em 1978 (frente e verso)



Fonte: Arquivo pessoal de Edméa da Costa Leite, 2023.

Imagem 20 – Placa referente à formatura da 1ª turma da faculdade de Formação de Professores



Fonte: Entrada do Auditório Leôncio Magno, 2022.

Segundo a professora Edmée, as autoridades eclesiásticas, civis e militares da Caxias e cidades vizinhas estiveram presentes, assim como familiares dos(as) formandos(as), afinal foi quase uma década de espera desde criação até a primeira colação de grau, ocorrida somente após nove anos de luta, envolvendo: criação, autorização para início das aulas, convênio com a USP, reorganização após a suspensão do convênio e reconhecimento dos cursos.

Em 1985, a UEEC foi vitoriosa em mais uma luta. Desta feita, com a concretização da plenificação dos cursos de licenciatura curta, cujo processo contou, assim como outros que o antecederam, com a efetiva e valiosa participação das mulheres professoras da então Unidade de Estudos de Educação de Caxias (UEEC). Nesse contexto, brasileiras e brasileiros lutaram pela redemocratização, tendo sido a década de 1980 marcada por um movimento vigoroso pró-educação pública e gratuita (Saviani, 2013).

Vale ressaltar que o protagonismo das mulheres professoras caxienses na história do CESC ocorreu antes mesmo da sua criação. As professoras participavam das reuniões realizadas pelas lideranças políticas locais, pró-implantação do ensino superior em Caxias. Na primeira diretoria também tiveram presença marcante. Quando as aulas eram ministradas por docentes uspianos, as professoras colaboravam como monitoras nos intervalos dos “módulos”.

A partir do momento em que a parceria do estado do Maranhão com a USP foi suspensa, professoras e professores residentes em Caxias assumiram a docência, complementando o quadro de docentes juntamente com graduados em áreas que contemplavam disciplinas afins com as licenciaturas. Assim, os engenheiros e odontólogos ministravam aulas de Matemática e Biologia, respectivamente, aos discentes do curso de Licenciatura Curta em Ciências.

A presente pesquisa se desenvolveu no CESC que atualmente conta com um quadro de 167 professores: 124 do quadro efetivo e 43 professores substitutos. ANEXO A instituição é uma das maiores de ensino superior pública estadual. O centro tem contribuído muito para a educação local e de municípios circunvizinhos.

As aulas das primeiras turmas ocorreram inicialmente no prédio do colégio Caxiense, à Rua Aarão Reis, centro da cidade.

Imagem 21 – Colégio Caxiense



Fonte: Página do Colégio Caxiense no Facebook, 2023.

Posteriormente, a FFPEM passou a funcionar no prédio do Ginásio Bandeirante, cedido pelo governo estadual (Anexo C), localizado no Morro do Alecrim. Atualmente, já ampliado, possui salas de aula onde são ministradas as aulas às(aos) acadêmicas(os) dos cursos de licenciatura, assim como os laboratórios.

Imagem 22 – Prédio do Ginásio Bandeirante cedido pelo governo do Maranhão



Fonte: Arquivo do CESC-UEMA.

De acordo com Fonseca (1985), as aulas iniciaram somente em 6 de janeiro de 1970, sob a coordenação pedagógica da Missão Docente da FFLCH/USP. Foi, pois, no contexto da ditadura militar (1964-1985) que foi fundado a FFPEM. Desde que foi fundada, sua história foi fortemente marcada pela presença de mulheres que participaram efetivamente do processo da implementação e consolidação dos cursos de licenciatura.

Na seção seguinte, faremos uma análise sobre o percurso e como se deu a participação das docentes no processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA, IES pioneira em Caxias e no interior do Maranhão, com base nos diálogos, por ocasião das entrevistas realizadas.

4 AS MULHERES PROFESSORAS E A PLENIFICAÇÃO

Esperançar é juntar-se aos outros, para fazer de outro modo.
(Paulo Freire)

Nesta seção, apresentamos as docentes que participaram do momento histórico da plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA. Essas mulheres professoras que protagonizaram o processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA têm suas histórias de vida marcadas indelevelmente pelo esperançar. Pois compreenderam que “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar” (Freire, 1987, p. 47), mas seguir adiante. Assim, juntaram-se a outras(os) e fizeram diferença na história dessa IES, contribuindo para a formação de gerações. Através das suas falas, ficaram evidentes as suas lutas em prol da educação caxiense tanto na educação, hoje denominada básica, quanto no ensino superior, uma vez que o seu fazer pedagógico não se limitou ao espaço da academia. O esperançar motivou a ida para outros estados, em um dado momento, para concluir a licenciatura plena¹⁶. Nos anos 1980, essas mulheres se deslocaram de Caxias para outras cidades para cursar pós-graduação *lato sensu*. Esse percurso antecedeu o exercício da docência no CESC-UEMA, iniciado bem antes do ingresso no nível superior, como consta dos relatos na subseção a seguir.

Como já anunciado, na seção 2¹⁷, mapeamos oito professoras que exerceram a docência no CESC-UEMA, na década de 1980, época em que houve a implementação da licenciatura plena. Elas foram selecionadas por considerarmos que suas memórias contribuiriam para reconstrução de parte da história desse centro de estudos, a fim de que as atuais gerações e as posteriores possam ter conhecimento de momentos idos da história do CESC-UEMA, parte da história de Caxias, do Maranhão e do Brasil. Das contatadas, duas justificaram os motivos pelos quais não poderiam conceder entrevista e duas faleceram: uma de morte natural e outra teve sua vida interrompida por complicações da Covid-19¹⁸.

É mister registrar o que foi vivido e testemunhado sobre a pandemia da Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2¹⁹, que tingiu grande parte da população mundial e durou mais

¹⁶ Duas das professoras entrevistadas, ao concluírem a licenciatura curta, tiveram a oportunidade de cursar os créditos na UFPB, a fim de obter o grau de licenciadas, e não hesitaram. Foram e concluíram a licenciatura plena, a professora Carmelita (em Biologia) e a professora Edmée (em Matemática).

¹⁷ O que se mencionou na seção 2 sobre a escolha, mapeamento e seleção das mulheres professoras do CESC-UEMA, as quais foram entrevistadas, aqui é ampliado e dito de outra forma.

¹⁸ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em: 30 jul. 2023.

¹⁹ Em 5 de maio de 2023, uma sexta-feira, foi data histórica que marcou “o fim da pandemia”, por meio do comunicado apresentado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), após três anos e três meses desde a adoção da emergência global, em janeiro de 2020 (<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-fim-da-pandemia>. Acesso em: 30 jul. 2023).

de três anos. Desencadeou drásticas mudanças na vida de milhares de pessoas. No Brasil, mais de 700 mil pessoas tiveram suas vidas interrompidas, a maioria devido à negligência do presidente da república, por não ter providenciado as vacinas em tempo hábil. A sociedade como um todo foi afetada nos aspectos sociais, econômicos e culturais, inclusive a educação formal, em todos os níveis.

Para os sobreviventes, o esperar continuou, inclusive para a pesquisadora e as quatro professoras que se dispuseram a dialogar e contribuir, através das suas memórias narradas, para a concretização deste estudo. Então, seguimos os passos para realização das entrevistas, segundo o roteiro proposto por Alberti (2004): elaboração do roteiro geral de entrevista, mapeamento das entrevistadas, escolha das entrevistadas, contato inicial, realização da entrevista e, por fim, a triangulação das falas com a bibliografia consultada.

A história oral é aqui apropriada como possível construção de fontes que auxiliam na compreensão do vivido e externalizado pelas entrevistadas, haja visto que a narrativa pessoal é uma interpretação de uma dada realidade vivenciada por quem narra, permitindo uma relação dinâmica entre passado e presente. Um olhar sobre a história de vida a partir das narrativas sobre ela possibilita ao pesquisador uma compreensão sobre o cotidiano com suas tensões e embates, assim como “restaurar as tramas da vida que estavam encobertas” (Matos, 2002), e também por ser uma de suas peculiaridades decorrente de uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, tendo em vista que privilegia a recuperação do vivido, conforme concebido por quem viveu. Nesse sentido, não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória. Ela traz ao presente algo que se foi e, portanto, está ausente, mas que pode ser percebido nos ditos lugares da memória. O processo de recordação de algum conhecimento ou alguma impressão varia de pessoa para pessoa, conforme importância que se imprime a esse acontecimento no momento em que ocorre e nos momentos em que é recordado.

Ratificamos a opção pela história oral enquanto método e a entrevista semiestruturada como técnica por possibilitar um diálogo que permite a compreensão das dimensões das experiências compartilhadas que precisam ser contadas às gerações atuais e às futuras.

Como anteriormente ressaltado, a seleção dessas professoras ocorreu em razão de suas contribuições para o êxito dessa IES, que refletiram positivamente no contexto social e também porque se dispuseram, através de suas vozes, socializar suas experiências, assim como fatos ocorridos e aspectos do *modus vivendi* das(os) mulheres e homens que residiam em Caxias na década de 1980.

A entrevista semiestruturada ocorreu em dois momentos. Primeiramente foi solicitado às professoras que fizessem uma narrativa sobre o seu percurso de vida e profissional e, em

seguida, foram sendo colocadas questões relativas aos objetivos da pesquisa (Apêndice A).

Ao dialogar com as docentes, sujeitos da pesquisa, solicitamos que inicialmente fizessem uma narrativa sobre sua trajetória pessoal e profissional. As respostas das interlocutoras, por não terem sido “diretas”, desencadearam um diálogo que viabilizou uma melhor compreensão das narrativas para a transcrição das informações e posterior análise. Em seguida, propusemos questões abertas. Através das respostas, fomos estabelecendo um diálogo. Desse modo, organizamos a análise das falas das professoras da seguinte forma: identidade profissional; caminhos percorridos pelas mulheres professoras no processo de plenificação; contribuições ao processo de plenificação e contribuições ao êxito do ensino superior concepção pedagógica; as mulheres no contexto educacional Caxias.

Percebemos o entusiasmo de algumas quando fizeram menção de vivências outras para além do âmbito escolar, e compartilharam parte de suas histórias, demonstrando em certa medida um autoconhecimento. Através da narrativa é possível perceber que a história de vida permite “uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade” (Josso, 2007, p. 419).

Seguem os depoimentos sucedidos das análises das categorias das professoras no processo de plenificação que não se restringe à docência.

Imagem 23 – Professora Joseane Maia Santos Silva



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Nasci em 10 de junho, em Governador Eugênio Barros-MA, à época, município de Caxias. Cursei do primeiro ao quinto ano primário no Grupo

Escolar Dias Carneiro e o ginásio – assim era chamado naquela época –, com exceção da 5ª série, que eu fiz aqui em Caxias, no colégio Coelho Neto. Cursei 6ª, 7ª e 8ª série na E.M. Eugênio Barros, no Ginásio Bandeirante, e o ensino médio todo eu fiz no Centro de ensino Gonçalves Dias, em São Luís-Maranhão. Cursei Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) (1983); especialização em língua portuguesa, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG); mestrado em Educação, na Universidade Federal do Piauí (UFPI) (1998); e doutorado em Letras, na Universidade de São Paulo (USP) (2010). Sou professora adjunta do Departamento de Letras do Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e, também, da rede pública de ensino estadual na cidade de Caxias-MA, aposentada. Também coordeno o comitê PROLER (Programa Nacional de Incentivo à Leitura), que desenvolve ações de formação de leitores e leitoras na referida cidade, desde 1998. Realizo pesquisas em programas de formação de leitores nas áreas de literatura popular e literatura infantil. Sou membro da Academia Caxiense de Letras, eleita em 2012, ocupo a cadeira número 12, que tem como fundador, Adailton Medeiros, e patronesse, Laura Rosa. Faço parte da diretoria do Instituto Poeta Carvalho Júnior. Desenvolvo pesquisas no âmbito da literatura popular, literatura infanto-juvenil e projeto de formação de leitores. Sou uma professora que escreve como uma pessoa apaixonada por livro e leitura e pelo processo de formação de leituras. “A leitura é o que me move”. Promovo rodas de leitura, ministro palestras, cursos e oficinas em diferentes regiões do país. Ao exercer a docência no CESC-UEMA, participei do processo de plenificação das licenciaturas, ao fazer parte do grupo responsável pelas atualizações das estruturas curriculares das licenciaturas do Curso de Letras. Lecionei as disciplinas: Português I, II, III, IV, V, VI e VII, Evolução da Literatura, Literatura Infantil, além de Prática de Ensino no Ensino Fundamental e Médio, Metodologia de Pesquisa, dentre outras.

Imagem 24 – Professora Edmée da Costa Leite



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Eu, Edmée da Costa Leite, nasci em Caxias, no bairro Cangalheiro, em 4 de abril de 1933. Sou de uma família de oito irmãos, sendo quatro homens e

quatro mulheres. Quando ingressei na escola, tinha sete anos, já sabia ler e escrever. Minha mãe foi quem me ensinou, me alfabetizou. Ela possuía apenas o primário e, quando foi me matricular, a professora falou que poderia me matricular na 2ª série, pois já sabia ler e escrever. Meu pai foi comerciante e a partir de um dado momento da vida foi ourives, confeccionava joias e vendia, principalmente em festejos. Mamãe dedicou-se às atividades domésticas para equilibrar o sustento da família. Lá em casa, todos trabalhavam. Meus pais criaram todos fazendo as tarefas de casa, homens e mulheres. Meus irmãos exerciam a profissão de alfaiate e eu estudava e trabalhava numa oficina de confecção de camisas masculinas. Costurava e bordava na máquina, fazia crochê. Aprendi a fazer crochê com mamãe. Estudei o curso primário na Escola João Lisboa, única escola pública da época. Devido à questão financeira ser muito difícil, no que se refere a material e fardamento, ficava sempre prejudicado. Tínhamos apenas a blusa e a saia de farda. Eu nunca tive um livro no primário. Ao terminar o primário, fiz exame de admissão, fui muito bem classificada, mas não tinha idade para frequentar o ginásio, já que ainda não tinha completado 11 anos. Mamãe foi fazer minha matrícula, mas não conseguiu porque eu não possuía a idade exigida, ela teria que esperar o ano todo para poder me matricular. Na época, o meu padrinho era muito influente, então o procurei e falei da situação, ele falou com o diretor e consegui a matrícula na seguinte condição: eu ficaria na sala como ouvinte, ao completar os 11 anos, em abril, a matrícula seria efetuada. Isso ajudou muito, pois os pobres não tinham influência nenhuma junto às autoridades. No ginásio, estudava pelo livro do meu amigo. As folhas de provas de desenho, na escola, na época eram compradas, mas esse amigo era quem comprava para mim, porque era tudo muito difícil. Quanto à formação pedagógica, o curso que tinha na época era o Magistério. Eu não queria fazer Magistério. Não abraçava a carreira de professora, não sei dizer o porquê, mas não gostava. Passei um ano sem estudar. Porque não queria fazer Magistério. Nisso, entendi que meus pais não tinham condições de me enviar para estudar em outro lugar. Então, cursei o Magistério no Colégio Caxiense, concluí o curso e fiquei sem emprego. Como minha família não tinha contato com político, ficou difícil uma nomeação. Certo dia, sentei e fiz uma carta ao governador do Estado, contando toda a minha história de pobreza, de como estudei e, no final, pedi uma nomeação. Meu pedido foi atendido, mas a nomeação não saiu para Caxias. O secretário me fez uma carta, dizendo que fez rigorosa pesquisa no quadro de Caxias e que não havia nada. Na realidade, tinha sim. Mas, como queria o emprego, terminei sendo nomeada para a cidade de Bacabal. Trabalhei lá por vários anos, quando surgiu um curso em São Luís e informaram que as duas pessoas que melhor se sobressaíssem no curso iam escolher a cidade na qual queria trabalhar. Eu estudei muito para conseguir a vaga e fiquei dentro das vagas ditas. Quando tudo terminou, que estava na certeza da vinda para Caxias, recebi um documento com retorno à Bacabal. Fiquei muito indignada com essa situação. Decidi ir até ao gabinete do secretário de educação exigir que fosse cumprido o divulgado. Lá, recebi chá de cadeira, até que invadi a sala do secretário e exigi dele a nomeação para Caxias, conforme foi divulgado pela equipe. Assim, vim para a minha cidade natal. Quanto à ida para a universidade, se deu da seguinte maneira: ao retornar de Bacabal, eu e algumas colegas do Curso de Supervisão (realizado em São Luís) fomos incentivadas a irmos para a faculdade. As provas eram eliminatórias, você só fazia as provas do dia seguinte se tivesse passado na anterior. O ingresso foi muito difícil, enfrentei com muita determinação o curso. Fui monitora da minha turma, éramos dois monitores, eu e outro colega. A turma era dividida, eu ficava com um grupo e ele com outro, nos reuníamos na casa de uma das colegas para estudar. Para ser monitora da turma, um dos

critérios estabelecidos era a nota e a habilidade com as disciplinas do curso. Os monitores eram responsáveis por toda a preparação das aulas práticas ou de campo, desde a ida até a volta, inclusive com o material. Tinham que levar tudo para não faltar nada. Teve um dia que era para irmos para a aula realizada num jipe, só que, um dia antes, o colega que possuía o carro resolveu lavá-lo porque estava muito sujo, entrou água no lugar errado. Já estava quase chegando a hora da aula e o carro não funcionava, já estávamos aperreados, foi quando passou um senhor e pedimos ajuda para consertar o carro. Consertou, deu tudo certo, fomos para a aula, quando chegamos no local, o monitor do outro grupo disse: “Tem que descontar ponto desse grupo” (risos). O professor desconsiderou e a aula de campo foi muito boa, todos fazendo perguntas, interagindo muito. Assim eram as nossas aulas de campo, muito boa... Ingressei no Centro de Estudos Superiores de Caxias, como docente, no qual fui Chefe de Departamento de Ciências no período de 1986 a 1992. Presidi a comissão formada por professores de todos os cursos com objetivo de elaborar propostas para implementação dos cursos de nível de licenciatura plena no CESC-UEMA.

Imagem 25 – Professora Izaura Silva



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Sou Izaura Silva, filha de Alto Silva e Graciliana Silva, um casal de agricultores. Nasci em Pedreiras-MA. Trabalhei com eles na agricultura durante muito tempo. Saí criança ainda para estudar fora, mas eu fui daquele grupo de crianças de antigamente que morava na cidade, estudava na cidade. Mas, na época do plantio e da colheita, voltava para o interior para ajudar a família. Então, assim, eu fiz o primário, o ginásio e fiz o Normal pedagógico, me formei professora e ainda ensinei como professora alfabetizadora, dei aula

no ginásio (pausa). Porque, naquele tempo, professor não precisava ter curso superior para ministrar aula no ginásio. Depois de formada em curso Normal, dei aula de 1ª à 4ª série, também no Bandeirante, lá em Pedreiras. Quando passei no vestibular fui embora para São Luís, lá eu fiz Pedagogia. Enquanto cursava Pedagogia, dei aula em escolas particulares. Fui bolsista da FEBEM²⁰ e da universidade. Também fui monitora de psicologia na universidade e essa monitoria me ajudou depois a entrar como professora da universidade. Porque quem era monitor já estava um pé dentro da universidade. Então, fui contratada como professora da Unidade de Estudos de Educação de Caxias e da escola Aluísio Azevedo, como professora e depois como orientadora educacional. Eu trabalhei 10 anos na cidade de Caxias. Ajudei também a fundar uma escola de ensino fundamental, que era 1º grau na época, juntamente com o professor Aluísio Bittencourt em Aldeias Altas. Lecionei no colégio São José. Fiz concurso para o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET)²¹ e vim morar em Imperatriz. Vim transferida como professora da UEEC para a Unidade de Estudos de Educação de Imperatriz (UEEI). No CEFET, fui chefe do departamento, coordenadora e fundadora do Curso de Pedagogia e diretora de ensino, que é um dos cargos mais altos do IFMA para pedagogo. E lá na universidade também eu fui chefe de departamento, substituí várias vezes a diretora da UEEI da unidade do Instituto Federal de Educação. Sou militante negra e fundadora do movimento negro aqui em Imperatriz, uma das fundadoras, presidente do Centro de Cultura Negra de Imperatriz participando de todas as lutas em favor e em defesa da escola pública, assim como em Caxias. Lá eu participei de greves, era coordenadora e secretária da APEMA, Associação de Professores do Estado do Maranhão. E aqui, em Imperatriz, também eu continuei na militância política, na militância negra, na militância como professora. E, por isso, eu andei recebendo uns prêmios aqui. Eu já recebi o prêmio de Cidadã Imperatrizense, a comenda Frei Manoel Procópio, que é uma comenda conferida às pessoas que prestaram relevante serviço à cidade. Eu me aposentei da UEMA em 2015, mas continuo dando palestra, participando de bancas e ajudando no que posso nos trabalhos pelo crescimento do ensino superior. Atualmente, eu ainda sou da comissão de heteroidentificação da UFMA. Aposentei recentemente da Escola Técnica Federal (risos), que mudou tanto de nome. Quanto à minha formação, fiz várias especializações: Orientação Educacional, Planejamento Educacional, Alfabetização e mestrado em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará (UFC). Trabalhei em várias pesquisas aqui em Imperatriz, como militante negra e professora da UEMA e IFMA. Atualmente, me dedico a trabalho voluntário na igreja católica. Sou subcoordenadora da diocese de Imperatriz, líder da pastoral da pessoa idosa para visitar os idosos, para fazer aconselhamento à suas famílias, faço parte do movimento de casais, Encontro Cristão de Vivência Conjugal (ECVC) e, assim, continuo prestando serviço à sociedade. Tenho muito prazer de ser pedagoga, de ser professora e da minha trajetória.

²⁰ A Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM) é a instituição responsável pelo atendimento destinado a jovens em conflito com a lei. Hoje é a Fundação da Criança e do Adolescente do Maranhão (FUNAC), criada pela lei estadual nº 5.650, em 13 de abril de 1993, e tem por finalidade realizar estudos e pesquisas sobre a realidade do adolescente em conflito com a lei para formular e operacionalizar planos, programas e projetos para aplicação das medidas socioeducativas em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente, artigo 56 da lei nº 8.567, de 12 de março de 2007 (Maranhão, 2023).

²¹ Atualmente Instituto Federal do Maranhão (IFMA).

Imagem 26 – Professora Carmelita Freitas



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Nasci em Boa Esperança, município de Codó, Maranhão. Viemos para Caxias e minha mãe me matriculou no Grupo Escolar João Lisboa, onde estudei o primário. Cursei o ginásio e o Normal no Colégio Caxiense, pagando as mensalidades a duras penas. Fui bolsista, somente no último ano. Minha mãe trabalhava muito para garantir os meus estudos e da minha irmã. Em 1969, fiz um curso de professora supervisora, oferecido pela Secretaria do Estado do Maranhão, em parceria com o MEC/INEP, no Centro de Treinamento em Inhumas (CTI-GO). Durou 10 meses o curso. Durante o curso, morava no prédio do CTI. Ao concluir, retornei e ingressei na rede estadual como supervisora de professoras primárias de grupos escolares na rede estadual do Maranhão. Quando vim passar férias, fui convidada para participar de uma reunião no auditório do Colégio Caxiense (assinei uma lista para participar) e o assunto era o 2º vestibular da então FEC. Fiz o vestibular, fui aprovada e concluí o curso de Ciências – Licenciatura Curta, em 1973, e coleí grau em 1978. Em 1976, selecionada através de currículo, ingressei no CE de 2º Grau Aluísio Azevedo. Em 1979, juntamente com outros professores do Aluísio Azevedo, cursei os créditos e concluí a Licenciatura Plena em Biologia, em João Pessoa, na UFPB. Fiz a pós-graduação na PUC, em Belo Horizonte, juntamente com o grupo de professores da UEEC (1988). Ao retornar a Caxias, em 1980, fui selecionada através do currículo, para ministrar aula na UEEC. Ingressei no Departamento de Ciências para ministrar a disciplina Biologia. Nessa década de 1980, fiz parte da comissão de professoras que trabalharam para a plenificação dos cursos de Licenciatura Curta do atual CESC. A comissão era composta em sua maioria por professoras de pedagogia. Havia muita exigência para a plenificação dos cursos, muitas exigências mesmo! Nesse período, no departamento em que era lotada, a maioria, tanto dos alunos quanto dos professores, eram de Teresina. Também participei do Projeto de Integração da UEEC, que era um projeto direcionado aos professores da rede estadual de 1º grau, da 1ª à 4ª série, que foi idealizado pela professora Maria de Fátima Félix Rosar. Participei como professora orientadora, tanto dos acadêmicos quanto das professoras da rede estadual. Quando a Fátima Félix viajou, para cursar o mestrado, eu e a professora Fátima Alencar assumimos a coordenação do projeto. Também participei da greve dos professores do estado.

4.1 Identidade profissional

Ao ouvir as vozes das mulheres professoras sobre os caminhos trilhados para concretização de sua formação, ficaram evidentes os entendimentos que possuem de si, ao relatarem suas vivências e lutas para estudar, pois acreditavam, desde a adolescência, que uma ascensão socioeconômica ocorreria em suas vidas através da educação escolar. Essa concepção, como outras existentes nas sociedades estratificadas em classes sociais, é construída a partir das relações estabelecidas com o meio histórico-cultural e, como afirmam Santos e Álvares são utilizadas como base do processo contínuo de construção da sua identidade que, por sua vez, está relacionada a um

[...] conjunto de entendimentos que uma pessoa possui sobre si mesma e sobre tudo aquilo que lhe é significativo. Esse entendimento é construído a partir de determinadas fontes de significado que são construídas socialmente, como gênero, nacionalidade ou classe social, e que passam a ser usadas pelos indivíduos como plataforma de construção de sua identidade. (Santos; Álvares, 2020, p. 5).

As professoras com as quais dialogamos evidenciaram, através das suas falas, marcas de um tempo vivido cuja forma de interagir com as pessoas e a sociedade brasileira caracterizam a sua identidade, que denota a sua forma particular de ser e fazer história. Afinal, “não apenas temos história, mas fazemos a história, que igualmente nos faz e que nos torna, portanto históricos” (Freire, 2000, p. 40).

As histórias das colaboradoras desta pesquisa se entrecruzam em alguns pontos: nasceram no interior do Maranhão, são oriundas das classes populares; duas delas são filhas de agricultores e duas de pequenos comerciantes. Suas trajetórias estão vinculadas às de seus pais. Portanto, mulheres e homens que em um dado momento compreenderam a importância da educação escolar como uma possibilidade de uma mobilidade social ascendente para os oprimidos que lutam por libertação. Das quatro entrevistadas, três possuem a marca de terem cursado o Normal. Elas afirmaram claramente ser essa a única opção possível de formação profissional no seu tempo histórico. Ressalte-se que em Caxias, quando cursaram o normal, o ofício de professora era o mais valorizado para as mulheres de então²².

²² Em Caxias, nas décadas de 1960-70, as mulheres consideradas bem-sucedidas profissionalmente eram as professoras. As que não tiveram oportunidade de cursar o Normal buscaram outro trabalho para conseguirem sua independência econômica, entre outros, a fábrica de tecidos Companhia União Caxiense, a Manufatura, a qual empregava um número significativo de mulheres. A condição social das que trabalhavam na fábrica, sob o olhar da sociedade local, era marcada de preconceito (Silva, 2013). Elas eram pejorativamente chamadas de “pipiras”, pássaros azul-cinzentos ou pardos escuros que, quando juntos ficam, fazem seu canto ecoar, fazendo barulho. Também eram vistas, as operárias, como pássaros que se negavam a permanecer nas gaiolas, ou seja, “saíam do seio do seu lar”.

A professora Edmée da Costa Leite, em uma das narrativas sobre o caminhar de sua formação para o exercício do magistério, destaca:

[...] o curso que tinha na época era o Magistério. Eu não queria fazer Magistério. Não abraçava a carreira de professora, não sei dizer porquê, mas não gostava. Passei um ano sem estudar, porque não queria fazer Magistério. Nisso, entendi que meus pais não tinham condições de me enviar para estudar em outro lugar.

Observa-se que a narrativa da professora caracteriza uma luta social para se constituir enquanto profissional, com condições de sobrevivência, uma vez que não queria “fazer o magistério”, ou seja, o Normal. Com relação à formação das mulheres e homens caxienses, uma realidade existente em Caxias, marcadamente nos anos 1960 e 1970, é que mesmo as famílias abastadas enviavam apenas os filhos para estudar em outras cidades onde poderiam ingressar em uma graduação/bacharelado, como: direito, medicina, engenharia, etc., enquanto as filhas ficavam sob os olhares da família.

Semelhantemente, a professora Carmelita Freitas faz alusão à sua educação formal que tanto necessitava, ao afirmar que estudou “pagando as mensalidades a duras penas. Fui bolsista somente no último ano. Minha mãe trabalhava muito para garantir os meus estudos e da minha irmã.” Professora Isaura Silva comenta: “[...] fui daquele grupo de crianças de antigamente que morava na cidade, estudava na cidade. Mas, na época do plantio e da colheita voltava para o interior para ajudar a família. Então, assim, eu fiz o primário, o ginásio e fiz normal pedagógico.”

Tais afirmações denotam que as professoras, nas suas trajetórias, enfrentaram situações que exigiram coragem e determinação. Conforme a declaração da professora Izaura, desde criança enfrentou situações adversas, pois morava ora na zona urbana, ora na rural. Porém, não lhe faltou empenho para prosseguir seus estudos, até concluir o Mestrado em Educação Brasileira. Assim, houve momentos em seu caminhar em que foram impelidas a tomar decisões significativas para concluir o curso Normal, que formava professoras primárias, e ao concluí-lo lutaram para ingressar nos grupos escolares, a fim de prover o seu sustento. Edmée e Carmelita Freitas exerceram o cargo de supervisora em Bacabal e São João Batista, respectivamente, e Izaura ministrou aulas aos alunos do primário nos grupos escolares.

Quanto à formação acadêmica, as professoras destacam o seguinte:

“Sou graduada em Ciências pela Faculdade de Educação de Caxias, hoje denominada de Centro de Estudos Superiores de Caxias. Fui uma das primeiras alunas da faculdade na qual obtive sua formação em licenciatura

curta, com a plenificação posteriormente feita no estado da Paraíba. Cursei especialização em Docência em Matemática, no ensino superior, pela Universidade Católica de Minas Gerais”. (Professora Edmée da Costa Leite).

“Cursei Letras pela Universidade Federal do Maranhão (1983), especialização em Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica, de Minas Gerais, mestrado em Educação, na Universidade Federal do Piauí (1998) e doutorado em Letras, na Universidade de São Paulo (2010)”. (Professora Joseane Maia).

“Quando passei no vestibular, fui embora para São Luís, lá eu fiz Pedagogia [...]. Quanto à minha formação, fiz várias especializações: Orientação Educacional, Planejamento Educacional, Alfabetização e mestrado em Educação Brasileira, na Universidade Federal do Ceará”. (Professora Izaura Silva).

“[...] fui aprovada e concluí o curso de Ciências – Licenciatura Curta –, em 1973, e coleí grau em 1978. Em 1976, selecionada através de currículo, ingressei no CE de 2º Grau Aluísio Azevedo. Em 1979, juntamente com outros professores do Aluísio Azevedo, cursei os créditos e concluí a Licenciatura Plena em Biologia, em João Pessoa, na UFPB. Fiz a pós-graduação na PUC, em Belo Horizonte, juntamente com o grupo de professores da UEEC (1988)”. (Professora Carmelita Freitas).

Conforme esses relatos, todas se deslocaram da sua terra natal para estudar e exercer a docência. Como já mencionado, Edmée e Carmelita, ao concluírem o curso Normal se deslocaram para outras cidades, iniciando suas carreiras profissionais. Joseane Maia, residente em Eugênio Barros e Izaura Silva, de Pedreiras, foram para São Luís e, sendo aprovadas no vestibular, cursaram Letras e Pedagogia, respectivamente.

Essa disposição das professoras para exercer emprego em cidades outras distantes daquela em que residiam, em um tempo quando as mulheres solteiras deveriam morar com familiares, evidencia a crença de que compensava esperar e lutar, de “sonhar sonhos possíveis” (Freire, 1982, p. 99).

4.2 A contribuição das professoras no processo de plenificação das licenciaturas

Ao dialogar com professoras de Matemática e Biologia, lotadas no departamento de Ciências, e com as de Língua Portuguesa e das disciplinas relativas às ciências da educação, como História da Educação Brasileira e Política Educacional Brasileira, lotadas nos departamentos de Letras e Pedagogia, respectivamente, ao tempo em que exerceram a docência no contexto da plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA, fizeram parte das comissões formadas no interior dos departamentos a que pertenciam, contribuindo, então, para que as licenciaturas, de dois anos e meio de duração (curta) tivessem uma duração de quatro anos

(plena), ampliando assim, o campo de atuação de exercício da docência para o então 2º grau.

A movimentação relativa à plenificação dos cursos de curta duração da então UEEC teve início em 1984, quando foram realizadas as primeiras reuniões para pensar estratégias com vistas à implantação das licenciaturas plenas, cuja duração mínima seria de quatro anos. Naquele momento, essa IES vivia uma crise relativa ao quantitativo de aprovados no vestibular. Assim, houve uma força-tarefa para divulgar o vestibular e planejar as ações para as duas situações.

Carmelita afirmou: “Eu fiz parte da comissão de professoras que trabalharam para a plenificação dos cursos de Licenciatura Curta do atual CESC. A comissão era composta em sua maioria por professoras da pedagogia. Havia muita exigência para a plenificação dos cursos, muitas exigências mesmo!” Ao se pronunciar sobre a plenificação, ela deixa claro que não foi fácil o processo que culminou com a implementação das licenciaturas plenas. Porém, as dificuldades não impediram que continuasse esperando e trabalhando para concretização do projeto de plenificação.

O depoimento de Edmée também faz referência às ações e reconhece que não foi fácil participar desse processo:

Fiz parte da comissão formada por professores de todos os cursos com objetivo de elaborar propostas para implementação dos cursos de nível de licenciatura plena no CESC-UEMA. Trabalhei muito, porque fui escolhida pelos colegas de departamento para ser chefe do Departamento de Ciências. Fazia muitos textos em casa, solicitando ao MEC a plenificação dos cursos de Química, Física e Matemática. Os documentos eram enviados a São Luís, mas as respostas demoravam. A exigência do MEC era grande. Exigia biblioteca, laboratórios. Pedi livros para a UFMA, a fim de apresentar à comissão que veio para ver também se existiam os laboratórios. Feita a verificação dos documentos e materiais exigidos para o reconhecimento dos cursos de licenciatura, à noite, houve uma apresentação cultural e as técnicas e técnicos do MEC apreciaram-na.

Imagem 27 – Comissão do MEC prestigiando noite folclórica na FEC, em 1976



Fonte: Acervo da direção do CESC.

A professora Edmée acrescentou, ainda, que somente o curso de Física não foi reconhecido durante a sua gestão, enquanto chefe de departamento, mas deixou o projeto pronto, com uma folha em branco, para que fossem registradas as informações sobre o laboratório, quando fosse “feito o laboratório de Física”.

A Professora Joseane também se pronunciou sobre o momento em que os cursos de licenciatura plena foram autorizados e a direção da UEEC divulgou à comunidade caxiense, ao tempo que abriu edital para reingresso: “Então nós tínhamos consciência da importância do momento, mas nós tínhamos consciência que ia ser um trabalho muito árduo de receber esses professores que já estavam atuando, e alunos novos ingressariam.” Essa fala demonstra preocupação com o fazer pedagógico, uma característica marcante de quem é comprometida com a educação de qualidade. Uma educação de qualidade pressupõe um planejamento, estudo em grupo, competência, compromisso. Segundo Saviani (2008a, p. 14):

[...] a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular. Em suma, a escola tem a ver com o problema da ciência. Com efeito, ciência é exatamente o saber metódico, sistematizado.

As concepções pedagógicas estão subjacentes a uma visão sobre a sociedade e sobre mulheres e homens. Nos anos 1980, as que permeavam as práticas pedagógicas eram baseadas na concepção de sociedade e de homens e mulheres que se desejava. Assim, a docência atendia aos preceitos da lei nº 5.692/1971, que visava formar cidadãos que atendessem ditatoriais do

currículo escolar, cujo intento era transmitir valores morais e éticos para atender o projeto educacional do governo militar. Dessa forma, o trabalho docente tem uma característica de uma educação de hábitos (Bourdieu, 1992) de modo a atender os paradigmas educacionais voltados para o desenvolvimento do país com a implantação das indústrias multinacionais. Nessa perspectiva, a educação torna-se um instrumento fundamental para se reproduzir arbítrios culturais.

Sobre os estudos em grupo realizados, o processo denota coletividade presente quando havia estudos com todas as áreas. Segundo a fala da professora Joseane, havia um grupo que se reunia para estudar.

Os testemunhos deixam aparecer a auto apresentação de cada protagonista da pesquisa, nos quais destacaram aspectos biográficos, narrando a sua procedência geográfica. Essas mulheres nasceram em diferentes cidades do interior do estado do Maranhão, mas convergem e se encontram como protagonistas da história da educação superior de Caxias.

As suas trajetórias pessoais e profissionais mostram a mobilidade demandada pela necessidade de formação e qualificação profissional. A ênfase da pesquisa é dada à plenificação das licenciaturas, mas se sabe que as memórias passeiam por diferentes dimensões da educação e formação dessas mulheres, cuja biografia não separa o pessoal do profissional no curso da existencialidade.

4.2.1 Caminhos percorridos pelas mulheres professoras no processo de plenificação

As mulheres professoras, sujeitos desta pesquisa, fizeram a opção de “trilhar caminhos”, no decorrer do exercício da docência, que transcenderam o espaço físico das salas. Constatamos essa realidade enquanto acadêmica, no período em que foram realizadas atividades diversas visando a plenificação. Assim, testemunhamos atitudes ousadas dessas mulheres, ao participarem de movimentos que marcaram o momento em que os cursos de curta duração do CESC-UEMA foram plenificados, na década de 1980.

Com base em suas narrativas, constatamos a ousadia dessas mulheres no decorrer do processo da plenificação, o qual contribuiu para a continuidade da formação das suas identidades, que é dinâmica e contínua. Esse percurso, marcado pela ousadia, antecedeu o seu ingresso no ensino superior. Três delas cursaram o Normal; duas foram nomeadas para exercer o cargo de supervisora em outras cidades. Essa realidade era comum em Caxias nas décadas de 1960 e 1970, quando as professoras normalistas eram nomeadas para ministrar aulas nos grupos

escolares²³ em outras cidades (Silva, 2013) no ensino primário. Tal realidade era comum.

Um dos caminhos percorridos no processo de plenificação foi a participação no movimento sindical. As entrevistadas relataram que participaram de uma greve dos professores da rede estadual de ensino e os docentes de Caxias contribuíram para o sucesso da greve. Izaura Silva destacou:

A greve era para reivindicar melhores salários e condições de trabalho. Eu era secretária. Lembro que a APEMA²⁴ lutou, junto aos professores da rede municipal de ensino, para reivindicar o pagamento do salário mínimo. O salário dos professores municipais era menos que o mínimo. Também lutamos por uma escola pública de boa qualidade. Ainda hoje luto pela escola pública.

Joseane assim se expressou em relação à greve dos professores das escolas estaduais: “No período da plenificação, participamos da greve. Havia um grupo de Caxias que participava das assembleias em São Luís. A participação dos professores de Caxias foi muito importante para a sustentação da greve.”

Imagem 28 – Diretoria APEMA e palestrante²⁵



Fonte: Arquivo particular de Izaura Silva.

Nos anos 1980, os movimentos sociais se intensificaram, lutando por escolas públicas de boa qualidade para as classes populares. Nesse contexto de efervescência, foram realizadas

²³ Os grupos escolares foram instituídos no final do século XIX, cuja finalidade era oferecer o ensino primário (hoje, 1º ao 5º ano do ensino fundamental).

²⁴ Caxias sediava uma das regionais da Associação dos Professores do Estado do Maranhão (APEMA) que, em 25 de janeiro de 1989, foi transformada em Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica das Redes Públicas Estadual e Municipais do Estado do Maranhão (SINPROESEMMA) e possui um núcleo desse sindicato atuante e lutando por direitos da categoria.

²⁵ Da direita para a esquerda: professora Dalva Almeida, professora Izaura Silva, professor Joaquim Ribeiro, Dr. Jadhriel Carvalho, professor Nonato Ressurreição, professora Mirian Sousa. Todos membros da mesa faziam parte diretoria da APEMA, exceto o palestrante, Dr. Jadhriel Carvalho.

as Conferências Brasileiras de Educação (CBE) no período de 1980 e 1991, dirigidas por entidades da educação, científicas e sindicais. Importante destacar que as(os) acadêmicas(os) de Pedagogia e professoras do CESC-UEMA participaram desses encontros.

Ao serem inquiridas sobre as suas práticas pedagógicas todas responderam que além das aulas, participaram do projeto de integração. Carmelita Freitas acrescentou:

Esse projeto de extensão foi desenvolvido junto às escolas de 1º grau. Houve a participação das acadêmicas de Letras, Pedagogia, Ciências. Um grupo ministrava aulas aos alunos de 1ª à 4ª série do 1º grau, enquanto as professoras da sala estavam em formação no CESC. Os recursos do projeto eram provenientes do MEC (Ministério da Educação e Cultura).

Quanto às correntes pedagógicas predominantes na instituição, na década de 1980, sob a ótica das colaboradoras deste estudo, reveladas através de suas falas, havia nesse contexto a predominância da pedagogia histórico-crítica, de Saviani. Disse Izaura: “Fomos influenciadas pelo pensamento de Saviani. Lembro que nos reuníamos para estudar seus textos. O livro Escola e democracia foi trabalhado em todos os cursos pelas professoras de pedagogia.” A pedagogia libertadora, de Paulo Freire, também se fez presente, mas foi o pensamento de Saviani que predominou, principalmente no curso de pedagogia. Ao indagarmos as entrevistadas sobre a suas contribuições para o ensino superior em Caxias, Joseane assim se expressou:

A minha contribuição foi no ensino de Português e Literatura. Amo trabalhar a leitura. Na década de 1980, coordenei um projeto de leitura que foi desenvolvido em uma escola da rede estadual de ensino (nessa época, a UEMA não abria edital para projetos de extensão) e o projeto foi exitoso. Foi a base do projeto do meu mestrado. Vejo o resultado do meu trabalho com a leitura, quando vou às escolas da educação básica e encontro ex-alunos desenvolvendo projetos de leitura. Fico feliz, emocionada.

Essa declaração denota o esperar que permeou a trajetória dessa professora ao exercer a docência no CESC-UEMA. As demais professoras entrevistadas também demonstraram que são movidas pela esperança que, para Freire (2013 p. 46), “é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário [...] é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela não haveria história, mas determinismo.”

Interessante o destaque concedido na práxis das docentes, a dois nomes do pensamento educacional brasileiro que tiveram e ainda têm enorme repercussão na orientação de ações político-pedagógicas, particularmente de professores. Trata-se, como se viu, de Saviani e Freire que, embora não se defendam posições epistemológicas e ontológicas exatamente equivalentes, são vistos como defensores de uma educação democrática e das transformações sociais para

igualdade e justiça social.

Nota-se nos depoimentos que a ação política é movida, em grande parte por aspectos subjetivos e ético-políticos que remetem fortemente aos aspectos fenomenológicos e personalistas da filosofia de Freire, que destaca noções, como a de amor, visto na sua dimensão humanista e mesmo revolucionária. Por isso, a trajetória formativa das professoras exibe uma forte marca política, no sentido de não visar apenas o desenvolvimento de competências técnicas, mas também o compromisso com a comunidade e com um projeto coletivo de emancipação.

Portanto, não se pode reduzir a luta por plenificação a um projeto de teor estritamente acadêmico, ou que visasse a simples progressão da carreira como conquista individual, dentro da lógica de ascensão social e de sucesso individual. Estava em jogo a luta por educação pública e pelo estabelecimento de relações mais democráticas no interior da universidade, incluindo-se o reconhecimento do lugar das mulheres que, aos poucos, se reconheciam como sujeitos da sua história na educação.

Enfim, as professoras que contribuíram efetivamente ao processo de plenificação “não foram sumidades femininas, nem tampouco heroínas, de acordo com a escala de valores históricos masculinos” (Motta, 2003, p. 15), mas profissionais, antes de tudo mulheres, que através do exercício do ofício de professora contribuíram substantivamente para a formação de gerações e, conseqüentemente, para a história do CESC-UEMA, de Caxias, do Maranhão e do Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, vivenciamos momentos desafiadores em razão da pandemia de Covid-19, que durou cerca de três anos, afetando as pessoas direta e indiretamente. Enfim, chegamos até aqui, graças à opção de seguirmos esperando no contínuo processo de transformação e formação da nossa identidade.

O desafio deste estudo, de analisar a trajetória e atuação das mulheres professoras no processo de plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA e suas contribuições para o ensino superior em Caxias, motivou-nos a seguir adiante e aqui chegamos. Certamente, não estacionaremos.

Nesse caminhar, no decorrer da pesquisa, realizamos buscas nos bancos de teses e dissertações da CAPES e BDTD e localizamos estudos – mencionados na subseção estado do conhecimento – que contribuíram para esta investigação.

Em seguida, houve momentos de encontros com as mulheres professoras que se dispuseram a colaborar com a pesquisa e, ao dialogar com elas, foi evidenciada a presença do esperar. O mesmo que as motivou a exercer a docência para além da socialização de conhecimentos, uma vez que participaram de atividades outras, para além do âmbito do CESC-UEMA.

Elas participaram ativamente da história dessa IES e, conseqüentemente, da história caxiense, da maranhense e brasileira, quando transpuseram os muros da universidade para interagir com a comunidade escolar do município, ao desenvolverem o projeto de integração entre a UEEC e as escolas de 1º grau, momento em que a extensão caminhava a passos lentos no contexto da UEMA, pois não publicava editais para seleção de projetos de extensão.

O projeto de integração CESC-UEMA, desenvolvido na década de 1980, objetivava a concretização do projeto de plenificação. Além dos seminários e palestras, ocasiões em que eram discutidas questões como as relativas ao currículo dos cursos a serem plenificados.

As mulheres professoras também estiveram presentes em movimentos, como o sindical, em âmbito estadual, municipal, conforme pontuado anteriormente e em movimentos políticos, como o das Diretas Já, indo às ruas de Caxias para participar de atos públicos em prol das eleições para presidência da república através do voto direto. Dessa forma, continuavam forjando a sua identidade que, segundo Ciampa (1990), é movimento, transformação, metamorfose e, portanto, dinâmica.

Em Caxias, as lutas dos(as) profissionais da educação por melhores condições de trabalho e salários dignos tiveram considerável participação das mulheres professoras, sujeitos

deste estudo, e de outras não participantes dos diálogos estabelecidos no decorrer desta investigação, por motivos já anunciados e outras com quem não pudemos contatar.

Sobre a significativa participação no movimento grevista, uma das entrevistadas, Joseane Maia, assim se referiu ao envolvimento das docentes na greve de professores(as) das escolas estaduais de 1º e 2º graus, que foi liderada por docentes da então UEEC, em grande parte, mulheres professoras: “As mulheres eram o carro-chefe desse movimento.”

Foi, pois, o movimento sindical um dos “caminhos percorridos” pelas professoras ao participar ativamente nas atividades, inclusive nas comissões da greve. Essas professoras influenciaram as novas gerações para lutarem em prol de mudanças na sociedade capitalista. Uma evidência dessa contribuição relativa à luta sindical diz respeito à fundação do Sindicato dos Professores de Caxias, que agregou os demais servidores e hoje é denominado Sindicato dos Trabalhadores e Públicos Municipais de Caxias (SINTRAP). Tal instituição foi fundada por egressos do CESC-UEMA.

Outro aspecto que chama atenção sobre os caminhos percorridos dessas professoras é o relativo ao compromisso pedagógico e à formação contínua. Elas fundaram, com outras docentes, um círculo de estudos não somente no período da plenificação, mas também em momentos que a antecederam e nos subsequentes. Uma das colaboradoras, durante a entrevista, afirmou que aos sábados à noite, o grupo de professoras e professores engajados na luta em prol da plenificação reuniam para estudar.”

No decorrer da realização deste estudo, foi evidenciada a forma como se deu a inserção das mulheres professoras no magistério superior, em um período que era recente a presença feminina nas IES. As(os) professoras(es) eram contratadas(os) através de “seleção de currículo.”

Também constatamos, nos diálogos estabelecidos, que a escolha da profissão de professora se deu em razão de ser a opção de trabalho possível na década de 1970, no cenário caxiense. Porém, essa realidade não impediu o exercício de uma prática docente comprometida com a educação pública de boa qualidade para a classe trabalhadora.

Constatou-se que somente uma das docentes não lecionou no então primário (atualmente 1º ao 5º ano do ensino fundamental). Ao concluir a licenciatura plena em Letras, na UFMA, veio residir em Caxias e foi contratada e lotada no departamento de Letras da então UEEC.

Almejamos, pois, que este estudo possa contribuir para que as gerações presentes e as vindouras possam ter conhecimento sobre a participação efetiva das mulheres professoras enquanto protagonistas do processo de plenificação dos cursos de curta duração ofertados pela

então UEEC, assim como de cenários outros da educação caxiense nas décadas de 1970 a 1980. As colaboradoras que se dispuseram a dialogar e contribuir para a realização desta pesquisa transmitiram um quê de esperança. Demonstraram que suas identidades profissionais foram marcadas por sonhos possíveis que se constituíram “em motores” para suas lutas em prol da plenificação das licenciaturas do CESC-UEMA e do êxito do ensino superior público em Caxias. As docentes que participaram ativamente da história da plenificação entenderam que:

Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar, a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles que daquelas que em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo um profundo engajamento com hoje com o aqui e com o agora. Ai daquele que em lugar desta viagem constante ao amanhã se atrelem a um passado de exploração e de rotina. (Freire, 1982, p. 101).

Esperamos que este estudo contribua para discussões, análises sobre o ser e o fazer dessas mulheres professoras e pesquisas outras relativas à história da educação caxiense, que possui lacunas e, portanto, requer que sejam realizados estudos sobre a educação, cultura, instituições escolares, tendo em vista que as histórias das pessoas, instituições e de um povo deve ser reconstruída. A investigação sobre fatos ocorridos em momentos idos de uma dada comunidade, instituição e sociedade, traz ao presente elementos que contribuem para a compreensão de aspectos vários da sociedade em que se vive.

REFERÊNCIAS

- AKKARI, Paula. **Carvalho Júnior, presente! Uma homenagem ao poeta vítima da falta de combate à Covid-19.** Viuu, 2021. Disponível em: <https://viuu.com.br/2021/06/13/carvalho-junior-presente/>. Acesso em: 06 maio 2023.
- ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996.
- BARBOSA, Roldão Ribeiro. **Da faculdade de formação de professores ao Centro de Estudos Superiores de Caxias:** uma história de instalação e consolidação de ensino superior em Caxias. Dissertação (Mestrado em Educação). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2012.
- BARBOSA, Roldão Ribeiro. **Das escolas Superiores e Federação à Universidade Estadual do Maranhão.** Tese de Doutorado em História. UNISINOS. São Leopoldo-RS, 2018.
- BATISTA, Joana P. A cultura material escolar a partir do patrimônio edificado nos prédios escolares em Caxias-MA na década de 1930-1950. *In:* SOUSA, Isaac Moreira; MENEZES, Renato Lourenço de; VIANNA, Jotônio Moreira (org). **Cartografias Invisíveis.** Caxias: Academia Caxiense de Letras, 2015.
- BRASIL, **Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968.** Planalto gov.br. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.html. Acesso em: 23 jul. 2023.
- BRASIL. **Legislação Informatizada - Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 - Publicação Original.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 23 jul .2023.
- BRASIL. **Legislação Informatizada - Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971 - Publicação Original.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15 maio 2020.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 23 de jul. 2023.
- BRASIL/Maranhão/Caxias, **História & fotos.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/caxias/historico> Acesso em: 13 maio 2023.
- BURKE, Peter. História como memória social. *In:* **Variedades de história cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.2000, p.67-89.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular:** história e imagem. Bauru, SP: EDUSC. 2005.
- BUZAR, Solange Silva. **Os estágios supervisionados do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão, Rio de Janeiro, 1982.** Dissertação de Mestrado – Fundação Getúlio Vargas. 1982.
- CARVALHO JÚNIOR. **Brasil – Poesia dos Brasis – Maranhão.** Antonio Miranda, 2017.

Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/maranhao/carvalho_junior.html. Acesso em: 6 maio 2023.

CARVALHO JÚNIOR, Francisco de Assis. **Mulheres de Carvalho**. São Luís: Café & Lápis, 2011.

CARVALHO JUNIOR. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/n/bio/carvalho-junior>. Acesso em: 6 maio 2023.

CARVALHO, Maria Gema de Jesus. **Faculdade de Educação de Caxias, uma trajetória de muitas lutas e grandes vitórias**. Caxias: Nova Expansão Gráfica e Editora, 2007. 267p.

CARVALHO, Wibson. **História da cidade**. Câmara Municipal de Caxias, 2023. Disponível em: <https://cmcaxias.ma.gov.br/historia-da-cidade>. Acesso em: 30 jul. 2023.

CARVALHO, Wybson. **Caxias celebra 196 anos de Adesão à Independência do Brasil**. Prefeitura Municipal de Caxias, 2019. Disponível em: <http://caxias.ma.gov.br/2019/07/30/caxias-celebra-196-anos-de-adesao-a-independencia-do-brasil/> Prefeitura Municipal de Caxias. Acesso em: 15 ago. 2022.

CASCUDO, Luís Câmara. **Folclores no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundo da Cultura, 1967.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. *In: A invenção do cotidiano: 1- Artes de Fazer*. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 169-191.

CHARTIER, R. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. *In: A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. p.13-28.

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

COUTINHO, Milson. **Caxias das Aldeias Altas: subsídios para sua história**. 2. ed. São Luís: Caxias: Prefeitura de Caxias, 2005.

DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, M. História das mulheres: as vozes do silêncio. *In: FREITAS, M. C. (Org.). Historiografia brasileira em perspectiva*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 217-235.

DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. Diretas-Já: vozes das cidades. *In: FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (Orgs.). Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DIA DA MULHER - **Mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da->

mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica. Acesso em: 28 jul. 2023.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: EDUSP, 1998.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. ed. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FENSKE, Elfi Kürten. **Salgado Maranhão** - poeta dos acordes literários e musicais. Templo Cultural Delfos, 2022. Disponível em https://www.elfikurten.com.br/2020/10/salgado-maranhao-o-poeta-dos-acordes.html#google_vignette. Acesso em: 28 jul. 2023.

FERREIRA, N.S.A. As pesquisas Denominadas Estado da Arte. **Educação & Sociedade**, a. XXIII, n. 79, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2022.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, Maria Denei Cunha. **Práticas Pedagógicas e realidade social: um estudo crítico sobre a experiência da UEEC**. São Luís - MA: UFMA, 1984.

FREIRE, Paulo. Educação: um sonho possível. *In*: BRANDÃO, Carlos R. et al. (Orgs.). **O educador, vida e morte**. Rio de Janeiro: edições Graal, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 47 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTI, Angelina Bernardete. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília:

GIANNETTI, Eduardo. **Autoengano**. Editora Companhia das Letras, 2005. 256 p.

GIRLENE, Francisca. **Escritoras Caxienses Contemporâneas - Parte 1. Textos Encantadores**, 2018. Disponível em: http://textosencantadores.blogspot.com/2018/05/escritoras-caxienses-contemporaneas_6.html. Acesso em: 7 maio 2023.

GONTIJO, R.; OLIVEIRA, M. da G.; VARELLA, F. (Orgs.). **História e historiadores no Brasil: da América portuguesa ao Império do Brasil - c. 1730-1860**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

JOSSO, Marie. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

JOVITA, Clara Lopes. **Cultura e legado: a contribuição de Manoel de Páscoa para Caxias.** Imperatriz: Ethos Editora, 2017

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LACEY, Hugh. **Valores e atividade científica.** São Paulo: Editora 34, 2010.

LE GOFF, J. **História e memória.** 7. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2013

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado pedagogia da sexualidade 2d.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social.** São Paulo: Cortez, 1998.

LÜDKE, Menga. **O Professor e a pesquisa.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

MAIA, Helenice. Ser Professora: feminização e desvalorização do magistério. **Educação e cultura contemporânea**, v.6, n.12, jan./jun. 2009.

MARANHÃO, Salgado. **A cor da palavra.** Rio de Janeiro: Imago: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

MARANHÃO, Secretaria de Estado de Educação. **Projeto Bandeirante.** São Luís, 1968. Documento Mimeografado.

MARANHÃO, **Secretaria de estado dos direitos humanos e participação popular governo Maranhão.** Disponível em: <https://sedihpop.ma.gov.br/funac>. Acesso em: 28 jun. 2023.

MARANHÃO. **Lei 2.821, de 23 de fevereiro de 1968.**

MARQUES, Cezar Augusto. **Diccionario Historico-geographico da Provincia do Maranhão.** Maranhão: Typ. do Frias, 1870. p. 121-128. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221726>. Acesso em: 20 maio 2022.

MARTINS, R. A. Ciência versus historiografia: os diferentes níveis discursivos nas obras sobre história da ciência. *In*: GOLDFARB, A.M.A. & BELTRAN, M.H.R. (Orgs.) **Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas.** 1. ed. São Paulo: EDUC/Livraria da Física/Fapesp, 2004. pp.115-147.

MATEUS, Yuri Givago Alhadef Sampaio. **A Guerra da Balaiada.** São Luís, 2018. 49 f. Produto da dissertação A Balaiada na sala de aula: ensino de História do Maranhão Imperial e a produção do paradidático “A Guerra da Balaiada”. Disponível em: <https://www.ppghist.uema.br/wp-content/uploads/2016/12/Paradid%C3%A1tico-Yuri-vers%C3%A3o-p%C3%B3s-banca.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história cidade e trabalho.** Bauru, São

Paulo: EDUSC: 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MUNIZ, Antônio Rezende. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

NEVES, J.L. Pesquisa Qualitativa: característica usos e possibilidades. **Cadernos de pesquisa em administração**. São Paulo, v.1, n. 3, 2º sem. 1996.

OLIVEIRA, Damião Bezerra. **A formação do pesquisador na Pós-graduação em Educação na Universidade Moderna: valores epistemológicos e ético políticos** Tese de Doutorado em Educação - UFPA, 2013.

POEMAS de Carvalho Junior. **Revista Acrobata**, 2020. Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/demetrios/poesia/4-poemas-de-carvalho-junior/>. Acesso em: 06 maio 2023.

QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do indizível ao dizível. *In: VONSIMSON, O. M. (Org.) Experimentos com história de vida*. São Paulo. Vértice 1988.

RAIČIK, Anabel Cardoso; PEDUZZI, O. Q. Uma discussão acerca dos contextos da descoberta e da justificativa: a dinâmica entre hipótese e experimentação na ciência. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 132-146, jan./jun. 2015.

REBOUL, Olivier. **A Filosofia da educação**. Lisboa: Edições 70, 2000.

REVISTA Riquezas de Caxias. Prefeitura Municipal de Caxias, 2019. Disponível em: <http://caxias.ma.gov.br/wp-content/uploads/2019/12/REVISTA-RIQUESAS-DE-CAXIAS.pdf> Acesso em: 13.mar.2021.

RICOEUR, Paul. O eclipse da narrativa. *In: Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994.

SANTOS Riccieri Paula; ÁLVARES, Juliana Fernandes Rodrigues. Ética profissional um estudo contemporâneo dos princípios fundamentais do código de ética da psicologia. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia da FAEF**, v. 34, maio 2020.

SANTOS, Elizete. **Caminhos cruzados: o percurso trilhado pelas mulheres caxienses do curso de Ciências Naturais da FFPEM e a Missão Uspiana em Caxias Maranhão**. Tese de Doutorado em História, 2018.

SANTOS, Patrícia Silva. **Narrativas do Memorial da Balaiada: guia educativo**. São Luís, 2021. 37 f.; il. Produto Educacional da Dissertação - O Museu Escola Memorial da Balaiada e o ensino de história: identidades, história local e formação de consciências históricas em Caxias/MA, 2021.

SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção Memória da Educação).

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas. **Póiesis Pedagógica**, v. 9, n.1, p. 07-19, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/15667>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SILVA, José Augusto Medeiros. **CRUTAC: a história da Extensão Universitária da UFMA no município de Codó no período de 1972 a 1979**. Dissertação de Mestrado em Educação. UFMA, 2013.

SILVA, Juliana de Souza; SILVA, Katiane Nogueira da. Mulheres no ensino superior: histórias de professoras na direção da faculdade de educação da USP. **Revista Iberoam Patrim Histórico Educativo**, Campinas, v. 7, n. 23, p. 1, 2021.

SILVA, R. L. **Mulheres professoras do ensino primário caxiense na história da educação (décadas de 1950 a 1970)**. 2013. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís – MA, 2013.

SOUSA, C.P. Gênero e Universidade no Brasil: acesso ao ensino superior e condição feminina no meio universitário. In: GARCIA, Consuelo Flecha; PALERMO, Alicia Itaiti. (Orgs.) **Mujeres y Universidad em España y America Latina**. Buenos Aires /Madri: Miño e Dávila Editores, v.1 p. 153 -171, 2008.

SOUZA, Isaac Gonçalves; MENEZES, Renato Louro de; VIANA, Jotônio Moreira (Org.). **Cartografias invisíveis: saberes e sentires de Caxias**: Academia Caxiense de Letras, 2015.

SZYMANSKY, H.; ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. **A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

TANURI, Leonor Maria. **História da formação de professores**. Ver. Bras. de educação [online] 2000, n.14, p. 61-88.

TEIXEIRA, Manoel de Páscoa Medeiros. **Cultura e legado - a contribuição de Manoel de Páscoa para Caxias**. 2017.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TÍTULO DA PESQUISA: Caminhos percorridos pelas mulheres professoras no processo de plenificação das licenciaturas do centro de estudos superiores de Caxias-MA.

NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Rosane Lopes e Silva

A Sra. está sendo convidada a participar desta pesquisa cujo objetivo é analisar a trajetória e atuação das mulheres professoras, no processo de plenificação das licenciaturas da CESC-UEMA e as suas contribuições para o ensino superior em Caxias.

Sua participação é importante, porém, a Sra. não deve aceitar participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se desejar, qualquer pergunta para esclarecimento antes de concordar.

Seguem abaixo alguns esclarecimentos relacionados a pesquisa:

Envolvimento na pesquisa: a coleta de dados da pesquisa será realizada por meio de entrevista focalizada, técnica na qual o investigador se apresenta frente ao participante e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam a investigação, com mulheres professoras do CESC-UEMA das décadas de 1970 e 1980.

Garantias éticas: liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Confidencialidade: é garantida a manutenção do sigilo e da privacidade do participante da pesquisa, mesmo após o término da pesquisa, caso assim desejar. Somente a pesquisadora terá conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados. É garantido ainda que você terá acesso aos resultados com a pesquisadora.

Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa com a pesquisadora do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Este documento foi elaborado em duas vias de igual teor, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas, uma das quais ficará com a Sra. e a outra com a pesquisadora. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Caxias, ____ de _____ de 2023

Assinatura do Participante da Pesquisa

Rosane Lopes e Silva – Pesquisadora
Email: rosanelopescx03@hotmail.com
Telefone para contato: 99981451949

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista

TÍTULO DA PESQUISA: Caminhos percorridos pelas mulheres professoras no processo de planificação das licenciaturas do centro de estudos superiores de Caxias-MA.

NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Rosane Lopes e Silva

NOME:

DATA DA ENTREVISTA:

1. Faça uma narrativa sobre sua trajetória escolar e profissional.
2. Qual a contribuição do contexto sociopolítico e econômico das décadas de 1970 e 1980 para a criação, implementação e consolidação dos cursos de licenciatura do CESC-UEMA?
3. Qual a relevância do CESC-UEMA para a sociedade caxiense nas décadas de 1970 e 1980?
4. Qual o lugar das mulheres Professoras no processo de planificação do CESC-UEMA?
5. Qual a corrente pedagógica predominante e quem era as professoras nessa instituição, na década de 1980?

ANEXOS

ANEXO A – Lei nº 2821, de 23/02/ 1968- FFPEM

AUTORIZA o Poder Executivo criar uma Faculdade, na cidade de Caxias, para a formação de professores, e dá outras providências.

O Governador do Estado do Maranhão:

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º- Fica o Poder Executivo autorizado a criar uma Faculdade para a formação de professores - unidade educacional de natureza técnica e autárquica – na forma do Art.85, da Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1964 (Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional).

Parágrafo Único -A Faculdade terá sede e foro na cidade de Caxias, neste Estado, e gozará de autonomia didática, administrativa e disciplinar.

Art.2º - A administração da Faculdade, na forma a ser estabelecida em seu Regimento, será exercida pela:

- a) Congregação;
- b) Conselho Departamental; e
- c) Diretoria.

Art.3- Compete à Faculdade:

§1º - Por finalidades gerais:

1-Educar:

a) formar atitudes habituais compatíveis com as necessidades e aspirações individual e social:

b) inculcar convicção dos princípios dos direitos humanos e de Justiça Social consubstanciados na Constituição Federal, na Carta da Organização dos Estados Americanos e na Carta das Nações Unidas:

c) comunicar princípios valorativos que assegurem como estilo de vida, o desenvolvimento de uma mentalidade de aperfeiçoamento pessoal e das instituições sociais, permanente e sistemático;

II - Instruir:

- a) comunicar informações e conhecimentos;
- b) adestrar o manejo de técnicas;
- c) formar o pensamento lógico;
- d) preparar para a vida de convivência social;
- e) criar hábitos de trabalho intelectual e de pesquisa;
- f) formara inteligência prática.

II Formar para a vida adulta:

a) orientar educacional e vocacionalmente, de acordo com os interesses e aptidões de cada um;

- b) preparar para a vida profissional;
- c) preparar para a vida de convivência familiar:

d) preparar para vida de convivência social:

e) preparar para a vida política;

f) preparar para a vida do consumidor de bens técnicos, institucionais e culturais.

§2º - por finalidades específicas:

- a) formar professores para cursos de nível médio, bem como para o exercício do magistério em nível superior;
- b) dar aos professores e estudantes ensejo de especializarem de investigação ou da técnica, conforme em campos específicos suas aptidões individuais;
- c) colaborar na generalização da alta cultura intelectual na região e no Estado;
- d) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituírem objeto do ensino ministrado.

Art. 4º - A Faculdade manterá cursos regulares de:

- a) Pedagogia
- b) Ciências
- c) Letras
- d) Ciências Sociais

§1º - Outros cursos poderão ser criados, de acordo com a legislação vigente.

§2º - A instalação de Cursos fora da sede, em outros municípios do Estado, dependerá de parecer prévio da Secretária de Educação e Cultura e autorização do Governador do Estado em exposição de motivos apresentada pelo Diretor.

Art. 5º - Os cursos regulares terão ciclo básico e ciclo profissional e as disciplinas poderão ser lecionadas sucessiva ou simultaneamente.

Art. 6º - O período letivo será semestral e o Regimento da Faculdade fará adoção e regulará o sistema de crédito para a promoção nas disciplinas dos cursos.

Art. 7º - O cargo de Diretor da Faculdade é privativo de professor universitário com notória capacidade e experiência ao setor escolha pelo Governador do Estado e far-se-á na administrativo, e sua escolha forma como dispuser o Regimento.

Parágrafo Único - O Regimento da Faculdade deverá ser aprovado pelo Poder Executivo em ato próprio.

Art. 8º - Fica incluído no Quadro Único dos Funcionários Cíveis do Poder Executivo o cargo de Diretor, em comissão, símbolo 1-C, destinado à Faculdade de que trata esta Lei.

Art. 9º - Fica o Poder Executivo autorizado a criar as funções gratificadas necessárias à execução desta Lei.

Art. 10 - A Faculdade manterá pessoal docente, técnico e administrativo, que será constituído de:

- a) funcionários públicos requisitados na forma da legislação observados, no que couber, as disposições do Estatuto do Magistério vigente;
- b) pessoal contratado segundo as normas estabelecidas pela Legislação do Trabalho.

Parágrafo Único - Na contratação do pessoal docente serão superiores e outras leis aplicáveis.

Art. 11 - Na estrutura dos órgãos estaduais, a Faculdade fica vinculada à Secretaria de Educação e Cultura.

Art. 12 - Para as despesas de instalação e de início de funcionamento, em 1º de janeiro de cada ano em curso, fica o Poder Executivo autorizado a abrir um crédito especial de NCr\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros novos), com exercício. recursos provenientes da receita do corrente exercício.

Art. 13 - Para manutenção da Faculdade, a lei orçamentária estadual consignará, anualmente, recursos sob a forma de dotação global.

§1º - Mediante proposta apresentada pelo Diretor da

Faculdade, ouvido previamente o Conselho Departamental, o orçamento será submetido à aprovação do Governador do Estado.

§2º- A dotação orçamentária destinada à Faculdade será creditada, mensalmente, em conta especial, no Banco do Estado do Maranhão dentro dos limites das cotas trimestrais a ela destinadas e do esquema de desembolso aprovado pelo Poder Executivo.

Art. 14 - O controle contábil e financeiro dos recursos da Faculdade, sem prejuízo de competência específica do Tribunal de Contas do Estado, será exercido por um Conselho de Curadores.

Parágrafo Único -A Constituição e as atribuições do Conselho de Curadores serão estabelecidos no Regimento da Faculdade.

Art. 15 -O Poder Executivo, no prazo 30 (trinta) dias regulamentará a presente Lei.

Art. 16 - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da presente Lei pertencerem o que a cumpram tão inteiramente como nela se contém. O Exmo. Senhor Secretário de Educação e Cultura, a faça publicar, imprimir e correr

Palácio do Governo do Estado do Maranhão, em São Luís, 23 de fevereiro de 1968, 146º da independência e 78º da República.

JOSÉ SARNEY

José Maria Cabral Marques

ANEXO B – Convênio do Governo do Estado e Universidade de São Paulo

Convênio que entre si fazem o Governo do Estado e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Considerando a proposta formulada pelo Governo do Estado do Maranhão, através de sua Secretaria de Educação, em carta de 9 de outubro de 1969 endereçada ao Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo tem não apenas condições para atender à proposta formulada, mas também por força de seus objetivos, empenho nesse atendimento.

A Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, aqui designada simplesmente Secretaria e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, aqui designada simplesmente Faculdade convêm no seguinte.

Cláusula 1ª- A Secretaria que mantém em Caxias uma Faculdade formar professores do primeiro ciclo ao ensino médio, propiciará as condições necessárias para que, nessa instituição, possa lecionar uma missão de professores da Faculdade;

Cláusula 2ª - A Faculdade enviará periodicamente a Caxias, MA, para ministrar cursos para Faculdade, um grupo de professores especialistas nas Áreas de Estudos Sociais, Letras, Ciências e Educação;

Cláusula 3ª - Esses professores lecionarão de cada vez durante 30 dias, de acordo com o escalonamento estabelecido pela Faculdade:

Cláusula 4 - A Faculdade integrará sua missão docente em professores, não apenas de alto nível científico e acadêmico, mas comprovada experiência na formação de professores secundários;

Cláusula 5ª- A Secretaria fornecerá a cada Professor uma passagem aérea (ida e volta), pagará sua hospedagem e o remunerará com uma mensalidade de NCr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros novos);

Cláusula 6 - Durante o curso ou findo este a Faculdade se compromete a receber, para estágios supervisionados e cursos de mestrado e doutorado os candidatos a professor;

Cláusula 7 - A Secretaria fica com a responsabilidade dos ônus de transporte e estada desses candidatos:

Cláusula 8ª - Diplomados os alunos do curso e aberta, pela Secretaria, concursos de títulos, de provas para o ingresso desses candidatos no magistério secundário e oficial do Estado do Maranhão, a Faculdade indicará pelos menos um de seus professores para integra cada banca de concursos;

Cláusula 9ª- Ficam à Secretaria os ônus desses concursos a Faculdade inclusive as despesas de viagem e de estada do Professor da Faculdade na remuneração, arbitrável esta, na altura, própria pela Secretaria;

Cláusula 10 - Este convênio tem a duração de dois anos a contar de janeiro de 1970.

Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula
Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras da Universidade de São Paulo.

Dr. José Maria Cabral Marques
Secretário de Educação e Cultura do Estado Maranhão

ANEXO C – Cessão do Prédio do Ginásio Bandeirante

O GOVERNADOR DO ESTADO DO MARANHÃO, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

Art. 1º-Ceder o prédio do Ginásio Bandeirante, do município de Caxias, para funcionar a Faculdade de Formação do Professor de Ensino Médio, do mesmo município.

Art. 2º- Revogam-se as disposições em contrário922o. Palácio do Governo do Estado do Maranhão, em São Luís, 28 de setembro de 1973, 151 da Independência e 84º da República.

PEDRO NEIVA DE SANTANA

Carlos Magno Duque Bacelar

Protocolo N° 4646

Publicado – Diário Oficial – DO 04/10/1973

ANEXO D – Relação com os nomes dos professores seletivados por departamentos de lotação

Departamentos de Química e Biologia
<ul style="list-style-type: none"> • Gizelia Araújo Cunha Porto – CPF: 01115191365 • Maciel dos Santos Lima – CPF: 04872483332
Departamento de História e Geografia
<ul style="list-style-type: none"> • Mirian Ribeiro Reis – CPF: 99340852320 • Joabe Rocha de Almeida – CPF: 04520847338 • Maria do Amparo Moura Alencar Rocha – CPF: 70060533315 • Fernando da Silva Sampaio – CPF: 00996613307 • Inara de Sousa Barros – CPF: 60858031337 • Flavia de Sousa Lima – CPF: 85762920330 • Gerson Kaio Lima Borges – CPF: 04609012308 • Jessica Cristina Oliveira Frota – CPF: 04852886300 • Patricia Barbosa Pereira – CPF: 03400338354
Departamento de Letras
<ul style="list-style-type: none"> • Alicia Dandara Tavares de Sousa Santos – CPF: 05406084321 • Ligia Vanessa Penha Oliveira – CPF: 60487921313 • Monica Cardoso Silva – CPF: 81146086334 • Andreana Carvalho de Barros Araújo – CPF: 65936434320 • Vilma Rodrigues Mascarenhas – CPF: 92047149304
Departamento de Matemática e Física
<ul style="list-style-type: none"> • Antonio Deigerson da Costa Lopes – CPF: 03460191333 • Helio Francisco dos Santos Filho – CPF: 00748888381 • Giovane de Souza Silva – CPF: 03302697392 • Iure da Silva Carvalho – CPF: 03251932314 • Julio da Silva Santos – CPF: 04346013309 • Mateus Silva Rêgo – CPF: 60414637364 • Valdone Mendes Vieira – CPF: 6671756368
Departamento de Educação
<ul style="list-style-type: none"> • Aurelice Maria de Oliveira Paula – CPF: 40707253349 • Dilmar Rodrigues da Silva Junior – CPF: 5011810321 • Domitilia Lopes de Sousa – CPF: 49290657391 • Dulce Helena Teixeira dos Santos – CPF: 61510459391 • Ellery Henrique Barros da Silva – CPF: 01987339339 • Emmanuele Maria Brito de Sousa – CPF: 60480555362 • Ilanna Brenda Mendes Batista – CPF: 03622508396 • Jânio Oliveira Lima – CPF: 28201209893 • Jeisson Fernando de Sousa – CPF: 07209988327 • Joseane Cristina dos Santos Sousa – CPF: 04059623393 • Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior – CPF: 05251597380 • Wedson Jonas Barros Silva – CPF: 02648082310

Departamento de Ciências Sociais
<ul style="list-style-type: none">• Adriana Rodrigues de Oliveira – CPF: 65550900300• Antonio Henrique Passos de Sousa Santos – CPF: 00250505754• Bruna Karine Nelson Mesquita – CPF: 03247721304• Gleiciane Brandao Carvalho – CPF: 03316471332• Pablo Andrey da Silva Santana – CPF: 98168231368• Tayna Egas Costa – CPF: 01068953381• Sanatiana Gomes Alencar – CPF: 65020286320
Departamento de Ciências da Saúde
<ul style="list-style-type: none">• Marina de Oliveira Cardoso Macedo – CPF: 89119371349

Fonte: Secretaria UEMA

ANEXO E – Relação professores efetivos Campus Caxias

Nº	NOME	ADMISSÃO
01	AF ALI UTHANT MOREIRA LIMA DA COSTA	30/05/2012
02	ALCEBIADES COSTA FILHO	30/08/1999
03	ANA CARLA MARQUES DA COSTA	28/06/2006
04	ANTONIA MIRAMAR ALVES SILVA ALMADA LIMA	01/04/2003
05	ANTONIA VALTERIA MELO ALVARENGA	30/08/1999
06	ANTONIO HIGO REGO ABREU	30/05/2012
07	ANTONIO LUIZ ALENCAR MIRANDA	02/03/2004
08	ARLETE RODRIGUES DA SILVA	28/06/2006
09	ARYDIMAR VASCONCELOS GAIOSO	30/08/1999
10	BENIGNA MARIA DE ASSUNÇÃO COUTO	28/06/2006
11	BENIGNA MARIA DE ASSUNÇÃO COUTO	02/02/2008
12	BENILTON TORRES DE LACERDA	04/05/2015
13	CARLOS AUGUSTO SILVA DE AZEVEDO	09/02/2001
14	CELINA AMÉLIA DA SILVA	09/08/1996
15	CHRISTIANNE SILVA BARRETO	09/01/2006
16	CLÁUDIA MARIA MAGALHÃES MOTTA	02/06/1995
17	CLEIA MARIA LIMA AZEVEDO	09/08/1996
18	CONCEICAO DE MARIA AGUIAR BARROS MOURA	09/01/2014
19	CONCEICAO DE MARIA AGUIAR BARROS MOURA	28/06/2006
20	CRISTOVÃO MADEIRA DE ALBUQUERQUE	05/03/2009
21	DEUSIANO BANDEIRA DE ALMEIDA	09/08/1996
22	DEUZUITA DOS SANTOS FREITAS VIANA	15/09/2015
23	EDIOMAR COSTA SERRA	13/06/2011
24	EDNA RIBEIRO DE CASTRO	05/04/2002
25	ELIANA CAMPELO LAGO	05/03/2009
26	ELIZANGELA FERNANDES MARTINS	02/02/2008
27	ELIZETE SANTOS	31/08/1999
28	ELIZEU ARRUDA DE SOUSA	19/02/2004
29	ELMARY DA COSTA FRAGA	09/08/1996
30	ELOY BARBOSA DE ABREU	21/06/2017
31	EMANOEL CESAR PIRES DE ASSIS	10/04/2015
32	EMERSON ALBUQUERQUE MARQUES	09/01/2006
33	ERLINDA MARIA BITTENCOURT	05/06/2000
34	EVALDINO CANUTO DE SOUZA	02/04/2001
35	EVANDRO DE JESUS PENHA	09/01/2006
36	FERNANDO RIBEIRO CASTRO	30/05/2012
37	FLÁVIO KULAIF UBAID	16/11/2016
38	FRANC LANE SOUSA CARVALHO DO NASCIMENTO	01/06/2006
39	FRANCISCA REGINA RODRIGUES NETO	30/08/1999
40	FRANCISCO ALBERTO ALENCAR MIRANDA	09/08/1996
41	FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA ARAÚJO	30/08/1999
42	FRANCISCO JOSÉ SOUSA MAGALHÃES	05/03/2009
43	FRANCISCO LAURINDO DA SILVA	09/01/2006
44	FRANCISCO LIMEIRA DE OLIVEIRA	27/09/1996
45	FRANCISCO PORTELA MORAIS	09/08/1996

46	FRANCISCO QUEIROZ DOS SANTOS	20/06/2011
47	FRANJOSSAN GOMES DOS SANTOS	14/04/2015
48	GEORGYANNA ANDREA SILVA MORAIS	20/06/2011
49	GONÇALO MENDES DA CONCEIÇÃO	09/08/1996
50	IRENE SOUSA DA SILVA	28/06/2006
51	IRENE SOUSA DA SILVA	09/01/2006
52	JAKSON DOS SANTOS RIBEIRO	13/04/2015
53	JAMES DEAN DE OLIVEIRA ARAUJO	12/03/1984
54	JOAO ALBERTO SANTOS PORTO	23/04/2015
55	JORDANIA MARIA PESSOA	30/08/1999
56	JORGE LUIS TORRES MONTOYA	09/01/2006
57	JORGE MARTINS FILHO	30/08/1999
58	JOSÉ AMÂNCIO RIBEIRO NETO	30/08/1999
59	JOSÉ DE RIBAMAR ROSS	28/06/2006
60	JOSÉ DE RIBAMAR ROSS	01/04/2003
61	JOSE DE RIBAMAR VIANA COIMBRA	09/08/1996
62	JOSE MAGNO SOUSA MAGALHÃES	30/05/2012
63	JOSEANE MAIA SANTOS SILVA	31/12/1986
64	JOSELEIDE TEIXEIRA CÂMARA	29/01/2013
65	JOSENEIDE TEIXEIRA CÂMARA	28/06/2006
66	JOSUÉ RIBEIRO CARNEIRO	14/06/2011
67	JULIERMES CARVALHO PEREIRA	13/06/2011
68	KELVYA FERNANDA ALMEIDA LAGO LOPES	09/01/2014
69	LAICE FERNANDA GOMES DE LIMA	15/08/2017
70	LÉLIA DE OLIVEIRA CRUZ	02/07/1998
71	LEONIDAS REIS PINHEIRO MOURA	28/06/2006
72	LIDINALVA DE ALMADA COUTINHO	02/04/2001
73	LUCIANO ANDRE ASSUNÇÃO BARROS	09/01/2006
74	LUIS DOMINGOS RAMOS COSTA	09/01/2006
75	LUIS FAUSTINO DA SILVA	21/07/1980
76	LUIZA CARLA BARBOSA MARTINS	16/04/2015
77	LUIZA DAIANA ARAÚJO DA SILVA FORMIGA	23/05/2016
78	MÁBIO DE JESUS DOS SANTOS DE ASSUNÇÃO	05/03/2009
79	MAGNÓLIA DE JESUS SOUSA MAGALHÃES	05/12/1990
80	MANOEL AFONSO CAMPELO FILHO	30/08/1999
81	MANOEL DO NASCIMENTO BARRADAS	01/09/1983
82	MANOEL EUBA NETO	09/08/1996
83	MARCIA RAIKA E SILVA LIMA	22/02/2017
84	MARCIA REGINA FERREIRA SANTOS	09/08/1996
85	MARIA CLAUDENE BARROS	09/08/1996
86	MARIA CLEONEIDE DA SILVA	05/04/2002
87	MARIA DE JESUS LOPES MOUSINHO NEIVA	28/06/2006
88	MARIA DO CARMO CAVALCANTE LACERDA	02/02/2008
89	MARIA DO SOCORRO CARVALHO	05/06/2000
90	MARIA EDILEUZA SOARES MOURA	28/06/2006
91	MARIA HILDA RIBEIRO ARAUJO	23/05/2012
92	MARIA LOURDENE PAULA COSTA	01/04/2003
93	MARIA LUCIA AGUIAR TEIXEIRA	09/08/1996

94	MARIANGELA SANTANA GUIMARÃES SANTOS	01/04/2003
95	MARINALVA AGUIAR TEIXEIRA ROCHA	05/06/2000
96	MARINALVA VERAS MEDEIROS	21/06/2017
97	MARLUS LOPES VASCONCELOS	30/05/2012
98	MAURA CELIA CUNHA E SILVA	13/06/2011
99	MAURA REJANNE AMARAL RODRIGUES AMORIM	02/04/2001
100	MILTON JOSE PACHECO RIOS	31/12/1986
101	MONICA CRISTINA MELO SANTOS GOMES	28/06/2006
102	NATERCIA MORAES GARRIDO	20/06/2011
103	PAULO AFONSO DE AMORIM	09/08/1996
104	QUESIA GUEDES DA SILVA CASTILHO	13/06/2013
105	RAIMUNDA BARROS BORBA	30/08/1999
106	RAIMUNDO CLECIO DANTAS MUNIZ FILHO	23/04/2015
107	RAIMUNDO LUIZ FERREIRA DE ALMEIDA	09/08/1996
108	RAIMUNDO NONATO MOURA OLIVEIRA	02/02/2008
109	RAPHAEL SIDNEY BANDEIRA	30/05/2012
110	RAQUEL ROSA CANDEBAT VALLEJO ARAUJO	09/01/2006
111	REINALDO DOS SANTOS BARROSO JUNIOR	24/06/2015
112	RIVALDO LIRA FILHO	28/06/2006
113	ROLDÃO RIBEIRO BARBOSA	09/08/1996
114	ROSANE LOPES E SILVA	09/08/1996
115	ROSÂNGELA NUNES ALMEIDA	09/01/2014
116	ROSANGELA VELOSO DA SILVA	05/06/2000
117	SALÂNIA MARIA BARBOSA MELO	30/08/1999
118	SHIRLANE MARIA BATISTA DA SILVA MIRANDA	09/08/1996
119	SHIRLEY MARREIROS LEAL LOPES	05/03/2009
120	SILVIA MARIA CARVALHO SILVA	30/08/1999
121	SINÉSIO TORRES JÚNIOR	09/01/2006
122	SOLANGE SANTANA GUIMARÃES MORAIS	19/02/2004
123	VALERIA CRISTINA SOARES PINHEIRO	20/06/2000
124	WILSON MARTINS DE SOUSA	01/10/1977

Fonte: Secretaria UEMA, 2023.